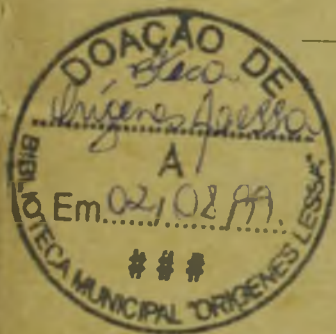


Bibliotheca do *Jornal do Brazil*

# D. PEDRO II

*O* *Lejendas Reimadas*  
*Henri Moniz*



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
- ORIGENES LESSA -

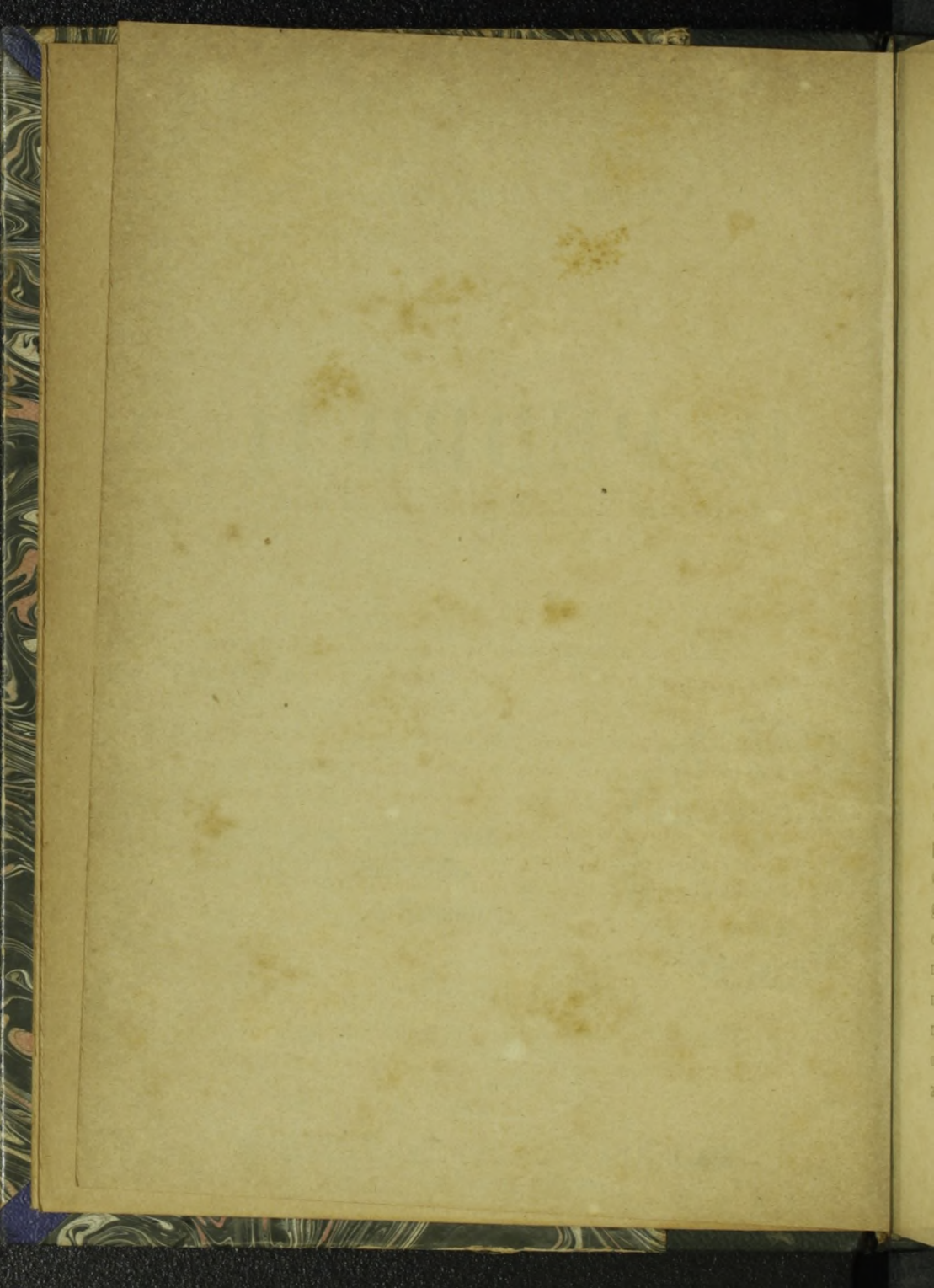
Tombo N.º \_\_\_\_\_

RIO DE JANEIRO

Typographia do JORNAL DO BRAZIL — Rua Gonçalves Dias n. 56

1892

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"  
Lencóis Paulista - SP



## NOSSA MISSÃO NA IMPRENSA

---

Terminada a installação de suas officinas, inaugura com o numero de hoje o *Jornal do Brazil* a sua impressão definitiva nos aperfeiçoados machinismos, em cuja aquisição annunciára aos seus leitores haver-se esmerado com todo o empenho correspondente á extrema generosidade e á confiança sempre crescente que, a contar do primeiro dia desta folha, a opinião nacional não cessou de liberalisar-lhe. Compreender-se-ha, por isto, que assignalemos como o inicio de uma éra melhor para esta casa e os que tanto a têm honrado com as suas sympathias, o momento em que começamos a dispôr e entramos a usar, no serviço do publico, de meios tão amplos e de instrumentos tão completos de vulgarisação quão largo ha sido o favor com que elle nos tem cercado. Esse favor vai além de tudo quanto jámais ousámos esperar ; compensa-

nos nimiamente do esforço consumido e nos estimula a perseverar no rumo que nos traçámos, convencidos de que esse rumo é certo, seguro e verdadeiro, desde que provadamente obedece a correntes tão numerosas, vastas e profundas, do pensamento ou da aspiração brasileira no presente. D'ahi é que não variamos: essa linha é que não havemos desamparar. Nós a indicámos desde o primeiro dia, declarando-nos invencivelmente alheios a quaesquer ambições e a todas as solidariedades da politica, para ficarmos inflexivelmente obrigados ao serviço dos interesses superiores e permanentes da communhão brasileira, tão profundamente compromettidos, mercê das sorpresas, das experimentações e das influencias anarchisadoras que penetrarão o organismo social, para mina-lo em todos os seus fundamentos. Esse desprendimento de compromissos, tanto mais lisamente invocado como penhor de sinceridade e desinteresse quanto (seja-nos permittido recorda-lo) o que se honra de haver congregado os publicistas eminentes e igualmente desinteressados que aqui se encontrão reunidos, ha muito já havia feito renuncia de quasquer aspirações politicas quando outro encanta e melhores illusões ellas podião offerecer, mais nos não valeu, aliás, que a suspeição da maioria dos responsaveis por esta ordem de cousas e como taes interessados em confundir a critica com o odio ou a guerra, para denunciarem a verdade como conspiradora, e a liberdade como inimiga, ameaçando-nos com as armas usuaves da intolerancia contra a livre discussão e o livre exame. Esperemos, pelo paiz, que semelhantes inspiraões jamais venhão a vingar novamente no seu



governo e que lhe seja poupada a derradeira provação de ver condemnada ao silencio a voz dos que saibão e queirão confiar no seu futuro, lidando por elle com a isenção, a independencia e a moderação que convém ao amor da patria e á melhor defeza dos seus supremos interesses.

Outro, razoavelmente, não pôde ser tambem o fito das instituições. Seja qual fôr o seu nome, o seu rotulo ou sua forma exterior, ellas jamais lograrão medrar neste sólo e neste tempo, embora triumphos occasionaes e passageiros como as nuvens, se pretenderem basear-se systematicamente na desconfiança, na compressão e na força, em vez de assentarem nos largos principios de tolerancia, de liberdade e de ordem que constituem a atmospherá moral de nosso seculo e fazem a força e o brilho da civilisação contemporanea. Melhor serviço lhes prestamos nós, talvez, e mais as fortificamos, (quem sabe?) com a nossa resistencia aos seus abusos e excessos, desviando-as de se confundirem na alma descrente e no descontentamento concentrado do povo com a carestia da vida, o curso forçado das notas bancarias, o cambio baixo, os impostos odiosos e insupportaveis, a autoridade sem peias, o arbitrio sem limites, a desorganisação geral sem termo definido, do que aquelles que nos não sabem mostrar-as senão com a carranca do terror contra tudo que pareça uma expressão de altivez, um conselho de patriotismo, um symptoma de coherencia, um signal de desinteresse, uma esperanza de melhoramento, uma aspiração de liberdade, uma revelação de rejuvenescimento ou de virilidade, uma veleidade de independencia, um

protesto contra a corrupção, uma reivindicação da probidade e do pudor.

Mas, não nos preocupamos de disputar aos que se decláram os primeiros responsaveis das instituições e seus doutores *ex-officio* o privilegio exclusivo em que se dizem investidos de entende-las, servi-las, interpreta-las e defende-las. Ai dellas, se se deixarem apoderar pelo fanatismo das seitas, o espirito da violencia, o exclusivismo e a intransigencia das facções! Como quer que seja, uma preocupação mais alta nos absorve. São os interesses essenciaes da sociedade brasileira, os elementos fundamentaes de sua existencia, as garantias primordiaes de sua expansão, os principios tradicionaes e conservadores de sua autonomia, de sua integridade e de sua grandeza, as suas regalias historicas, as franquezas indispensaveis á sua liberdade e inseparaveis de qualquer regimen normal, são e fructificador. Estes grandes interesses perigão quando o credito publico baixa a extremos dolorosos, a moeda nacional deprecia-se em proporções aterroradoras, a riqueza particular sente-se cada dia diminuida, as despezas publicas e os encargos do thesouro avolumão-se como torrentes, as relações internacionaes sorprendem o paiz com desar e desastres invariaveis, a liberdade individual depende do arbitrio, as leis são feitas pelo governo, a ordem nas ruas resulta simplesmente da indole resignada e pacifica das populações, a confiança geral é substituida pela incerteza absoluta sobre o dia de amanhã; em summa: todas as forças materiaes, moraes e politicas da sociedade parece haverem perdido a consciencia de sua solidez, a noção de sua

estabilidade e a convicção de seu prestimo, de seu destino e de sua duração. A defeza destas grandes causas e a restauração destas grandes forças é que nos alistaráo na imprensa. Diante dellas desaparecem as questões accessorias e mesquinhas, nas quaes se comprâzem o culto fetichista das apparencias e das exterioridades e o doutrinário intolerante e esteril das seitas e dos partidos.

Os povos não se fizerão para os regimens politicos: sim esses regimens para os povos. Tanto peor para as formas de governo que não souberem comprehender aquelles graves interesses e dar-lhes satisfações e garantias; tanto melhor para as instituições que quizerem e puderem consubstancia-los, engrandece-los, preserva-los da corrupção e do aniquillamento. Dessas instituições será o paiz. Delle sómente, de sua liberdade e de seu futuro, amanhã como hoje, é que será o *Jornal do Brazil*.

---

## UM PERFIL DE JORNAL

---

Cada um pôde julgar por si mesmo do crescimento que em poucos mezes teve este jornal e da posição a que elle chegou na imprensa. A influencia dos jornaes sobre a opinião não é sempre proporcional á sua tiragem;—o *Times*, por certo, tem maior influencia do que o *Daily Telegraph*,—mas uma grande circulação é necessaria para uma folha poder ser chamada influente. Se é o merito intrinseco que lhe dá autoridade, a circulação é a réde pela qual a autoridade se espalha. Esta preliminar o *Jornal do Brazil* preencheu-a em pouco tempo. O seu futuro está entregue ao seu criterio. Neste numero que assignala o primeiro estadio de sua carreira parece-me interessante deixar uns traços relativos ás suas origens mais remotas, como se enterrão nos alicerces de uma fundação todos os documentos que a possão illustrar.

Ao *Jornal do Brazil* applica-se a conhecida definição de uma bella vida: elle tambem é *um sonho da mocidade*

*realizado na idade madura.* O seu fundador é uma das figuras contemporaneas em quem fôra mais curioso estudar o embate das aspirações com o *meio* politico. Rodolpho Dantas, feito da massa de que se tiravão os nossos presidentes do conselho; filho, além disso, de um estadista que aos seus muitos predicados juntava o mais precioso de todos em politica como nos negocios, uma boa estrella; alliado á primeira casa territorial do Rio de Janeiro, retirou-se da politica logo depois de ter galgado, muito joven, as primeiras posições. Discutiu-se muito o motivo dessa retirada, simples e modestamente effectuada; a verdade é que ella foi um acto de coragem moral, que assignalou a incompatibilidade do renunciante com o meio politico. Era — não a repugnancia passageira do actor por um papel que lhe distribuisssem, mas o seu tédio profundo pelo proprio theatro. Entre os signaes da quêda da monarchia pôde-se contar tambem aquelle. Quando as instituições adquirem a consciencia de sua impotencia social e duvidão de sua necessidade, como em redor da monarchia tudo duvidava (viu-se bem a adhesão até da côrte) chegando a duvida a passar á propria dynastia, os espiritos que não se empedernirão no egoismo partidario, que, aliás, é tambem uma especie de dedicação, resignão-se ou resignão. A renuncia do Sr. Saraiva, por exemplo, devêra pôr de sobreaviso a republica, assim como a renuncia do general Mitre é, a meu ver, a declaração de fallencia da illusão republicana no Prata.

As repulsões instinctivas que Rodolpho Dantas julgou invenciveis entre o seu temperamento e a politicagem, que não é a casuistica da Moral mas a da falta

de moral, não podião, porém, alterar a natureza do seu espirito, por herança, estudos e inspirações, essencialmente político. Era visível que elle havia de procurar algum meio de entrar outra vez em communicação com a opinião. Dous, tres annos, de recolhimento, queriam dizer dous, tres annos de augmento da força productiva; e depois? O espirito melhor disciplinado, abundantemente semeado por estudos systematicos, viagens de instrucção, relações com os homens de pensamento no estrangeiro, reflexão demorada e imparcial sobre as nossas cousas, não daria nos annos seguintes senão maiores colheitas? Que fazer de toda essa producção? Uma lei physiologica, lei mesmo da vida, lhe impunha a obrigação de descobrir, sendo preciso de crear, um posto de onde pudesse empregar utilmente as suas faculdades sem tirar-lhes a espontaneidade. Nesse trabalho de uma individualidade que abre caminho para fóra, surpreendeu-o a Revolução. Homem proeminente de um dos antigos partidos, apezar de tudo sempre ligado a elle, Rodolpho Dantas estava ameaçado, enquanto durou a monarchia, de ver apparecer na sua agradável cela de cartuxo politico, no Chalet Pompeiano de Friburgo, quem em seu nome e em nome do partido liberal, com dupla autoridade o desligasse dos seus votos, lhe impuzesse silencio aos escrúpulos e o arrastasse outra vez para a batalha em cuja confusão desaparece a personalidade e fica só o personagem. Eu sou dos que estão convencidos de que, mais cedo ou mais tarde, elle teria acabado por voltar politica.

No seu espirito, entretanto, se estava operando

durante esse periodo de recolhimento, que foi em sua vida o de maior actividade intellectual, não exactamente uma transformação (porque só ha transformação quando muda o eixo das idéas ; digamos, por exemplo, de um catholico, mesmo no ultimo grão de frouxidão do nexo religioso, que se torna Comtista), mas a formação de um fóco, ou de um «ponto de vista» conservador, não por opposição a liberal, pelo contrario liberal por opposição a radical ou intransigente.

Nesse ponto entre o pae e o filho dava-se uma diversidade de movimentos. O senador Dantas, como eu mesmo uma vez o descrevi, e ainda não tive motivo para variar, é um desses espiritos como fôra Thiers, como é Gladstone, que quanto mais envelhecem mais confiança adquirem no futuro, menos receio têm de que o equilibrio social venha a ser enfraquecido por grandes e profundas concessões ao espirito de novidade, e por isso se allião sem constrangimento algum aos elementos transformadores de todos os matizes, certos de que mesmo os revolucionarios ficarão sendo sómente *transformistas*, porque o futuro, na peor hypothese, se encarregaria de reduzir a revolução a simples reforma. O movimento de espirito em Rodolpho Dantas era exactamente em sentido contrario: era o movimento pelo qual o seculo XIX começa a criticar a Revolução Franceza, como um filho que fizesse a autopsia da mãe, a exigir mais do que reflexão e prudencia, verdadeiro medo, em relação ás mudanças radicaes que não tiverem sido calculadas em todos os seus effeitos, a julgar preciosa cada particula do

passado, sómente porque é uma tradição, e a ver, certamente, uma grande parte de enthusiasmo espontaneo, mas uma parte ainda maior de charlatanismo, e outra, a maior de todas, de especulação, nas cruzadas suscitadas de repente para mover a sociedade contra qualquer das suas fundações historicas.

Para um espirito que no seu isolamento procurava trazer todas as idéas e aspirações ao fóco conservador, a Revolução de 15 de Novembro não podia ter sido uma agradável surpresa; mas tambem, pela mesma disciplina a que se habituára, uma vez completa a subversão do velho regimen, elle tinha que collocar a evolução da nova fórmula no mesmo ponto optico.

Sob a republica Rodolpho Dantas achava-se em posição de maior independencia do que sob a monarchia; os laços de partido, cuja força só conhece quem já esteve ligado por elles, tinham-se espontaneamente desatado para todos. Afastado da politica activa, desta vez definitivamente, a não se prever uma dessas situações em que todos, indistinctamente, se devem á patria, elle sentio pouco a pouco aclarar-se em seu espirito a noção exacta do seu dever e a maneira de assumir a sua parte de responsabilidade na causa publica, sem forçar as suas affinidades a um papel a que ellas mal condescendião. Foi assim que se concretisou e tomou fórmula em seu espirito o sonho que, como antigo jornalista, nunca o tinha deixado de fascinar, de um jornal que lhe permittisse collaborar activamente na vida do paiz, e ficasse depois delle como uma instituição nacional permanente.

Um jornal assim tinha que ser, desde logo, pelas leis



da concorrência, um desses custosos e gigantescos aparelhos, que, na sua parte material, resumem a maravilhosa invenção científica deste século, dotado dos innumeráveis órgãos do jornalismo moderno, e deveria bastar, como todo o grande diário deve querer bastar, por si só, não somente á curiosidade cada vez mais excitável do publico, mas a todas as necessidades intellectuaes de uma época que só lê espontaneamente os jornaes. Feito desse modo, e uma vez fundado, elle seria uma força poderosa nas mãos do seu redactor, que a empregaria no serviço da causa que o inspirára a creal-o.

Mas, além do caracter, que se póde chamar a physionomia moral, os jornaes têm, cada um, uma physionomia litteraria propria, desde que é impossivel, por mais que se queira abstrahir das letras na imprensa, fazer um jornal que não pertença ou á boa ou á má litteratura. Cada jornal tem a sua feição distincta, que o publico reconhece logo, e que o torna mais ou menos sympathico ou necessario a cada um, conforme as suas inclinações de espirito.

Foi nesse ponto que praveleceu no *Jornal do Brazil* a nota pessoal do seu fundador, porquanto parece uma lei inevitavel que o creador faça sempre a creatura á sua imagem. O traço caracteristico do *Jornal do Brazil* é ser um jornal sahido de um gabinete de estudo. Não era preciso a contribuição dos mestres (Emile de Laveleye, Paul Leroy-Beaulieu) para se ver que elle representa antigas sympathias pelas sciencias sociaes. A collaboração de tantos especialistas (cartas militares, cartas navaes, H. Gorceix, Barbosa Rodrigues) revela o

habito de buscar as informações nas melhores fontes. A critica litteraria (Theophilo Braga, José Verissimo) allia-se á litteratura pura (De Amicis, Fialho de Almeida); a critica de sciencias e de arte (Schimper, Camarate) á historia nacional (Rio-Branco) emquanto a vibração da nota ephemera do dia (C. A., um pseudonymo que em outro tempo eu leria Joaquim Serra) sahe facil, matinal e sonora como um gorgeio de passaro. Quem quizesse levantar o reposteiro de sua redacção encontraria no seu poderoso *nós* um grupo notavel de escriptores, todos do mesmo nivel, da mesma elevação e da mesma escola, Rodolpho Dantas, S. de Barros Pimentel, Ulysses Vianna, Gusmão Lobo. Uma physionomia não se desenha n'um dia, mas os que têm seguido a marcha do *Jornal do Brazil* podem descobrir em sua feitura litteraria e politica uma antiga familiaridade com o *Journal des Debats* ou o *Temps*, isto é—com a classe de jornaes que preferem a seriedade á sensação, os assumptos ás personalidades, e cujo ideal seria serem, dia por dia, paginas definitivas da historia.

O espirito de Rodolpho Dantas tinha gravitado em politica desde as suas primeiras manifestações para a educação nacional. Elle foi um dos que melhor comprehendêrão o dilemma do Brazil: de resolver esse problema ou desapparecer. Ora, a educação não é uma obra de que se possa ver a cornija, nem mesmo o pavimento, os que trabalham nos alicerces. Quando deve comecar a educação da criança? perguntarão a Emerson; e o grande americano, o maior espirito que o Novo-Mundo até hoje produziu, respondeu: Cem annos antes

*della nascer.* Muito mais do que a educação da criança, a de um povo tem que ser preparada de um seculo atraz, e nessa tarefa de tão distante resultado e cujas primeiras colheitas hão de amadurecer quando não restar memoria dos semeadores, é que a flôr da intelligencia, da dedicação e da coragem de cada uma das gerações preparadoras tem que ser consumida. Esse foi o pensamento cardeal, o objectivo que da politica Rodolpho Dantas transportou para a imprensa. Em sua esphera individual, porque a obra da educação é sem numero, multiforme e no servi-la, cada um deve procurar a sua especialização; o seu contingente era crear um grande jornal que atravessasse, auxiliando-o e centuplicando os esforços individuos, o longo periodo da preparação nacional.

O jornalismo exerce sobre o talento e a ambição intellectual de nossa época uma attracção quasi exclusiva, porque é tambem quasi exclusivamente o que ella lê. Não preciso dizer que a educação de um povo não se pôde nem se deve fazer pelo jornal. Os povos que só lêm jornaes não pertencem ao numero dos povos chamados de *Cultura*. O jornalismo é mesmo fatal á producção litteraria de primeira ordem, a que se pôde chamar artistica. E' só jornalista, porém, quem pôde ensinar o publico a não ler sómente os jornaes. Seria um bello dia aquelle em que os melhores talentos do nosso paiz achassem lucrativo entregar-se ao livro e se preparassem para faze-lo. O jornal, entretanto, teria sempre o seu logar no movimento das idéas e, com a influencia crescente da imprensa, roubaria ás lettras uma parte, pelo menos equal, á que a politica sempre lhes roubou.

Como quer que seja, elle é d'ora em diante um dos factores essenciaes da vida nacional. Dia apoz dia elle levanta-se como o sol, e sua influencia augmenta na razão da força accumulada de suas tradições. Para a obra da educação o jornal póde ser assim ao mesmo tempo um accumulador de força e um irradiador de luz, e, por isso, quanto maior fôr a cultura do proprio jornalismo, em um paiz onde só o jornal é lido, melhor para a civilização nacional.

O *Jornal do Brazil* parece-me uma tentativa séria para utilizar a paixão exclusiva da nossa época pelo jornal em favor das grandes idéas que precisão do alento de uma litteratura toda para florescer.

JOAQUIM NABUCO.

---

---

---

**JORNAL DO BRAZIL**

---

---

JORNAL DO BRAZIL

## D. PEDRO II

---

Fechou os olhos D. Pedro II. A longa agonia do desterro acabou na paz intermina da morte e o fim dessa luta, que o Brazil e o mundo consternados acompanhavão ha mezes, abre definitivamente para o augusto varão o juizo sereno e inflexivel da historia. Sua memoria, aliás, não pertence unicamente á nação de que elle foi guia e pae: pertence tambem ao seculo de que foi lustre e honra, ao Novo Mundo de que foi no seu tempo o mais respeitado representante, á humanidade inteira, na qual ficará sendo uma das personificações mais gloriosas, mais dignificadoras e mais comprehensivas da virtude moral.

Neste sentido é que se ajusta perfeitamente a D. Pedro II a phrase celebre: *o homem fazia honra ao homem*; e sob esse aspecto superior e bemfazejo é que o seculo XIX alistarà no patriciado das suas glorias e inscreverà no Pantheon dos seus heróes o nome desse Imperador

com ufania não menos legitima do que pelos titulos da sciencia recolhe os de Darwin e de Pasteur, pelos direit-  
tos do genio os de Gœthe e de Hugo, pelos progressos  
maravilhosos que transformarão a vida em nosso planeta  
os de Lesseps e de Edison. Cabe, porém, ao Brazil rei-  
vindical-o especialmente como a maior figura de sua his-  
toria, a qual se confunde com a do Grande Morto nestes  
50 annos em que a nação se formou para a liberdade,  
para o trabalho e para a civilisação, allumiada pela sa-  
bedoria, guiada pela virtude e dirigida pelo patriotismo  
do preclaro soberano. O seu reinado, por justa mercê da  
Providencia, enche elle só esse largo periodo inicial da  
nossa vida independente, durante o qual modelárão-se  
todos os orgãos essenciaes á existencia nacional, affei-  
çoárão-se as instituições á indole do povo, firmárão-se as  
allianças internacionaes, cujo vinculo a sua tradição ori-  
ginária ha de cada dia apertar; no interior alargou-se e  
no estrangeiro elevou-se o credito á altura alcançada  
pelas primeiras nações modernas, estabeleceu-se a viação  
terrestre, fluvial e maritima, consolidárão-se as industrias  
e o commercio, constituiu-se o exercito e a marinha nas  
longas provações de uma guerra patriotica, tornou-se o  
paiz um dos mais conhecidos centros da immigração eu-  
ropéa; as letras, a eloqueneia e a politica produzirão os  
nossos mais bellos nomes, e afinal dignificou-se o traba-  
lho, isento gradativamente da mácula original do capti-  
veiro colonial e por ultimo assentado eternamente na lei  
de liberdade necessaria ao seu prestimo, á sua effica-  
cia e aos seus effectos moralisadores. Pedro II formou-se  
nesse periodo e formou-o á sua imagem.



Certo não é obra sómente sua este opulento e glorioso cabedal, cuja laboriosa accumulção se consummou durante o seu reinado semi-secular. Obra tão vasta e complexa não poderia ser o producto de uma só individualidade, nem ha de jamais dispensar a cooperação de numerosissimos factores : os antecedentes, o periodo, os auxiliares, o povo coadjuvãrão com a sua collaboraçãõ a D. Pedro II no pensamento de dar á massa ainda plastica da nacionalidade brazileira os caracteristicos que lhe imprimem a sua feição propria e distincta no quadro dos povos civilisados. O espirito superior do soberano, sua alta razão, seu coração magnanimo, affeioárão, porém, com tão profundo relevo, á sua imagem, a evoluçãõ operada nesse largo periodo, que não haverá como desconhecer a influencia preponderante do seu genio nas vastas transformações que o seu reinado realisou.

O seculo XIX chamar-se-ha, por isso, na historia brazileira, o seculo de Pedro II, com jus não menor que o seculo de Augusto em Roma ou o de Luiz XIV em França. Effectivamente, se não se lhe deve tudo quanto o seu reinado produzio, mais certo ainda é que a nada do que sua longa existencia de rei presidio elle foi estranho. Desde os melhoramentos materiaes até ás reformas sociaes e politicas, e desde estas até ás victorias nas guerras estrangeiras, em todos os factos e em todos os fastos de seu tempo, a influencia que melhor se discerne é a de suas grandes qualidades, tão honrosas para o homem quanto propicias ao soberano e ao desempenho de suas funcções magestáticas : a prudencia, a justiça, o desinteresse, a tolerancia, a bondade, a moderaçãõ, o

culto supremo das forças e dos interesses moraes; a fé no progresso, sem allucinações; a confiança no futuro, sem impaciencias, a crença sem limites, mas tambem sem fanatismo, na liberdade, o sublimado amor da patria sobre todas as cousas. O justo equilibrio dessas qualidades preparou-o para exercer a realeza constitucional com a mais elevada e superior despreoccupação de tudo quanto ao seu espirito não parecia a conveniencia fundamental da patria. Visto no seu conjuncto, o seu reinado é uma obra prima de paciencia humana e de dedicação patriótica. Nada era mais facil do que inutilisar no dia seguinte á Maioridade a boa vontade e a esperanza dos que não vião outro meio de sahir da olygarchia senão a sua coroação. No emtanto elle teve a habilidade de conseguir, por perto de meio seculo, a quasi unanimidade nacional em apoio do seu throno e de sua pessoa.

E' essa unanimidade que hoje se refaz em torno do seu feretro, em um sentimento de saudade pungente e de ra tidão sem limites. O Brazil todo sente que desapareceu o primeiro dos brazileiros, o primeiro pelo patriotismo, o primeiro pelo desinteresse, o primeiro pelo martyrio.

Diante da sua grandeza moral, eterna como as grandezas physicas de nossa terra, desaparecem todas as outras personalidades, e o paiz não tem ainda na commoção do choque senão a consciencia de que desabou uma immensa porção do edificio nacional.

---

## O SEGUNDO REINADO

---

O segundo reinado encerra-se em um parenteses revolucionario.

Circumstancias identicas ás que arrancárão-lhe o sceptro a 15 de Novembro de 1889, antecipando-se de poucos annos á solução pacífica pela morte, derão a 7 de Abril de 31 o throno a D. Pedro II.

As revoluções têm destas impaciencias; e a segunda, tão soffrega quanto a primeira, descontou no fim do segundo imperio o que a outra tinha adiantado.

Nascido a 2 de Dezembro de 1825, no paço da Bôa Vista, este imperador de cinco annos herdava um imperio immenso e responsabilidades quasi tão grandes.

A nação estava constituida, mas ainda não pacificada. As rivalidades entre brazileiros natos e brazileiros adoptivos, as lutas apaixonadas dos partidos, exaltadas até certo ponto por D. Pedro I, que tinha em coragem impetuosa o que lhe faltava em vontade tenaz; o descontenta-

mento que lavrava nas provincias, fóra do alcance de providencias immediatas, a carencia de verdadeiro espirito publico, de tradições administrativas, de educação politica, creavão uma situação difficilima para o governo que se iniciava sob o nome dessa criança, ao peso de uma corôa que a sedição arrancára da cabeça de seu pai.

D. Pedro I, já a bordo, quasi a partir, ouviu ainda o rumor das aclamações ao segundo imperio.

Mais que o oceano, separavão o pai do filho as vicissitudes politicas e o exilio que já começára para o primeiro imperador, então, pôde-se dizer, em terra estranha, porque pisava as taboas de um navio inglez.

Apeado do throno pela revolução, ia continuar na sua patria a agitação que encontrou no Novo Mundo; a viagem foi um intervallo ao vae-vem e ás tempestades politicas.

O infortunio é fecundo em ensinamentos; a chamma de uma luta civil illumina mais do que a claridade tranquillada de muitos annos de paz; então os acontecimentos assumem feição nova; forças ainda intactas, caracteres ignorados, energias anonymas até á vespera, paixões invisiveis, sentimentos que actuavão surdamente, perdidos na multidão de outros mais apreciaveis, embora muito menos poderosos, revelão-se subitamente aos olhos do espectador; e quando se tem a calma e a força necessarias para desprender da emoção que estes acontecimentos despertão a lição e o exemplo que offerecem, não ha experiencia, por mais longa, que valha esta lição de cousas politicas, aprendidas no curto espaço de uma convulsão social.

Foi esta a escola primaria de D. Pedro II.

Não tirou logo, é certo, daquelles acontecimentos a sua philosophia.

Ainda era cedo para isto.

Mas as impressões que então se gravarão na sua memoria, fecundadas mais tarde por este exame retrospectivo da intelligencia, voltando ao passado em busca de reflexões e de lembranças, forão para elle, incontestavelmente, mais uteis que as suggestões dos seus conselheiros ou as reflexões de suas leituras.

Começando sob tão graves auspicios o seu reinado, D. Pedro II tinha, entretanto, um ponto de apoio que faltou a seu pai: o sentimento genuinamente nacional.

O paiz, retalhado por sérias rivalidades entre brasileiros e portuguezes que adherirão á causa da independencia, via então, com grande jubilo, á frente dos negocios publicos, um principe nascido no Brazil.

Uma das causas que mais decisivamente influirão sobre os insuccessos do primeiro imperio foi incontestavelmente a dubiedade de D. Pedro I, entre os seus conterraneos e os seus subditos, tentando conciliar interesses oppostos, procurando, para assegurar as sympathias populares, contentar o sentimento brasileiro, sem desapegar-se, comtudo, das sympathias que se originão do berço.

Os seus adversarios exploravão esta tendencia com todos os exageros da furia partidaria, e não havia circumstancia que deixassem de aproveitar para fazer sentir ao povo a preferencia da monarchia pelos portuguezes.

Basta recordar a agitação com que foi recebida nesta capital a noticia da aggressão que soffreu no largo da Carioca David Pamplona, vergastado por um soldado portuguez que lhe attribuiria un artigo publicado na *Sentinella*, sob o pseudonymo *Brazileiro resolutio*.

O facto foi acaloradamente discutido na Constituinte, e a opposição responsabilisou o monarcha por esta aggressão feita aos brazileiros, na pessoa... de um portuguez. David Pamplona era natural dos Açores, mas nem por isto, naquella agitação, o facto perdeu, assim rectificado, a significação que a principio lhe derão.

D. Pedro II subio ao throno sem o peso desta suspeita; era um rei brazileiro. Não lhe faltarão, apesar disto, grandes difficuldades no começo do seu reinado.

Installado o governo provisorio regencial, composto do marquez de Caravellas, Francisco de Lima e Silva e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, forão chamados para occupar de novo as suas pastas os ministros que D. Pedro I demittira.

Esta resolução prudente tranquillisou o espirito publico.

O ministerio cuidou desvelladamente da ordem.

Dispensando do exercito os estrangeiros, entregando as presidencias de provincia e os commandos das armas a homens que inspiravão confiança e, sobretudo, amnistiando os presos politicos, o governo deu as providencias mais acertadas e urgentes que as circumstancias aconselhavão.

Mas não podia levar a pacificação aos espiritos nem

acalmar os odios entre brasileiros e portuguezes, suspeitos de partidarios de D. Pedro I.

Durou pouco tempo a serenidade com que foi acolhido o novo governo.

As rivalidades entre brasileiros natos e brasileiros adoptivos ensanguentarão dentro em pouco a capital e as provincias, principalmente a da Bahia e a do Pará.

A este infortunio junte-se a calamidade da guerra civil, e teremos em resumo a historia deste periodo, o mais sanguinolento de toda a nossa vida politica.

O movimento de 7 de Abril ainda se continuava sob o novo governo.

Aquella convulsão abalára todos os fundamentos da nação nova, ainda palpitante das lutas da independencia.

A revolução se effectuára pela pressão da opinião publica sobre a força armada.

O primeiro imperio cahio pela acção combinada da tropa e do povo; mas o triumpho desmoralizou a tropa pela indisciplina e desorientou o povo pela anarchia.

A revolução substituiu-se á ordem, tanto nos quartéis quanto na praça publica. Desde então, por qualquer motivo, mesmo o mais injustificavel e o mais insignificante, um batalhão se revoltava ou a multidão se insurgia.

As deposições e as insurreições se succedião. Os officiaes vião quebrados os laços que os prendião aos seus subordinados, e factos dos mais significativos, como, por exemplo, o assassinato do general Felisberto Caldeira, na Bahia, demonstrão quanto foi nefasta a influencia das idéas revolucionarias sobre o exercito.

A regencia foi a anarchia em todo o imperio.

Entretanto não faltaram aos homens que dirigião o paiz naquella época a coragem e a decisão, a energia e a firmeza.

Do fundo deste quadro sombrio avultão notavelmente a figura de Evaristo da Veiga, que [encarnava a um tempo as mais puras aspirações liberaes e o mais notavel espirito de moderação, e o perfil heroico do padre Feijó, que representava o sentimento conservador, a tenacidade patriotica e a mais forte organização de homem de governo que o paiz talvez tenha tido até hoje.

Evaristo foi, no jornalismo, o mais intransigente adversario do primeiro imperio. Não era, entretanto, um revolucionario, agitado pelo furor da demolição e pela intransigencia do odio.

Consummada a obra do 7 de Abril, a sua palavra foi —*moderação*, e neste sentido collaborou nobremente com o governo, resistindo á maré da reacção insensata.

Diogo Antonio Feijó foi um homem talhado para as circumstancias. O momento exigia mais vigor de vontade do que alto descortino intellectual.

A desgraça do paiz vinha da desordem. Carecia-se antes de um braço robusto, do que de um cerebro poderoso. Feijó foi esse braço.

Ao assumir a pasta da justiça, a mais espinhosa naquella época, exigio dos seus collegas de governo a mais ampla liberdade e a mais absoluta confiança nos seus meios de acção.

Este homem forte e inquebrantavel valeu por exerci-



tos. Quanto mais assustadores erão os perigos, mais viril se mostrava a sua energia. Conteve o povo com a tropa, e quando a tropa sublevou-se nos dias 13 e 14 de Julho de 31, encontrou o ministro no povo o apoio e a força precisos para combate-la.

São incalculaveis os serviços que deve a patria a este jornalista e a este ministro, os mais nobres e corajosos, defensores da ordem, naquelle periodo agitado.

O contagio da revolução ganhou, no emtanto, as provincias do Ceará, da Bahia, de Pernambuco, Pará, Maranhão, Minas-Geraes, Matto-Grosso e Rio Grande do Sul.

A desgraça mais temerosa de todas, naquelle tempo, foi a desmembração do imperio; e esta possibilidade mais de uma vez afigurou-se inevitavel.

A bandeira da federação protegia esses intuitos de desordem, egoismo, vinganças partidarias, rivalidades pessoases; o partido liberal moderado, que então governava o paiz, fez as possiveis concessões a esta agitação, sem diminuir-lhe, no emtanto, as exigencias.

O insuccesso da primeira regencia fez com que fosse substituida por um regente só, o que podia trazer assim ao governo unidade de vistas politicas.

O padre Feijó, que já se immortalisára como ministro da justiça, occupou este cargo em 12 de Outubro de 1835.

A morte de D. Pedro I, em 1834, anniquillou o partido da restauração, mas não supprimio as forças de que dispunha e que forão mais proficuamente utilizadas nas fileiras dos liberaes moderados.

Feijó, como regente, prestou ainda grandes serviços

ao paiz, como, por exemplo, a pacificação do Pará, pelo general Andréa, militar digno deste nome, porque significava a coragem subordinada ao dever, o valor pessoal ao serviço da disciplina.

Da opposição parlamentar surgiu o partido conservador, sob a direcção de Bernardo de Vasconcellos e Araujo Lima.

A victoria deste partido, em 36, pelas urnas, a opposição bem dirigida que fazia ao governo, derão-lhe o poder.

Araujo Lima, succedendo, em 37, ao padre Feijó, no posto de regente, mostrou-se tambem energico, e conseguiu suffocar a revolução que rebentou na Bahia, em 37.

Esta revolução já estava desde muito planejada pelos liberaes exaltados e pelos moderados, unidos contra o padre Feijó.

A mudança de regente desfalcou as forças revolucionarias. Os liberaes moderados, que se organisarão em partido distincto, abandonarão os seus companheiros logo que Araujo subio ao poder.

A revolução da Bahia, a Sabinada — a do Rio Grande do Sul, que continuava, e a guerra civil do Maranhão puzerão em prova a energia do novo regente.

A convicção de que o paiz tinha, na phrase de um politico de nota, «feito a experiencia dos governos electivos», a esperanza de que só um poder superior ás contingencias dos partidos poderia pacificar os espiritos, fizeram com que no parlamento liberaes e conservadores, homens prudentes e patrioticos, tomassem a iniciativa

de confiar ao imperador o exercicio do poder que, pela constituição, só lhe devia ser entregue dahi a tres annos.

D. Pedro accedeu ao pedido que lhe foi feito; e, a 23 de Julho de 1840, a camara e o senado, reunidos em assembléa geral, declararão-o maior.

A 18 de Julho de 41 celebrou-se a cerimonia da sagração e coroação, no meio das maiores demonstrações do regosijo nacional.

---

A obra que mais urgentemente se impunha ao segundo imperio era a da pacificação do paiz, agitado até ao fundo por dez annos de regencia, depois de um movimento como o de 7 de Abril.

De um momento para o outro não podia o governo do imperador conseguir este resultado; conseguiu-o, entretanto, em um prazo relativamente curto.

Em 1841 pacificou-se a provincia do Maranhão.

As revoluções de S. Paulo e de Minas-Geraes, em 1842, tambem forão suffocadas.

O duque de Caxias avulta neste periodo de nossa historia: foi o vencedor dos insurgidos do Maranhão, Minas-Geraes e Rio-Grande do Sul.

A revolução de 48, em Pernambuco, terminada em Fevereiro do anno seguinte, fechou o periodo das revoluções.

O imperio foi a paz.

O seu primeiro ministerio compunha-se de liberaes: Hollanda Cavalcante, Aureliano de Souza, depois visconde de Sepetiba, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Aos liberaes succederão, em 41, os conservadores, com o gabinete de Villela Barbosa, marquez de Paranaguá.

Seguiu-se o ministerio do marquez de Paraná, organizado em Janeiro de 1843; o do visconde de Macahé (liberal) em 44; o do visconde de Albuquerque em 46; o do visconde de Caravellas em 47; o do visconde de Macahé em 8 de Março de 48, o de Paula e Souza, em 31 de Maio deste mesmo anno; o do marquez de Olinda (conservador) em 29 de Setembro de 48.

Em 6 de Outubro de 49 retirou-se do governo o marquez de Olinda, que foi substituido pelo de Monte-Alegre. Este ministerio demittio-se em 1852, por fazer parte do senado a maioria dos seus membros, depois de ter reprimido o trafico africano e garantido a independencia do Uruguay e do Paraguay, trucidados pela caudilhagem.

Em menos de dez annos o paiz entrou na ordem, e o que eleva extraordinariamente, na gratidão nacional, o nome de D. Pedro II, é que conseguiu este enorme resultado sem repressões violentas, sem perseguições crueis; vencia as revoluções e perdoava aos revoltosos, completando a obra da justiça com a collaboração de sua magnanimidade.

Muitos destes homens, a quem a sedição armou o braço, representarão depois, no imperio, papel importante.

Consequindo a pacificação no interior, o Brazil teve que intervir á mão armada nos negocios do Rio da Prata.

A confederação Argentina gemia sob o despotismo

*Monte-Alegre  
Lobos...*

de Rosas, um dos que mais genuinamente encarnarão o espirito da dictatura militar na America.

Rosas aspirava ao dominio da republica Argentina, do Uruguay e do Paraguay, e preparava-se, depois de conseguido o que visava no Prata, para fazer a guerra ao Brazil.

Em 1844 D. Pedro II encarregou o marquez de Abrantes de entender-se com a França e a Inglaterra sobre a necessidade de garantir a independencia do Uruguay.

A Inglaterra e a França, reconhecendo a vantagem de uma intervenção, agirão neste sentido, dispensando, porém, o concurso do Brazil.

A consequencia foi que, com suas esquadras, não obtiverão grande cousa : deixarão o Prata nas garras de Rosas, retirando-se a esquadra ingleza em 1847 e a franceza em 1848.

Desde 1.º de Julho de 1850 o governo brasileiro começou a fornecer ao governo de Montevideo as sommas necessarias para a continuação da resistencia.

A 23 de Setembro desse anno o ministro argentino, no Rio de Janeiro, pediu o seu passaporte, e pouco depois deixava o Brazil.

Tres mezes depois o Brazil assignava um tratado de alliança com o Paraguay, contra Rosas.

No anno seguinte o governo publicava a resolução, que tomou, de defender o governo de Montevideo contra as forças de Oribe, e a 22 de Maio assignava-se o tratado entre o Brazil, o Uruguay e o estado d'Entre-Rios.

Oribe capitulou em 19 de Outubro ; e a 21 do mez

seguinte assignava-se, contra Rosas, outro tratado entre o Brazil, o Uruguay, Entre-Rios e Corrientes.

A passagem de Tonelero e a batalha de Monte-Caseros terminarão a campanha pela victoria dos alliados. Rosas fugio, e a entrada dos alliados em Buenos-Ayres foi celebrada com enthusiasmo extraordinario. Os brasileiros receberão por esta occasião as mais ruidosas demonstrações de reconhecimento, que devião ter sido sinceras.

Assegurada a paz interna e externa, conjurados os receios de desaggregação da patria, D. Pedro II encaminhou a sua actividade para o desenvolvimento moral e material do paiz.

Já o anno de 1850 assignala-se por dous factos de alta relevancia: a abolição do trafico africano e a inauguração da primeira linha de paquetes entre o Brazil e a Europa.

Poucos annos depois, o paiz tinha já caminhos de ferro, linhas telegraphicas e linhas de navegação fluvial, ao mesmo tempo que desenvolvia-se a immigração e a instrucção publica.

Em menos de vinte annos a nação era outra. Poucos lustros de politica moderada e sábia bastarão para a consecução desses resultados extraordinarios.

O intuito de utilizar sòmente em vantagem do paiz actividades que se consumião, em grande parte, na luta, por vezes ingloria, da politica, determinou em 1853 a politica chamada de conciliação; o partido conservador e o liberal fundirão-se, e a união traduzio-se no governo

pelo gabinete de 6 de Setembro, composto de membros dos dous partidos, presidido pelo marquez de Paraná.

A conciliação durou quasi cinco annos.

Fossem quaes fossem as vantagens dessa fusão dos partidos, não podia absolutamente ser duradoura, e, caso prolongada, traria os mais serios embaraços á pratica do systema constitucional.

Mantendo cada metade deste todo o seu programma particular, a sua feição propria, teriamos um hybridismo sem nome.

Fundindo-se n'um programma accomodaticio ás divergencias de idéas, por meio de reciprocas concessões, ou prevalecendo uma das bandeiras antigas, com a supressão da outra, ter-se-hia em rigor um partido, e em breve um outro se organisaria com os antigos descontentes e com os novos espiritos que não pudessem encerrar as suas idéas nos moldes da politica então vigente.

Separados os partidos, o conservador ficou occupando o poder até 1862. Seguirão se os liberaes até 1868.

A 16 de Julho deste anno abrio-se para os seus adversarios uma situação de dez annos.

Os liberaes occuparão de novo o posto por sete annos, até 20 de Agosto de 1885, e reconquistarão-n'o a 7 de Junho de 1889, perdendo-o a 15 de Novembro, pelo movimento militar que fez a Republica.

O Brazil não tem necessidade de ser uma potencia militar:—

Entretanto, mais de uma vez, as circumstancias le-

vário-no a pedir ás armas— ou o desaggravo do seu brio ou a liberdade de seus vizinhos.

As circumstancias impuzerão-lhe esta necessidade para assegurar a independencia do Paraguay e para garantir o direito e a justiça na Republica Argentina e no Uruguay.

Em 1851 a guerra contra Rosas e Oribe, em 1864 a guerra contra Solano Lopez. Mas, n'um e no outro caso, não era luta com os povos vizinhos, mas com o despotismo que os esmagava. E se nestes dous casos conquistámos triumphos, elles conquistarão o que tinham perdido: a liberdade.

Na luta contra Rosas tinhamos do nossa lado o espirito liberal do mundo, sem exceptuar mesmo a alliança de todos os compatriotas do tyranno, que amavão a patria e a liberdade.

Lopez, á semelhança de Rosas, tinha a ambição da conquista e o phrenesi da guerra.

D. Pedro II representava o espirito da liberdade contra a tyrannia dos dous chefes de Estado; e os mais intransigentes democratas, isto é—os que prezão a liberdade verdadeira, e não esse embuste traiçoeiro, esse disfarce de carnaval com que se mascára a tyrannia para engodo dos imbecis, não hesitarião de certo em responder que a civilisação e a dignidade humana não estavam nesta pugna com a republica daquelles sicarios, mas com a monarchia deste rei liberal e magnanimo.

As victorias que o Brazil obteve então avultão na historia, pelo seu alcance civilizador e pela sua influencia, a mais fecunda, mais alta e mais nobre sobre a confra-



-ternidade americana, porque não consistio no corteza nismo que friza a cobardia ou a ingenuidade, na candura de quem se deixa roubar, ou na humilhação de quem adula; mas na preocupação nobilissima de servir o ideal da humanidade, sem sacrificar-lhe o sentimento, igualmente sagrado, da patria.

Das nossas campanhas no Prata que resultou? A independencia das nações flagelladas, a liberdade da navegação para todos os pavilhões, dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay, a libertação dos escravos no Paraguay.

A calumnia que o não poupou, nem no throno nem no exilio, tão sereno quanto a morte, e que ao menos não o deixará tranquillo no tumulo, descobriu na intervenção do monarcha, na politica do Prata, desejos de conquista.

E' inutil, hoje, destruir este aleive, assim como será desnecessario, daqui ha alguns annos, inutilisar a ballela de que D. Pedro II estava disposto a ceder parte do territorio nacional.

Hontem accusavão-no de querer augmentar o Brazil, despojando os vizinhos; agora accusão-no de ter pretendido diminuir a patria, para augmentar a dos argentinos.

As duas falsidades se valem; a pretendida conquista tem a mesma seriedade da imaginaria cessão. A historia não confundirá os factos.

Ainda não terminára a luta que o imperio abrira com o governo de Montevideo, porque este desattendêra justas reclamações do gabinete brasileiro, e já o Brazil estava a braços com o Paraguay.

E' conhecida a historia de Solano Lopez, mais cruel e mais ridiculo do que Rosas.

A viagem que fez á Europa exaltou-lhe extraordinariamente a ambição. Deslumbrado pelo luxo da córte do segundo imperio, quiz reproduzir na America a epopéa napoleonica. Sonhou transformar a republica em um imperio, augmentado pela conquista, e pretendeu parodiá-lo Bonaparte; mas se acaso ha em sua vida cousa que se assemelhe a Wartelloo, não ha nada que se pareça com Marengo ou Austerlitz.

A invasão de Paysandú e a rendição de Montevideo liquidarão a nossa pendencia no Uruguay, com exito igual ao que conseguimos em Tonelero e Montecaseros.

A 12 de Novembro de 1864 Lopez aprisionava o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que levava para Matto-Grosso o coronel Carneiro de Campos, deputado geral, que ia assumir o governo daquela provincia; e, se não nos falha a memoria, um dos que não acreditavão nos intuitos hostis de Solano.

O nosso compatriota e todos os seus companheiros de viagem, assim como o pessoal do vapor, ficarão prisioneiros.

Pouco depois 9.500 soldados paraguayos invadião aquella provincia, que então tinha apenas uma guarnição de 800 homens, dispersa em destacamentos.

A necessidade de abrir logo e logo a guerra impoz ao paiz duras contingencias.

Lopez, dominado pela ambição de conquista, quando era apenas ministro do dictador seu pae, organisára cuidadosamente a força armada: tinha boa marinha e um exercito de oitenta mil homens.

O Brazil tinha apenas quinze mil.

Lopez contava com a obediencia passiva dos seus compatriotas. Neste ponto a influencia dos jesuitas aplainara o caminho á dictadura e esta já encontrou o povo meio bestializado, o que sempre acontece quando a tyrannia impera.

Mas, se os paraguayos ião a combater com a cegueira de escravos, nós estavamos dispostos a resistir com a altivez de homens livres que eramos.

Então notou-se no paiz um movimento de opinião, tão forte como não tivemos mais senão uma vez, na questão abolicionista.

A paixão da guerra, ou, antes, a paixão da dignidade fez o milagre das multiplicações dos soldados.

Todos sentirão que é mais facil improvisar-se um heroe do que um cidadão, e que, se somos capazes de soffrer os mais dolorosos ultrajes aos nossos direitos civicos, não soffreriamos, sem protesto, a minima hostilidade do inimigo externo.

O voluntariado creou o exercito. De todas as provincias vinhão levas e levas de soldados, sahidos de todas as classes, da officina dos operarios, do commercio, da industria, das academias.

O governo teve que conter esta onda, e dizer—*basta* ao patriotismo que atrahia, como uma fascinação irresistivel, o povo para o sul. A situação liberal, que começava, estava á altura das emergencias.

O paiz inteiro ajudou-a nesta grande empreza, mas cabe ao governo a gloria de ter utilizado proficuamente o

entusiasmo nacional, provendo rapidamente ás exigencias da guerra.

Quando o partido conservador subio ao poder, em 16 de Julho de 1868, só teve que seguir a orientação dos antecessores.

A influencia do imperador foi notavel nesta época: cedeu para as despesas da guerra a quarta parte da sua lista civil. A sua actividade proverbial augmentou-se ainda mais: visitava os arsenaes, administrava o serviço; a sua solicitude não teve limites; o seu ardor em animar os que partião dava ás suas palavras a emoção da voz da patria. A` animação com que exaltava mais, se é possível, o patriotismo dos soldados, seguiu-se, mais tarde, o zelo com que procurava recompensar os serviços de guerra.

Ninguem mais do que elle presou os combatentes de 64 a 70.

Não sabia só a historia da guerra: conhecia tambem a biographia do soldado; e o seu grande coração fo<sup>l</sup> sempre tão fiel quanto a sua extraordinaria memoria.

A maior garantia de quem lhe pedia favor ou justiça era a allegação de que fôra voluntario.

Para estes estabeleceu certos e determinados empregos; e, nestes casos, a melhor carta de recommendação era a fé de officio; a cicatriz o mais valioso empenho.

Desmintão esta verdade os politicos, a quem tamanha fidelidade aos compromissos descontentou muitas vezes, ou os voluntarios que devêrão a segurança da subsistencia e a tranquillidade no trabalho ao monarcha

que só se esquecia quando a sua memoria prejudicava a magnanimidade do seu character.

A guerra do Paraguay foi, para o Brazil, uma serie de victorias.

O combate de Riachuelo abriu-nos o caminho triumphal.

Em 18 de Setembro de 65 rendião-se os paraguayos em Uruguayana, triumpho a que assistio o imperador.

E' a historia de hontem : quem não a conhece ?

Passo da Patria, Itapirú, Humaytá, Boqueirão, Tuyuty, Curuzú, Curupaity (onde uma victoria apagou um revez), Estabelecimento, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas, Angustura, Peribebuy, Campo Grande,—são nomes a cujo poder evocativo surge a lembrança de milagres de resignação e de tenacidade, de feitos de heroismo que ora tocava a loucura, ora tinha a serenidade da firmeza estoica.

E não forão só os feitos d'armas os unicos sacrificios desta guerra.

Seria diminuir muito sensivelmente o valor dos brazileiros esquecer que, tendo contra si um exercito disciplinado e valente, bem provido de material bellico e de meios de subsistencia, dirigido por officiaes europeus de competencia, lutárão ainda contra a resistencia da natureza, n'um paiz desconhecido quasi totalmente para nós, contra as epidemias, a fome, a sêde, a infecção dos pantanos; e que se expuzerão virilmente tanto ás balas dos inimigos quanto ás devastações do cholera; avançárão sempre, quer quando a terra lhes recusava uma gota d'agua para matar a sêde, quer quando desenrolava

diante delles a extensão dos alagadiços, a dureza das escarpas, o emaranhamento das florestas, as mil traições com que a natureza collaborava nas dos inimigos.

Barroso, Inhaúma, Delphim de Carvalho, Tamandaré, Mariz e Barros, Caxias, Herval, Porto Alegre, Camara e tantos outros, que seria impossivel ennumerar, estão para sempre associados ás glorias desta campanha.

O paiz inteiro esteve lá; e tão dignamente se representa na historia pelos generaes em chefe e pelos almirantes, quanto pelos mais humildes: os herões de quem só se sabe o nome, como Marcilio Dias, os captivos que só tiverão patria quando foi preciso morrer por ella no solo inimigo, recebendo ao mesmo tempo o baptismo de sangue e o da liberdade.

E por que não recordar tambem os que não sendo, pelo nascimento, compatriotas nossos, combaterão como brasileiros, desde Augusto Leverger, que, antes de declarada a guerra, conteve, em distancia, não com os seus dous mil homens, mas com o seu nome que não era desconhecido a Lopez, os nove mil homens de Barrios e Resquin, que invadirão Matto-Grosso, até o Conde d'Eu, a figura mais saliente da segunda phase da guerra?

Em outras condições não mencionariamos o seu nome senão na grande lista dos que honrarão a farda.

Hoje, não; desde que não lhe querem negar a porção de gloria correspondente aos sacrificios, bravura pessoal, sciencia de homem de guerra, tenacidade e sangue frio, qualidades estas que elle revelou em alto gráo, n'uma phase das mais criticas da campanha, quando comman-

dando em chefe, depois de Lomas Valentinas, internou-se no Paraguay, para soffrer, entre as hostilidades de um sólo ingrato, as hostilidades de um tyranno em desespero.

Não passarão ainda tantos annos, depois desta guerra, que não haja um sobrevivente aos que combaterão no sul.

O testemunho dos companheiros d'armas do Conde d'Eu basta para demonstrar que não se póde escrever a historia da guerra do Paraguay sem lembrar, honrando-o devidamente, seu nome.

Terminada a guerra do Paraguay, a questão abolicionista enche o reinado.

Se quizermos remontar até ás origens mais affastadas, buscaríamos antes, muito antes da independencia, os primeiros raios precursores de 13 de Maio; o negro já se destaca no crepusculo da vida colonial, quer iniciando em Palmares o que a serra de Cubatão ultimou, quer servindo as explorações revolucionarias dos inconfidentes de Minas, como depois tinha de entrar ainda nos calculos dos adversarios do terceiro reinado.

No escrutinio secreto das nossas conspirações entrava sempre a *bola* negra do captiveiro.

Não deixaria de ser curioso o estudo da utilidade do captivo, não no serviço da lavoura, mas no serviço da politica. Elle teve a noção do muito que fez pela fortuna dos senhores, mas ignora sem duvida qual foi a sua influencia na fortuna dos partidos e dos governos.

Mais curioso ainda seria estudar, nas collecções dos jornaes, nos pamphletos, nos discursos dos centros de

lavoura e dos *meetings*, nas discussões parlamentares, as feições varias da opinião, no tocante ao papel do imperador nesta grande questão.

Quando a abolição não era uma questão victoriosa, quando se apresentava como uma importuna, de sacola, supplicando nos theatros, esmolando nos leilões de prendas, aproveitando o enternecimento das festas intimas para balbuciar uma supplica; quando as cartas de alforria citavão-se com elogios e surpresa, como provas de magnanimidade, n'uma verba testamentaria, entre os adereços de um dote rico, como um incidente de um jantar de baptisado, não havia grande empenho em recusar ao imperador o titulo de abolicionista.

Mais tarde, quando a idéa fazia e desfazia governos, a opposição via no imperador um abolicionista; tanto que, durante o gabinete 6 de Junho, como tinham feito em 71, sob o ministerio de 7 de Março, não cessavão de açular contra o monarcha os resentimentos dos agricultores.

Em 84 não hesitãrão até em ameaça-lo com a morte, dizendo-lhe que onde *não chegasse a palavra poderia chegar uma bala.*

Fautor da abolição para uns, inspirando pelo telegrapho o gabinete do Visconde do Rio-Branco, ou animando a guerra á propriedade pelo *facto* com o gabinete Dantas, D. Pedro II era tambem para os que conhecião que o nome de abolicionista glorificava mais o rei, o patrocinador do escravismo. Reprimio e supprimio o trafico em 50, cedendo á ameaça dos canhões inglezes; deixou que libertassem os nascituros em 71, para se fingir de rei liberal aos olhos da Europa, e dos signata-



rios da famosa carta em que assignavão, entre outros, o duque e o principe de Broglie, Laboulaye, Guizot e Henri Martin. Aceitou em 84 o projecto de 15 de Julho visando engodar o abolicionismo com as apparencias de uma convicção que desmentia, pelos mil embaraços que creava, á politica do gabinete. (E convem dizer que este ministerio foi, no dizer de seus adversarios, o mais violento que já se conheceu. E o projecto abolicionista, depois de ser o *projecto-fêra*, antes da abolição, foi considerado depois della feita um projecto atrazado!) Em 88, permittio que a lei de 13 de Maio coroase a obra do abolicionismo, não só porque a libertação não era uma reforma, sim uma medida de ordem publica, mas tambem porque convinha attrahir para a corôa as sympathias da abolição.

Ha visivel erro nestas opiniões extremas. D. Pedro II foi abolicionista tanto quanto pôde ser um rei, compenetrado da sua missão de chefe de Estado, incompativel com a de chefe de partido, por mais sympathico que seja o seu programma.

Mas, por mais fortes que fossem os sentimentos abolicionistas do imperador, elle não podia esquecer que era rei n'um paiz em que a fortuna publica assentava na agricultura e a agricultura no captiveiro.

Se a sabedoria politica consistisse no radicalismo do bem e da philantropia, todos poderiam ser estadistas, com excepção dos homens crueis.

O imperador, quanto ao abolicionismo, mostrou-se moderado e prudente. Não fosse elle chefe do estado, e talvez não houvesse emancipador mais intransigente do que elle.

A lei de 7 de Novembro de 31 abolira o trafico; a lei, porém, não foi executada. O governo, nos annos climatericos da regencia, mal dispunha de recursos para reprimir a anarchia: como fazer respeitar uma lei a que fugião tão facilmente os traficantes de escravos, ajudados por audacia, fortuna, e, sobretudo, pela vastissima costa do Brazil, que não podia ser bem vigiada?

O segundo imperio, de 1840 a 1849, foi absorvido pela grande obra de pacificação interna.

A sua marinha, muito limitada então, combatia no norte e no sul do paiz.

Demais, ainda quando pudesse o governo, sem afrouxar a sua luta contra o espirito de revolta, iniciar tambem uma guerra contra o trafico, poderia naquelle momento commetter esta imprudencia, alienando do throno a classe mais poderosa então, a mais conservadora, a que mais efficazmente collaborava com elle em firmar a ordem ameaçada, e conseguir a paz?

A Sabinada, por exemplo, foi uma revolução localisada na capital da Bahia, e se facilmente conseguirão suffoca-la deve-se em grande parte o resultado ao auxilio proficuo dos agricultores da provincia, que ajudarão com dinheiro e armas o governo central. Estivesse esta classe conservadora divorciada da regencia, e esta teria contra si não mais uma cidade, mas a provincia inteira.

O imperio não vingaria se ousasse fazer então guerra de exterminio ao captiveiro. Quando em 1845 o *bill* *Aberdeen* entregou os traficantes á vigança das esquadras inglezas, mesmo em aguas do Brazil, o imperio concluiu

apenas a sua obra mais inadiavel e mais importante: a da unidade nacional.

O paiz passou então por grandes provações: não podia reagir pelas armas contra as violencias da Inglaterra, e, demais, soffria no interior a pressão dos traficantes que exploravão a indignação publica, aconselhando que ceder da pirataria era capitular covardemente ante as ameaças do estrangeiro.

A opinião do imperador não era desconhecida de ninguem: queria effectivamente a abolição do trafico e soffria com a sua patria a humilhação que lhe infligia a Inglaterra.

Mas os seus sentimentos philantropicos erão contrariados, porque, como dizia o governo em nota diplomatica, « se era difficil convencer os que vivião do captiveiro da necessidade de abolir o trafico, os obstaculos tornavão-se insuperaveis, porque uma questão de honra complicava o problema, e exigia-se do Brazil, pela força, «uma reforma que elle desejava fazer voluntariamente.»

« Estes excessos, acrescentava ainda o gabinete, referindo-se á intervenção ingleza, diminuem a autoridade do governo imperial sobre seus agentes administrativos e judicarios e sobre o povo.»

Em 1850, o governo conseguiu então reprimir o contrabando negro, depois do insuccesso dos navios ingleses.

O gabinete do marquez de Olinda fez executar com firmeza a lei votada pelo parlamento contra o trafico.

Eusebio de Queiroz, ministro da justiça neste gabinete, foi implacavel contra os negreiros, quer mandando

vigiar toda a costa, quer punindo severamente os criminosos.

A escravidão tornou-se, depois destas medidas, um commercio puramente nacional; cessara a importação negra. Isto, entretanto, não bastava.

A lei de 7 de Novembro de 31 e a de 4 de Setembro de 50 juntou-se a de 28 de Setembro de 71. D. Pedro II encontrou no visconde do Rio Branco um homem digno da confiança que depositara em Eusebio de Queiroz.

Os que attribuem a attitude do imperador, como emancipador, durante o gabinete de 7 de Março, á carta da Sociedade Franceza em favor da abolição, falseão ou ignorão os factos. A carta é de Julho de 1866.

Ora, sem recordar ainda uma vez a attitude do imperador em 1850, quando, sustentando Eusebio de Queiroz, pôz fim ao trafico, temos que D. Pedro II, não cedendo a influencias estranhas, mas obedecendo simplesmente aos seus sentimentos de homem e ás imposições de sua philantropia, revelou por factos eloquentes que desejava cordialmente a emancipação.

Entretanto as expansões de seu coração, se se revelassem inteiramente, prejudicarião o seu papel de monarcha; era uma necessidade a abolição do captiveiro, mas era tambem um dever elimina-lo gradualmente; e a habilidade da politica, em face deste temeroso problema, consistia em conciliar as exigencias da humanidade com as exigencias das circumstancias.

A eloquencia dos conferenciadores ou a vehemencia dos poetas podião inflammar-se em aspirações humanitarias as mais radicaes, mas a paixão, que dá o sublime

às odes, pôde emprestar o ridículo aos decretos. Juvenal recommendou a indignação aos vates, e não aos legisladores.

Rei constitucional e, portanto, devendo nortear-se pela opinião, não podia, perante a lei e as conveniências políticas, emprehender uma reforma desta natureza sem o concurso do povo.

A agitação abolicionista é de data recente. Até certo tempo não se encarnava em um partido, residia apenas no espirito ou no coração daquelles que, por seu descortino intellectual ou por sua elevação moral, excedião o nivel commum.

O imperador, entre os primeiros, reconheceu a necessidade de uma reforma emancipadora e não cessou de manifestar os seus desejos, sempre que a occasião o favoreceu.

As sociedades abolicionistas ou, antes, emancipadoras que então se formáão, receberam muitas vezes do imperador animação e applausos.

Favoreceu largamente as manumissões «conferindo recompensas, titulos e condecorações a quem libertava escravos.»

Eis o que diz a este respeito o Sr. Mossé, um escriptor bem informado sobre a politica brasileira, no seu excellent estudo sobre o grande monarcha :

« Quando a ordem dos beneditinos, em capitulo geral, no dia 3 de Maio de 1866, proclamou a liberdade dos filhos dos escravos que possuia e que elevavão-se a 1,600, o imperador foi pessoalmente ao mosteiro

de S. Bento do Rio felicitar o abba de geral, a quem entregou em mão propria um presente.

« A imprensa inteira deu noticia deste passo do chefe do Estado, e applaudio-o calorosamente.

« Como imperador, D. Pedro II tinha o usufructo de certo numero de escravos, chamados escravos da nação. Considerava-os antes protegidos do que escravos. Recebiam salario do seu trabalho. Elles ou seus filhos frequentavão as escolas fundadas pelo imperador, e ali recebiam a instrucção primaria e religiosa.

« Quanto aos escravos de dominio particular, dos quaes podia dispôr livremente, deu-lhes, sem excepção, liberdade.

« Durante a guerra do Paraguay favoreceu a libertação dos escravos que desejavão entrar no exercito.

« Em sua propriedade de Santa Cruz, perto do Rio de Janeiro, encarregou-se da educação de muitos filhos destes libertos que partião para a guerra, e libertou á sua custa as mulheres e os filhos destes defensores da patria.»

Estes factos todos nós conhecemos. Mas a verdade, proclamada por um estrangeiro, filho de um paiz republicano, tem um character de insuspeição e de imparcialidade incontestaveis.

Inda ninguem esqueceu, além disto, as palavras do imperador quando a camara municipal, não ha muitos annos, festejando o anniversario natalicio da monarchia, deu, por esta occasião, algumas cartas de liberdade.

Ninguem esqueceu tambem a ultima viagem do imperador a S. Paulo, sob o ministerio Cotegipe, e as pa.

lavras significativas que, por mais de uma vez, pronunciou, manifestando as suas convicções emancipadoras, e traduzindo o seu interesse condoido pelos infelizes escravos que encontrava nas cadeias.

Não foi, apenas, como homem, que o Sr. D. Pedro II esforçou-se em favor dos captivos.

Desde 1865 fez sentir sempre aos seus ministros a necessidade de cuidarem no grande problema, que devia ser resolvido, com prudencia, pela emancipção gradual.

A sinceridade de sua opinião demonstrou, pelo acolhimento que deu, em Janeiro de 1866, aos projectos do conselheiro Pimenta Bueno, que forão logo apresentados ao marquez de Olinda, então presidente do conselho, para serem submettidos ao conselho de estado.

A opposição do marquez de Olinda á reforma, e a opinião dos conselheiros de estado Souza Franco e Sapucahy, allegando que em quanto durasse a gueria do Paraguay não era conveniente tratar desta questão, adiárão a solução do problema.

Zacarias de Góes e Vasconcellos, presidente do gabinete de 3 de Agosto de 66, não tinha contra a reforma as prevenções do marquez de Olinda.

Em 67 os projectos de Pimenta Bueno forão discutidos pelo conselho de estado.

Mas a maioria do conselho de estado, bem que aceitasse as idéas de Pimenta Bueno, com excepção da emancipação total para 1899, lembrou ainda que, só depois de feita a paz com o Paraguay, o governo deveria apresentar o projecto.

Terminada a guerra, o ministerio que então governava oppoz-se á reforma.

O ministerio S. Vicente não pôde encaminhar a reforma, que foi feita, como se sabe, pelo gabinete de 7 de Março, presidida pelo visconde do Rio Branco, depois de fortissima luta, em que este homem, defendendo a reforma contra uma opposição grande pelo numero e maior ainda pela tenacidade e pelo talento, revelou-se superior estadista e orador consummado.

O imperador estava em Alexandria quando teve a noticia de que fôra votada a lei de 28 de Setembro de 71, libertando os filhos de escravas: o seu jubilo foi extraordinario.

Cerçada pela repressão do trafico e pela libertação dos nascituros, a escravidão terminaria pela acção natural do tempo e da morte.

Mas uma legitima e patriotica anciedade não permittio que entregassemos a estes dous factores cegos da abolição a solução do grande problema.

Em 1879 abrio-se a campanha memoravel do abolicionismo, que só terminou a 13 de Maio de 1888.

Em 1880 fundava-se a *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*; multiplicarão-se em todos os pontos do imperio, não só nas capitaes, mas no interior das provincias, clubs abolicionistas.

A luta foi tenaz, porém a propaganda abolicionista manteve-se geralmente moderada, suffocando muitas vezes as expansões dos mais legitimos sentimentos.

A idéa abolicionista teve no ministerio de 6 de Junho o seu mais legitimo representante no governo.



Organisado em 8.º, e tendo por presidente do conselho o Sr. conselheiro Dantas, arvorou em programma o projecto de 15 de Julho, apresentado na camara dos deputados pelo Sr. conselheiro Rodolpho Dantas.

A idéa capital do projecto era a libertação dos sexagenarios, *sem indemnisação*.

Era o golpe mais forte que no momento um governo podia desfechar em uma instituição que não podia ser eliminada de um traço.

O projecto de 15 de Julho tinha este grande alcance: libertando sem indemnisação, desconhecia a legitimidade da propriedade escrava; emancipando os sexagenarios, arrancava não só ao captiveiro os que effectivamente tinham attingido esta idade, mas tambem um grande numero de africanos que, importados clandestinamente depois da abolição do trafico, tiverão na matricula augmento de idade; foi o recurso que a especulação inventou para mascarar a fraude.

Os interessados na perpetuação do captiveiro sentirão a gravidade da situação, e dahi a queda do ministerio, combatido no atalho de uma moção de desconfianca, a celebre *moção das vaías*, não em batalha campal, no terreno dos principios.

Mas o espirito que animava o gabinete de 6 de Junho impoz aos ministerios que lhe succedêrão a necessidade de cuidar da questão, que foi finalmente resolvida pelo ministerio 10 de Marco, presidido pelo honrado Sr. conselheiro João Alfredo, e em grande parte tambem pelo desanimo dos fazendeiros, que alforriavão em massa no intuito de prender os libertos às fazendas pela gratidão; pela fuga

*As...*  
*...*  
*...*  
*...*  
*...*

dos captivos, animados pelos propagandistas; pela recusa do exercito em obedecer á ordem de tolher o exodo dos escravos; pelo acoutamento exercido em larga escala, com a maior publicidade, como protesto á lei votada; pela abolição da pena de açoites, inflingida aos captivos.

A noticia da promulgação da lei de 13 de Maio, como a da lei de 71, surpreendeu o monarcha no estrangeiro; mas esta vez a grata nova ia, póde-se dizer, encontrar um moribundo. Já os soccorros da religião o tinham preparado para o lance final.

Dir-se-hia que o destino só esperava que soasse o ultimo momento do captiveiro para extinguir a vida do monarcha. Os que o cercavão hesitavão em communicar-lhe o grande successo.

Temião que a emoção apressasse-lhe a morte e que a vida se desprendesse pelo arranco desse coração sobresaltado pelo jubilo e quebrado pela enfermidade. Mas reflectirão tambem em que seria crueldade verem-no partir da vida ignorando o acontecimento que encheu-o de tantas esperanças e de tantas apprehensões. Esta noticia viria, (quem sabe?) illuminar as sombras de sua agonia, dar-lhe, antes do somno que não acaba, a santa alegria de um grande sonho realisado.

Roubavão-lhe talvez algumas horas de vida, se se póde chamar assim a estes momentos em que se percebe a invasão lenta da morte. Mas quem não trocaria a prolongação desta angustia pelo abalo subito, pelo jubilo fulminante que terminasse tudo isso?

Demais, já envolvido por esse mysterioso crepusculo,

sem enxergar talvez os que o cercavão, sem saber que mãos apertavão mais as suas, sem perceber — por entre o nevoeiro da morte os olhos que orvalhavão de lágrimas as suas barbas brancas — procurasse em vão a filha e a patria, ambas distantes, mas ambas voltadas tambem para esse leito de agonisante, ambas agitadas por emoções contrarias, prevendo que um grande infortunio viria ennevoar um grande triumpho; que a dôr e o regosijo se irmanarião pelos mesmos prantos sem que se distinguissem os que devião cahir na cova do captiveiro ou no feretro do rei.

Era mais consolador e mais humano mostrar-lhe uma e outra, fraternizando pelos mesmos receios, identificadas pelos mesmos entusiasmos, envoltas no fulgor, que as transfigurava, da mesma idéa.

E se esta surpresa tivesse o prestigio de uma resurreição!

A sua augusta consorte deu-lhe a noticia.

A vida concentrou-se no olhar do moribundo. « Não ha então mais escravos no Brazil? E tendo a confirmação do grande facto, acrescentou: « Rendamos graças a Deus; enviem a Isabel a minha benção e as minhas felicitações á nação e ao parlamento. »

Seguiu-se um silencio e disse: « Oh! grande povo, grande povo! ». E as lágrimas sagrãrão a sinceridade desta emoção.

A historia do reinado de D. Pedro II é a historia do Brazil de 1840 a 1889: tanto se identificavão o coração da patria e do povo, a vontade do rei e a dos seus subditos,

Não ha um acontecimento notavel, neste periodo, a que seja alheia a influencia benefica do imperador.

A ordem publica restabelecida, fortalecida a união do imperio, pacificados os animos mais hostis, suffocados os assomos de rebellião, quer pela energia em combater os rebekdes, quer pela magnanimidade em perdoa-los, apóz a victoria da legalidade, o imperador, depois de ser a paz, foi a civilisação.

Entretanto, todas as vezes que o brio nacional offendido reagio, o imperador inspirava-se nos mesmos sentimentos de sua patria.

E' altamente expressiva a sua attitude durante a guerra do Paraguay, por occasião do *bill* Aberdeen, e da questão Christie.

Personagem notavel na revolução franceza propoz a morte de Luiz XVI *sem phrases*.

A historia, para glorificar D. Pedro II, pôde adoptar o laconismo de que serviu-se Siéyes.

Em frente ás audacias da industria negreira e aos conselhos dos que lembrarão-lhe a conveniencia de transigir, por amor á ordem publica, elle soube dizer que *preferia perder a corôa a consentir na continuação do trafico*.

A mesma firmeza revelou quando lhe aconselharão que tratasse com Solano Lopez, no sentido de terminar a guerra do Paraguay.

A sua energia não era, entretanto, inconcilivel com a extrema bondade.

A caridade e a benevolencia forão duas grandes virtudes deste rei.

O palacio em que residia tinha em certos dias o aspecto desses conventos sitiados pela pobreza. Grande parte dos seus vencimentos consumião-se em esmolas.

E destas audiencias de caridade ninguem sahia des-  
esperançado.

O lar do rei era tão accessivel aos necessitados quanto o de qualquer dos seus subditos.

A viuvez, a orphandade, as familias desamparadas dos servidores do Estado, o talento desprotegido não batião em vão á sua porta.

Não será difficil nomear os homens de sciencia, os homens de lettras, que forão conduzidos por essa mão bemeifeitora.

E quando—o que succedeu não raras vezes—o esquecimento destes beneficios era a unica retribuição de tamanha generosidade, uma queixa sequer não partia do protector desinteressado, que tinha o espirito sufficiente para conhecer os homens e o coração muito grande para não desprezal-os. Se o remorso não pungia os ingratos, elles ficavão impunes, porque nem a mais ligeira recri-  
minação lembrava-lhes o favor esquecido.

Subindo ao throno u'um periodo agitado, amnistiou todos os rebeldes. Não pesa sobre o seu nome, não mancha a sua memoria nenhuma dessas violencias que ás vezes as circumstancias justificão.

A sua philantropia corrigio sempre a dureza do codigo penal: a pena de morte, marcada na lei, depois de certa época nunca mais foi autorisada pelo monarcha.

Quando, ultimamente, a 16 de Julho de 1889, um des-  
vairado attentou contra a sua existencia, ninguem du-

vidou sequer da magnanimidade de sua alma e da infallibilidade do seu perdão.

A propaganda republicana contou sempre com a sua tolerancia sem limites. Ninguem apontará um facto sequer que desmintas esta serenidade inalteravel, diante das aggressões mais injustas, que ás vezes indicavão mais o desrespeito por uma autoridade que, sabião todos, não toleraria a menor reacção, do que a sinceridade de crenças politicas radicaes.

A imprensa, durante o seu reinado, nunca teve peias. Basta dizer que, no mais acceso da guerra do Paraguay, um jornalista francez na capital do imperio apoiava Lopez e ridicularisava até pela caricatura generaes brazileiros, sem que a publicação da folha fosse interrompida.

Ha facto que demonstre mais irrecusavelmente a tolerancia superior do seu espirito do que o appello que, mais de uma vez lhe dirigirão os partidos perseguidos pelos adversarios, e que, entretanto, não lhe pouparão censuras e offensas?

As queixas que chegavão até o seu throno, não erão baldadamente formuladas.

A sua pasmosa actividade permittia-lhe ouvir os perseguidos que lhe pedião protecção, e ler nos jornaes os protestos dos descontentes contra o governo.

De pontos extremos do imperio, de localidades longiquas vinhão foragidos invocar o seu auxilio: os partidos em opposição voltavão-se para elle. As victimas de violencias policiaes, de arbitrariedades de mandões de aldêa, de sentenças iniquas, ou pela imprensa, em

artigos sob a conhecida rubrica — *A Sua Magestade o Imperador*, ou verbalmente, apellavão para a sua justiça, que nunca negou a ninguém.

Esta vigilancia phenomenal, esta solicitude indefinivel com que procurava conhecer até ás mais intimas particularidades os negocios publicos, erão o amparo dos fracos e a confiança dos desanimados.

Não via no povo apenas a massa amorpha, em que as parcellas se confundem e se annullão na somma total.

Ia além, buscava enxergar no todo o detalhe das physionomias e a vida dos individuos.

Sabia a historia do paiz e a historia de muitos dos seus subditos.

A sua retentiva admiravel era o mais prodigioso dos dictionarios biographicos. É esta sciencia não era uma simples curiosidade, uma bisbilhotice banal. Tinha na memoria o processo do seu tempo e folheava-o com o interesse de um juiz integerrimo.

Conhecia muitos dos seus compatriotas melhor do que os proprios visinhos ou affeiçãoos; e quanto esta miraculosa memoria não prestou de relevantes serviços á moralidade do governo e á dignidade da patria !

---

A instrucção publica foi um dos grandes cuidados do seu reinado.

Não é licito desconhecer os serviços que prestou neste sentido, ora educando, a expensas suas, varios

moços, ora animando a multiplicação das escolas, ora suggerindo reformas e melhoramentos de elevado alcance.

« Se não fosse imperador, desejaria ser mestre-escola », disse uma occasião; e, com effeito, mais de uma vez demonstrou a sinceridade desta phrase, antepoendo os interesses do ensino aos interesses de sua posição.

« Que! — replicava aos seus ministros que lembrão-lhe a conveniencia de edificar um palacio imperial—cuidar em palacio quando não possuimos escolas, nem estabelecimentos de ensino em numero sufficiente!

« Atualmente precisamos cuidar de vias de comunicação, de immigração e de escolas.»

Quando a municipalidade e a população do imperio, apóz a noticia da terminação da guerra do Paraguay, quizerão elevar-lhe uma estatua, em reconhecimento á sua firmeza patriótica de não ceder ás apprehensões dos que desanimavão da victoria, elle recusou a offerta do monumento e pediu que o producto da grande subscrição popular, aberta para esse fim, fosse applicado á creação de escolas.

« Uma democracia coroadada », eis a definição que deu Gladstone da monarchia brazileira, sob o governo de D. Pedro II.

A historia dos ultimos cincoenta annos justifica plenamente a asserção do illustre estadista.

O governo do Brazil era uma excepção dos outros paizes da America, não sómente sob o ponto de vista das instituições, mas tambem no tocante ao espirito verdadeiramente liberal que o distinguia.

A monarchia nunca foi, em nosso paiz, um obstaculo



à liberdade, e o monarcha foi antes o mais firme defensor que ella encontrou.

Cercado de republicas, constituido em unidade quanto á fórma de governo, o Brazil soube annullar as desconfianças que porventura desta singularidade se originavão, compensando o privilegio de um sceptro pelo privilegio tambem de um regimen que associava ás qualidades que um governo puramente popular deve ter as condições que geralmente não possue.

O character do monarcha explica em grande parte o character da monarchia.

D. Pedro I e D. Pedro II são duas figuras que se distinguem mais pela dissemelhança das feições do que se approximão pela identidade dos traços.

Nelles as divergencias erão mais características do que os pontos de contacto.

D. Pedro I tinha as qualidades precisas á conquista do sceptro; D. Pedro II as virtudes indispensaveis á sua conservação.

No primeiro a imaginação predominava; no segundo a reflexão. Aquelle fundou o imperio e não soube conservá-lo; este consolidou pela paz e pela tolerancia o poder que a revolução lhe entregou.

Não sabemos se D. Pedro II daria o grito do Ypiranga; mas podemos afirmar que D. Pedro I não atravessaria tão prudentemente os perigos dos primeiros annos do segundo reinado, nem resolveria com tamanho acerto os arduos problemas de meio seculo de administração.

Arrebatado e apaixonado, energico sem tenacidade e forte sem calma, podendo improvisar soluções felizes,

P. I e  
P. II



mas incapaz, talvez, de medita-las longamente; preferindo, nos momentos difficeis, para abrir caminho, arrombar as portas do que dar volta á chave; espirito transbordante e temperamento inquieto, ora, como nos dias que precederão o 7 de Abril, parecendo disposto a arrostar tudo, ora, como se vio depois, deixando precipitadamente o throno, o paço e a cidade; amando os exercicios physicos violentos, guiando com maior pericia um carro do que o governo; quanto differente foi, moral e physicamente, do filho, mais amigo do gabinete de estudo do que da sella do cavallo, rei philosopho e não rei cavalleiro, norteando-se antes por Marco Aurelio do que por Cezar; amando mais nos *Commentarios* os dotes do escriptor do que os feitos do guerreiro; reservado e calmo, mais observador do que apaixonado; cheio desta serenidade que resulta da intelligencia educada na reflexão e do coração santificado pela bondade; sem affectação e sem expansões levianas; tendo, na physionomia, desde os primeiros annos, essa expressão de austeridade que parecia a sombra deixada pela revolução.

Uma solida cultura intellectual preparou-lhe o espirito para o governo; a experiencia fecundou o producto desta leituras.

A sua memoria prodigiosa exerceu-se em todos os ramos do saber humano: as litteraturas antigas e modernas, as sciencias physicas e naturaes, o estudo dos problemas politicos e das questões administrativas. As suas viagens erão excursões scientificas. Descançava variando de occupações, sem esquecer, comtudo, nesta multiplicidade de trabalhos, os seus deveres de chefe de Estado.

*Das T...*  
*1844*

Neste particular a sua actividade era incrível. Lia todos os jornaes da capital e muitos das provincias. Tinha funcionarios incumbidos de extractar e marcar os escriptos que se relacionavão com a administração, principalmente os que lhe erão particularmente dirigidos. Y

A sua minuciosidade em inquerir de todos os detalhes do governo fez com que dessem o nome de *sabbatina* aos despachos ministeriaes, que geralmente prolongavão-se até á madrugada. m. liw

Visitou o paiz mais de uma vez, e, se fatigava os seus ministros nos despachos, cansava a sua comitiva nas viagens.

Escolas, cadeiras, repartições, quartéis, monumentos, curiosidades naturaes, nada escapava á sua curiosidade.

E não se limitava a percorrer os edificios publicos: interrogava os homens e conversava com as crianças; ouvia os presos, escutava os pretendentes; e quantas vezes a reparação de injustiças, a recompensa de serviços ignorados, a protecção ao infortunio, não resultavam destas conversas tão rapidas, que se succedião e que fazião suppôr aos circumstantes que o espirito do monarcha esqueceria as palavras que ouvira e que julgavão provocadas apenas por uma curiosidade indifferente.

A popularidade do imperador não deveu-a elle, entretanto, ás suas qualidades de chefe de Estado, sim ás suas virtudes.

O pequeno numero dos que souberão distinguir na obra do desenvolvimento nacional a influencia do monarcha, estes sómente podem dar completo testemunho em favor do patriotismo de sua politica.

O povo, em geral, julga por outro processo, que é seguro também. Erro seria acreditar que os brasileiros prezavam no imperador sómente a suprema autoridade do Estado. Elle amou antes de tudo nelle o homem, e do homem as suas virtudes; o concidadão e não o rei. Esta affeição tinha um cunho de ternura filial. E a virtude do imperador que mais captivou o povo foi a bondade.

Quantas vezes o cidadão perseguido não invocou em vão o auxilio das autoridades locais? Quantas vezes o pretendente, certo do seu direito, não viu frustradas as suas tentativas? Quantas vezes não foi recebido com máo humor ou despedido com desprezo?

Entretanto, este homem, repellido pelos seus iguaes, conseguia fallar mais facilmente ao imperador do que a um ministro ou a um chefe de repartição. Recebia d'elle um acolhimento que funcionarios subalternos julgavão indigno de sua posição liberalisar.

O povo via os partidos cavarem entre os cidadãos divergencias infundaveis. Via os membros de um partido negarem aos adversarios justiça e merecimento. Assistia ás crueldades da politica, aos attentados que commettião em nome della contra a propriedade, a vida, o brio e a lei.

E entretanto sabia que o rei corrigia, sempre que era possivel os excessos do partidarismo.

Os foragidos das localidades assoladas pelas reacções partidarias devêrão-lhe muitas vezes a paz e a protecção.

Além disso, emquanto as inimidades politicas tornavão

geralmente os homens irreconciliaveis, o imperador dava-lhes o exemplo de summa tolerancia e de nobreza, utilizando nos cargos mais elevados o talento e o merito dos que o tinham aggreddido implacavelmente. A nossa historia politica está cheia de exemplos de tão elevado desprendimento. Nem mesmo exceptuava os que, com as armas na mão, tentárão abater-lhe o throno. A viuva de Nunes Machado não encontrou, talvez, protecção nos co-religionarios de seu marido, no partido adverso ao throno: teve-a, entretanto, no imperador, e delle recebeu, até morrer, uma pensão.

Não é pequeno o numero dos que assistirão ás devastações do *cholera-morbus*, nesta capital. Estes não terão esquecido a abnegação, a solicitude, os sacrificios do imperante e de sua augusta consorte.

A sua caridade inexgotavel absorvia a maior parte do seu dinheiro. Muitos dos seus subditos tinham um tratamento mais fidalgo do que elle. Desaffectedado, inimigo do luxo, servio-se sempre das carruagens do tempo de D. João VI, e o seu palacio accusava o desprezo da opulencia.

A sua probidade ninguem ousou negar. Tentárão, no emtanto, desfigurar algumas das suas virtudes, porque seria de um impudor sem nome contesta-las.

Mas, ainda assim, as invencionices não parecem menos ineptas.

Não podendo dizer que lhe faltavão bondade e tolerancia, aventurárão que essas virtudes apparentes indicavão o plano machiavelico de enganar as sympathias publicas! O povo, apesar de instruido pela perspicacia

destes psychologistas, não ficou prezando menos o monarcha. São os que explicão a probidade pelo medo do codigo e pelo horror á cadeia.

Ser-lhes-hia difficil dar de suas proprias qualidades uma prova extreme de suspeitas analogas.

Desmoralisou os partidos, allegão; e esquecem que assim confessão a fraqueza desses partidos em resistirem ás ambições, á avidez dos interesses.

E como explicarião os desatinos dos partidos no periodo da regencia, quando o poder do imperador ainda não se fazia sentir?

A intervenção do imperante nas lutas da politica foi incontestavelmente benefica e moralisadora.

Corrigio-lhe os excessos, impedio as reacções desatinadas, velou sem descansar pela moralidade do poder.

Ha quedas ministeriaes de uma significação indubitavel. Nem carecemos de alludir a ellas.

Corrompeu até republicanos! isto é—não fechou-lhes o caminho da politica, o accesso aos cargos publicos. Os republicanos preferirião que elle se esquecesse delles, para accusarem-no de votar ao ostracismo cidadãos uteis, ou que os perseguisse, para chamarem-no de tyranno?

Desvanecia-se da nomeada de que gosava na Europa, e procurava recommendar-se lá como um typo de rei democrata.

Esquecem que prestou um serviço immensuravel á sua patria, tornando-a conhecida e amada no estrangeiro, porque a consideração e respeito de que gosava o imperador—e a que deveu por mais de uma vez ser esco-

lhido para arbitro em pendencias internacionaes—reflectia-se sobre o Brazil.

Esta celebridade elle não a procurou ; conquistou-a pela sua grandeza moral, não na Europa, mas no seu paiz, visitado constantemente por estrangeiros os mais illustres, que observarão o rei governando, que ouvirão a opinião dos politicos, que escutarão as conversações do povo.

Aqui mesmo os testemunhos insuspeitos não faltão. Darião para um grosso volume os depoimentos dos republicanos em favor das virtudes de D. Pedro II.

Não poucos, no mais acceso da propaganda contra o throno, reconhecerão o seu alto merecimento.

Outros aguardavão a sua morte para então abrir campanha decisiva.

Quando deu-se o attentado contra a sua existencia associarão-se ás demonstrações de indignação com que receberão todos a nova do crime, e as de regosijo por verem frustrada a tentativa.

Hoje mesmo os mais intransigentes apontão o seu nome como exemplo, e quando tração um paralelo entre o que foi e o que existe, não raro a conclusão é desfavoravel ao presente.

Ainda não ha muito o Sr. conselheiro Saldanha Marinho, o chefe do partido republicano, reconhecia, em uma carta que toda a imprensa publicou, as excellencias do grande patriota, a quem confiaria o cargo de presidente da Republica.

Um irmão do ex-presidente, membro do Instituto

Historico, propoz que a cadeira em que o exilado se sentava ficasse coberta de um véo.

Os que o banirão derão-lhe do erario publico, que estava á discrição delles, cinco mil contos e assegurarão-lhe uma pensão, que elle recusou nobremente.

A Constituição republicana concedeu-lhe tambem uma pensão.

Exilado por surpresa, partio sem uma queixa. Guardou no infortunio um silencio digno, que só quebrava para attenuar a severidade com que julgavão a injustiça de que foi victima, e os erros do novo regimen.

As amarguras do exilio não turvavão a sua bondade. Não aceitou a offerta dos que o depuzerão, e deu á patria que o obrigarão a deixar a sua grande bibliotheca e documentos de alto valor historico.

Foi um rei que amou a patria, e que muito foi amado por ella.

As suas viagens pelos estados tiverão a solemnidade de marchas triumphaes. Quando, nos ultimos tempos do seu reinado, partio enfermo para a Europa, a unanimidade do sentimento nacional acompanhou-o, soffrendo de todas as incertezas e apprehensões que o seu estado inspirava.

O dia do seu regresso foi um dia de gala nacional. A emoção com que o acolherão assumia antes o tom carinhoso de uma familia que revê o chefe estremecido do que o de uma nação que recebe o soberano.

E, porque escurecê-lo? Quando, pela derradeira vez, deixou a patria, não lhe faltarão demonstrações sinceras de saudade e pezar.



Inaugurava-se um regimen. O paiz estava oppresso, assistindo ao que fazião em seu nome; as ambições acotovellavão-se, os pretendentes caminhavão apressados para o poder que surgia; cada qual lidava por mostrar-se mais dedicado e mais sincero.

Mas, acima do alarido das ovações, do tumulto das festas, pairou a dôr do povo inconsolavel.

Muda, embora, a dôr nacional impunha-se ás preoccupações positivas desse momento, a que não quadravão os sentimentos desinteressados. Era occasião propicia á ambição e não á saudade.

E, comtudo, os dominadores sentirão a pressão desta magua, reconhecêrão-na até, apressando o momento supremo, porque da dedicação dos seus não estavam tão certos quanto da amargura que inspirava a partida dos exilados, e não consentindo que o dia allumiasse a despedida.

Os que cercavão então o governo nascente não virão nada disto, e contestarão talvez este surdo movimento da opinião.

Outros, porém, que auscultarão o coração popular, sentirão que nunca talvez o monarcha inspirou emoções mais intensas.

.....

Ha quasi sessenta annos, no largo do Paço, uma multidão acclamava em delirio uma criança de cinco annos, herdeiro de um grande imperio.

Impossivel lhe seria imaginar que muitos annos depois atravessaria, á noite, a mudez dessa praça, em caminho do exilio.

O imperador pela revolução tornára-se o banido pela revolta.

O segundo imperio terminava por um desastre igual ao que victimára o primeiro.

Mas em 31 a patria não chorava o desthronado, e em 89 o mesmo sentimento estreitava o monarcha que partia e o povo que ficava. E a tristeza desta despedida, atravessando dous annos de exilio, chega, palpitante ainda, á borda deste tumulto aberto, fiel, como outr'ora, a este homem superior, tão ausente como dantes, mas talvez ainda mais amado.

## DIA A DIA

---

Acaba de findar-se o exilio e a vida do grande brasileiro; um dos menos ditosos, talvez; o maior, sem duvida nenhuma.

O luto official não lamenta esta morte. A artilharia não trôa; a bandeira nacional não se cobre de crepe; o exercito não lhe presta honras funebres; a pompa e o rumor dos funeraes da realeza não acompanhão até a mudez do tumulo o cadaver do rei desthronado.

Anima, entretanto, este silencio a dôr unanime dos seus concidadãos.

O véo que não enluta o estandarte brasileiro fluctua sobre a alma da patria. A tristeza nacional vibra n'uma voz mais augusta que a do canhão, e o desfilhar dos regimentos substitue-se pelo cortejo de um povo.

Todas as preocupações desaparecem diante deste acontecimento. Os resentimentos e as decepções politicas dividem hoje a familia brasileira. Mas esta morte identifica-a pela solidariedade da mesma angustia. Ainda ha pouco os nossos concidadãos confundião o seu

sangue como inimigos: hoje confundem as suas lagrimas como irmãos que o mesmo golpe ferio.

Esta devia ser a commemoração da morte do monarcha cujo reinado foi a garantia da união nacional.

Elle consegue, já no seu feretro, o congraçamento que empheendeu e realisou no seu throno, e que se quebrou com o seu exilio.

Abatido e desolado por esse passamento, o paiz soffre por elle e por si mesmo. Não é, porém, o morto o mais digno de lastima.

Elle cahio, certo de sua immortalidade; e nós vamos viver inseguros do nosso porvir.

A sua autoridade de rei, isto é—o labor de meio seculo, a agitação de um só dia arrebatou.

A sua memoria, porém, firma-se inabalavelmente; ninguém a desthonorará.

O exilio não prevalecerá contra ella, porque a historia registra as revoluções, mas não lhes serve.

Dignificado por um longo reinado de paz, de tolerancia, de liberdade, de reformas proficuas, de altas inspirações patrioticas, e, sobretudo, sagrado pela dignidade do seu exilio, em que a nobreza associou-se á resignação, e o silencio mais tocante consorciou-se á mais serena altivez, este homem, que foi, a um tempo, pelo destino, a primeira autoridade, e por suas virtudes o primeiro cidadão de sua patria, sente-se hoje tão honrado pela saudade dos seus concidadãos como não o seria mais se descesse do throno para a morte, sem passar pelo infortunio e pelo banimento.

A sua memoria forão de certo bemditas as prova-

ções do lance final de sua vida. Mostrarão, pelo menos, que a sua estatura moral não precisou nunca do pedestal que a sorte lhe deu e a revolução lhe tirou.

Ao contrario: a desgraça tornou-o mais respeitado e mais amado, purificou-lhe o animo estoico, engrandeceu-o mais do que nunca na admiração universal; porque, arrancando-lhe a corôa, só deixou que lhe aureolassem a fronte a velhice veneranda e o soffrimento austero.

Findou-se o exílio. Quantos não invejarão este final, quantos não ambicionarão as lagrimas deste passamento?

C. A.

## O que se argúe ao Imperador.

---

Não se pôde dizer qual dos órgãos políticos desta capital exprímio com mais sentimento e com mais força sua admiração pelas virtudes particulares e pelo accendrado patriotismo de D. Pedro II; e se sómente os nossos autorisados collegas da *Gazeta de Notícias* forão ao ponto de lamentar que com elle nos tivessem abandonado a sisudez, a probidade e o decoro das altas regiões, forão todos accordes em reconhecer que essas nobres qualidades ainda não tiverão entre nós mais alta e mais completa personificação.

Em apreciar, porém, o modo por que o fallecido imperador exerceu as funcções de rei constitucional não é igualmente unisono o juizo da imprensa. A arguição do poder pessoal, que muitas vezes lhe fizerão os partidos, é ainda agora repetida. Será ella confirmada pela historia?

Ha manifesta contradição em reconhecer-se a clara

intelligencia, a illustração, a experiencia, o desinteresse, a pureza de intenções do imperador e não admittir-se como consequencia necessaria a ascendencia que devia exercer entre os que com elle collaborarão no governo do paiz. Sua intervenção não excedia desses limites, e, sempre que se fazia sentir, era justificada pelos intuitos patrioticos e pela grandeza das causas.

Na mudança das situações politicas é que ella mais frequentemente apparecia; mas ahi era inevitavel, desde que a nação não chegou a ter a plena consciencia dos seus direitos para faze-los valer pelas urnas eleitoraes. As dissoluções erão, pois, o unico meio de não se perpetuarem os partidos no poder, e a verdade é que só depois de enfraquecidos e gastos no governo se operava o revezamento exigido pela natureza das instituições parlamentares.

De todas as questões que se agitarão e se resolverão durante o longo reinado foi a da escravidão a que mais vezes deu lugar á accusação de poder pessoal; e assim era natural, porque foi o maior e o mais difficil problema de todo esse periodo. *Felix culpa!* dever-se-hia exclamar, mesmo quando se reconhecesse a procedencia della,

Quem tenha ouvido uma só vez pronunciar o nome de Alexandre II sabe que a elle se deve a emancipação dos servos na Russia. A historia, para ser justa, ha de associar do mesmo modo ao nome de D. Pedro II a emancipação dos escravos no Brazil. O paralelo não vae além, pois que os processos seguidos pelos dous sobe-

ranos não podião ser os mesmos, sim mais difficis para o segundo que para o primeiro.

D. Pedro II foi adiante dos estadistas do seu tempo no pensamento de promover e preparar a liberdade dos escravos; sua acção não podia deixar de ser lenta, e só poderia ser efficaz se fosse constante; elle carecia convencer os homens políticos e attrahir o concurso da nação. Percebe-se hoje que nesse trabalho as interrupções não forão senão apparentes, mas, para chegar aos resultados, elle não quebrou os moldes que a Constituição lhe traçara.

A prova está nas arguições contradictorias que lhe erão feitas nos ultimos tempos: por uns de ir muito de pressa, por outros de recuar no meio do combate. Tivesse elle querido, como lhe exprobravão, apparecer a todo o custo perante os philantropos europeus como principe humanitario, e não teria em 1868 chamado ao poder o visconde de Itaborahy, logo depois de ter, em uma falla do throno, recommendado a questão ao estudo do corpo legislativo. Mais recentemente, e mesmo em situações liberaes, não teria chamado ao poder estadistas radicalmente contrarios á reforma.

Mas o que aos olhos da posteridade ha de dar o maior relevo á figura de D. Pedro II é que de todas as sinistras prophcias feitas pelos adversarios da emancipação dos escravos, para os quaes era infallivel que ella havia de trazer a ruina total deste paiz, a unica que se realisou foi a de que concorreria para a perda do throno. E' inutil discutir sobre o quilate das convicções dos que por este motivo se separarão da monarchia; é certo que



entre os elementos conservadores, seu apoio mais natural, o espirito revolucionario fez as mais sorprendentes conquistas.

No dia em que o mais eminente chefe conservador, senador do imperio e conselheiro de estado, declarou-se *sem a autoridade e a força precisas para conter nos que o seguião as represalias do resentimento*, pôde-se avaliar em toda a sua extensão o sacrificio da monarchia pela sagrada causa da liberdade dos escravos.

Por este lado ella pôde ser comparada aos povos escolhidos pela Providencia para em seu seio se operarem as grandes transformações da humanidade e que, segundo o Sr. Renan, pagão sempre esse favor com a perda da existencia nacional.

Libertador de uma raça —quem já entrou para a immortalidade com melhor titulo?

---

## A'S SEGUNDAS-FEIRAS

(FOLHETIM HEBDOMADARIO)

---

### D. PEDRO II

E' por este nome que o conhecerá a historia, em que pese aos nossos jacobinos—quasi tão adiantados como os que, ha mais de um seculo, chamavão Luiz Capeto a Luiz XVI. E' com este nome, ou antes sob este nome, que desejo estudar hoje uma das physionomias mais interessantes deste seculo tão rico em physionomias interessantes. Tarefa difficil, arduissima mesmo, e que só a petulancia do nosso jornalismo, obrigado a fazer a historia dia por dia, explica e justifica: estudar uma vida de rei, uma longa vida complicada e multipla de homem de estado, um dia, que digo eu? um momento apóz a sua morte ou, tantas vezes, um instante depois da sua queda. Philaucia fôra, e grande, suppôr definitivos estes juizos—e quem sabe se os ha em alguma cousa definitivos?—feitos

no mais acceso das nossas lutas políticas, com todas as nossas paixões, ou, pelo menos, com todos os nossos preconceitos, com a pressa que exige o nosso moderno jornalismo.

Eu admiro e invejo aquelles, de si tão seguros, que acreditão de uma vez assentados os conceitos que a respeito de um destes vultos historicos externarão, e penso que, se na vida a fé é um bello auxiliar e um seguro conforto, esta segurança do seu juizo deve dar ao escriptor uma deliciosa tranquillidade — sómente comprehensivel e apreciavel por aquelles para quem a verdade é, acaso, uma cousa intangivel.

Somos, porém, assim feitos, que por menos que confiemos em nossos juizos, nos não podemos forrar a dize-los quando se nos antolha propicia occasião.

Salvemos, entretanto, essa contradicção da nossa natureza com a duvida manifesta dos nossos proprios julgamentos e sendo nós os primeiros a desconfiar da sua inteira exactidão.

De todas as paixões, de todos os defeitos humanos, nenhum talvez me repugne tanto como o fanatismo; a confiada segurança dos nossos juizos sobre phenomenos historicos, que estamos vendo com os nossos olhos apaixonados e interessados, é tambem uma especie de fanatismo que me repugna. Falso como um necrologio, é já expressão ganhando fóros de anexim. O que será quando o morto é um monarcha deposto e banido, ao redor de cujo cadaver adejão as saudades de uns, os resentimentos de outros, os odios destes e as paixões, boas ou más, propicias ou adversas, de todos?

Eu não sei se a historia do nosso tempo não será a mais difficil de escrever, para o historiador do seculo XXII ou XXIII.

Quicá esta mesma multiplicidade de fontes de consulta que lhe fornecerão o jornalismo, a imprensa, as revistas e todos os modernos processos de informação e todo o nosso systema de publicidade, lhe será embaraço para, em meio da complexidade da nossa vida, descobrir a verdade dos factos e assentar a exacta feição dos homens e de suas obras. Em todo o caso, nós, por nossa conta, vamo-la fazendo, a essa historia, deixando ao futuro o trabalho de verifica-la. A mais elementar prudencia manda, entretanto, que não confiemos demasiado nella. Com esta reserva talvez não tenhamos influencia sobre os homens, que querem ser enganados, mas talvez não sejamos desmentidos um dia, o que de ante-mão consola.

A D. Pedro II coube a temivel responsabilidade de governar um povo novo no inicio, por assim dizer, da sua vida nacional e no mais melindroso periodo da formação de sua nacionalidade.

De como se houve nessa tarefa, varião infinitamente as opiniões e não é já que as podemos dar e aceitar como seguras.

De parte as que o respeito da morte e a justa veneração por um grande e, acaso, immerecido infortunio, inspirou com uma digna unanimidade, desconstradas são ellas.

Não é meu proposito, se algum tenho, decidir entre ellas; pergunto apenas a mim mesmo, e como sei e posso

me respondo, qual o papel deste homem no desenvolvimento da mentalidade brasileira, e qual a sua influencia sobre a nossa cultura, o que o mesmo é estudá-lo como homem e como monarcha.

Não me parece que D. Pedro II haja sido um desses homens inteiriços, cuja physionomia facilmente se apanha e cujo character é possível definir em um traço, em uma phrase, em uma palavra. Esse homem, que teve uma educação fradesca, foi um voltairiano pouco amado dos padres; esse herdeiro de um dos maiores thronos do mundo e descendente da mais velha talvez das actuaes dynastias, foi um democrata que desagradou aos seus pares, os dymnastas europeos.

Como estas ha uma porção de contradições no seu character, fazendo na sua vida soluções de continuidade, desvios, paradas quasi inexplicaveis.

Não quero dizer que ella seja inteiramente descosida e desconnexa. Ao contrario: todas essas contradicções do seu character e todas essas desigualdades da sua vida são como apagadas por uma caracteristica superior que dá a essa vida de cincoenta annos de reinado uma unidade quasi admiravel: a bondade.

D. Pedro II foi um bom. Elle, que não foi talvez grande, apesar do seu desinteresse e da sua magnanimidade, elle que não soube desviar de si a suspeição de artificioso em que o tinha seu povo, soube ser, toda a vida, sem descontinuidade, logicamente ou instinctivamente, mas consequentemente, bom. Essa nunca desmentida bondade pôde ser ainda uma fraqueza. D. Pedro II não foi capaz dos grandes odios nem talvez dos grandes

V. o V.  
Imp. 5  
Lilia

amores. A bondade revestia nelle essa fôrma ironica, indifferente e doce das almas desilludidas nas quaes a piedade pela miseria humana ou o mesmo desprezo da humanidade se escondem na compaixão. Pôde ser justa esta explicção; mas que importa a fonte do regato, cuja agua crystallina e pura nos mata a sêde? A bondade em D. Pedro II é a nota dominante do seu caracter; as suas outras qualidades, como o desinteresse, que nelle foi eminente, como alguns dos seus defeitos, são nelle ainda uma fôrma da sua bondade. Sentindo-se bom, elle não podia crer que realmente o não amassem e, como qualquer outro, deixou-se illudir com as manifestações com que o povo — esse grande e eterno cortezão — parecia corresponder a essa bondade. A' ultima hora do seu reinado, elle não cria ainda que o depuzessem, e quando o seu derradeiro ministerio fallou-lhe em prender aquelle que ia ser a alma da revolta, á qual se aluía o seu throno, a sua resposta foi : — Prender o Benjamin? Isso nunca. O Benjamin é meu amigo; tem aquellas idéas, mas não faz mal...

E no exilio esse rei desthronado não só não disse talvez uma palavra de queixa ou de censura, mas as teve de louvor e de apreço para aquelles que lhe tirarão o throno e a patria. Atacando-o, os seus inimigos de antemão contavão com o perdão; e a igualdade de sua bondade, neste ponto quasi evangelica, pois dava sem olhar a quem, tinha a virtude de lhe crear descontentes, se não desaffectedos, nos que se julgavão com mais direito a ella.

Com esta immensa cópia de bondade, não platonica mas activa e constante, D. Pedro II não conseguiu, en-

tretanto, de sua nação nem a inteira confiança, nem o amor profundo, desse amor que se revolta e defende o objecto amado. E' que, parece, havia falhas nesse caracter e defeitos graves nesse homem. Um delles é que foi porventura igual demais. O egoismo humano não perdôa a igualdade com que nos tratão e aos outros. Todos nos julgamo-nos com direito á distincção.

O ex-imperador foi. pôde-se dizer, o amigo de todos, e o homem, como o Alcestes de Molière, não crê no amigo do genero humano.

Eu não sei se D. Pedro II era um homem superior, ou, e digo melhor, um estadista superior. Afigura-se-me que não, e que nelle o homem de estado era inferior ao simples particular.

A opinião publica, esta nossa singular opinião publica brasileira, chamou-o um corruptor e accusou-o de estragar todos os homens que se lhe approximão. Alguns desses homens, ao deixarem os seus conselhos, mexericavão cousas desagradaveis ao monarcha, como lacaios despedidos vingão-se dizendo mal dos amos que os demittirão. Se é verdadeira a accusação popular, ao que parece corroborada pela maledicência dos ex-ministros, esse facto assentaria a superioridade de D. Pedro II e a inferioridade do povo brasileiro, representado na governação do paiz não por um, mas por cem estadistas, que se deixavão corromper e estragar. Ora, se isso fosse verdade, seria humilhante para nos, e eu não vejo nenhum facto que mais depuzesse contra os nossos sentimentos e contra o nosso character nacionaes. Eu, por honra nossa

e por honra do ex imperador, prefiro crer que isso não é verdade, e que se alguns se estragãrão e corrompêrão na politica, é porque erão, para parodiar Lombroso, corruptos-natos.

Deixar-se corromper é no homem uma tão vergonhosa fraqueza como é na mulher deixar-se seduzir, e não sei que nenhuma se possa justificar e recobrar a estima publica, allegando que cedeu á seducção. Não cedesse — é ainda a mais moral, a mais prompta e a mais logica resposta. Penso, quanto ao ex-imperador, que o contrario é a verdade e que o seu erro foi encerrar-se demasiado nas formulas do regimen da monarchia constitucional. Certo forão grandes os nossos progressos, mas muito maiores poderião ter sido, se á frente da nação houvesse estado não um homem bom sómente, mas um estadista energico. Esta qualidade, parece-me, faltou a D. Pedro e em lugar de governos de acção tivemos muitas vezes governos de expediente.

O jogo, tambem, dos nossos partidos politicos, sem nenhuma differenciação de idéas que os distinguisse e, ao cabo do imperio, quasi sem razão de ser, pois se havião confundido, separados apenas pela organisação, pelo pessoal e pelas paixões, o mesmo jogo dos partidos politicos, ao qual elle, monarcha constitucional, tinha de obedecer, obrigava-o e constringia-o. O Sr. Joaquim Nabuco, que, apezar do seu honrado e cavalheiresco affecto á cahida dynastia, vio claro e bem em muitas cousas da historia do nosso paiz, diz uma verdade incontestavel quando afirma que o não consentir o imperador que o partido no poder esmagasse o adver-



sario, foi causa da má vontade de alguns dos seus servidores.

Como estadista faltou-lhe, todavia, talvez a mais relevante qualidade do estadista: o conhecimento dos homens e o acerto na sua escolha. Se o segundo reinado possuiu uma pleiade de notaveis homens de estado, deve-se ao proprio esforço desses homens e ao mecanismo do regimen parlamentar que os destaca e impõe. Não sei se não acertaria notando que justamente os mais queridos do imperador forão talvez os mais mediocres.

O que torna ainda difficil julgar este homem é a opinião de então e a opinião de hoje, d'aquelles que o servirão e que o frequentarão. Desde que a conquista do poder tornou-se a unica preocupação dos partidos monarchicos, e que a boa fé cedeu o passo á intriga, os chefes perdêrão a imparcialidade que os tornaria benemeritos de credito. E a nação assistio ao curioso espectáculo dos ex-ministros virem cá fóra descobrir os defeitos do imperante. Um desses, cujo espirito caustico inventou uma porção de formulas de uma concisão mordente e cruel, com que, mais que ninguém, elle, conservador, desmoralisou o imperio, agora, quando lhe fallavão no monarcha deposto, erguia-se theatralmente e solemne-mente: «Desse homem não se falla senão de pé» dizia

Até certo ponto pôde-se explicar este singular phenomeno pela natureza absorvente do Imperador, confundida talvez com a intenção do poder pessoal.

A sciencia de D. Pedro II, que uns affirmão variada, profunda e extensa, e outros contestão, para me servir de uma expressão de um seu amigo, tinha pouca profundi-

dade, mas abrangia uma larga superficie e, em meio dos nossos politicos, dava-lhe um relevo e, se não uma superioridade, uma confiança em si proprio que, sem querer, os offuscava e offendia.

D. Pedro II foi muito denominado protector das lettras.

Penso que elle proprio estimava este titulo e esforçava-se por merecê-lo. Monarcha pacifico, liberal e philosopho, aprazia-lhe apparecer sob este aspecto aos olhos do seu povo e do mundo. Se as lettras podem hoje em dia dispensar protecções, o dar-lh'as não deixa por isso de ser um merito; e um monarcha que presta às cousas da intelligencia a homenagem do seu acatamento, mostra pelo menos a intelligencia do seu tempo. No desenvolvimento da intellectualidade brasileira, D. Pedro II não teve uma acção directa; grande, porém, foi a sua influencia indirecta. D. Pedro II era a negação mesma do sentimento esthetico. O gosto e discernimento critico lhe erão totalmente estranhos. Sem embargo disto, elle mostrou sempre —note-se que não digo teve— elle mostrou sempre muito gosto e muito interesse pelas lettras, pelas artes e pelas sciencias. Não era um temperamento de escriptor, mas de litterato; não era uma alma de artista, mas de bibliographo e de bibliophilo. Creio mesmo que havia alguma vaidade e alguma pose nesse seu gosto pelas cousas da intelligencia, e ao mesmo tempo me parece que se não fosse natural seria, porventura, mais intelligente. Se elle teve, como não quero duvidar, o amor das lettras, faltou-lhe, entretanto, a intelligencia, se não dellas, desse senti-

mento. O que eu disse desses estadistas, posso dizer dos homens de letras: forão os mais nullos e mediocres que elle acolheu, considerou e protegeu. Ao redor deste Augusto, não se contão nem Virgílios nem Horácios, e os famosos serões litterarios do paço quasi serião, como litteratura, apenas um assumpto de poema heróe-comico.

As letras, por sua natureza aristocraticas, não podem ser bem vindas aos paços dos potentellos — quer sejão reis, quer presidentes de republica, pois não somente aquelles têm cortezãos e aulicos. A democracia não é litteraria, porque é a igualdade; e a intelligencia, que ella pretende nivelar, é forçosamente, indispensavelmente, aristocratica. Nada mais aristocratico do que o grande poeta da democracia—Victor Hugo. A litteratura ou a arte democratica não existem; sendo manifestações do que ha de melhor e de superior na intelligencia humana, são forçosamente aristocraticas. Se exceptuarmos Athenas, essa democracia excepcional, e a moderna democracia franceza, tão aristocratica e acaso a unica que áquella haja arremedado, as sciencias, as letras e as artes jamais florescerão nos estados sociaes onde impera a democracia. Os Estados-Unidos, com a sua mediocridade espirital, são exemplo disso.

Sendo, porém, aristocraticas as letras, não podem ser palacianas, porque o seu caracter é serem independentes, tanto desse soberano, o povo, como do outro soberano, o rei. Acontece, pois, que o rei protector das letras, de regra geral, apenas encontra a mediocridade para proteger.

Os espiritos de eleição e as grandes personalidades, esses furtão-se a uma protecção que, quando não é humilhante, é funesta porque asphyxia a atmosphaera onde a respirão. D'ahi o não se encontrar junto aos thronos, mesmo quando occupados por um homem como D. Pedro II, nem junto ao povo, monarcha tão gostoso de lisonja como os outros soberanos, nenhum desses eminentes espiritos que são a honra e a gloria da humanidade.

Transformando-se o modo de ser da vida litteraria, desnecessaria é a sciencia, a litteratura ou a arte a protecção do povo soberano ou do soberano rei. E se um ou outro podem honrar o artista, o sabio, o poeta, o escriptor, só a si se honrão honrando a qualquer das manifestações de intelligencia humana.

17/c.

O seu amor ás letras e o seu interesse pelas cousas de espirito, manifestou-os D. Pedro II pela attenção que lhe merecião todos os seus factores e todos os seus productos. A mais notavel associação litteraria do paiz, o Instituto Historico, deveu-lhe a mais singular protecção e assidua frequencia. Na sua capital, era certo achalo em todas as festas academicas. Estudava, com prazer extraordinario para um soberano, as linguas e as litteraturas antigas, festejava os homens de letras, considerava quantos se lhe apresentavão como taes. Parece que exagerou mesmo este interesse, e que, falho de espirito crítico, mais de uma vez confundio merecimentos enormemente differentes, dando não raro preferencia aos que nenhum tinhão e que especulavão com aquelles sentimentos. Mantinha correspondencia activa com os sabios estrangeiros, e na Europa escandalizou as côrtes, os

conservadores e a gente «bem pensante» visitando os rabinos, os livres pensadores, os republicanos e os impios, como Renan, como Hugo, como Littré. No Brazil, entretanto, a sua roda litteraria era composta de personalidades, muito dignas, sem duvida, mas de terceira ordem, e podemos ter delle a justa queixa da guerra que, servindo-se de José de Castilho—um desses portuguezes que para cá vierão explorar a litteratura como podião explorar o café—moveu á mais alta personalidade litteraria que jámais tivemos, a José de Alencar. Nenhuma empreza scientifica ou litteraria se fundou entre nós que elle não acompanhasse com o seu interesse, com o seu amparo, com a sua protecção. A estes titulos, que o tornarão benemerito do de «protector das lettras», não quero ajuntar as suas proprias obras que, parece-me, nunca forão publicadas. As poucas que conheço, tudo poesia, não dão certamente senão mediocre idéa do seu talento litterario.

Os nossos politicos e estadistas, com excepções excessivamente raras, forão sempre estranhos e antipathicos a todas preoccupações que não fossem a politica do dia e os interesses do seu partido. Um Thiers, amador e colleccionador de quadros e critico d'arte, historiador e publicista, um Gladstone, traduzindo e commentando Homero, um Disraeli, escrevendo romances, um De Sanctis, fazendo critica nos jornaes e conferencias litterarias, e tantos outros que fóra d'aqui não achão incompativeis as mais arduas preoccupações da politica com o mais sincero gosto pelas cousas de arte, de sciencia e de lettras, não os comprehendemos. Entre os nossos esta-

X  
Il faut  
mettre la  
main à l'œuvre.

distas, D. Pedro II foi talvez o unico que teve essa elevada e desinteressada preocupação; sómente elle, talvez, cuidou de outra cousa que não fosse a eleição, o orçamento, as garantias de juros ás estradas de ferro, nomeações dos funcionarios e quejandos assumptos.

Os seus ministros não occultávão sempre a sua má vontade por isso, e alguns haveria que devião achar singularmente estranho que elle lhes fallasse no ultimo livro de Renan ou na ultima communicação feita á Academia das sciencias. Eis como elle ganhou a fama de protector das letras e de monarcha sabio: sendo o unico que na alta governação do paiz mostrou constante desvelo pelo lado intellectual do nosso desenvolvimento nacional.

Para que, sem nenhum outro sentimento que o da verdade e da justiça, lhe devamos muito por esse lado da sua influencia, não foi preciso que elle fosse um artista, um escriptor ou um sabio—e pôde bem ser que não fosse nada disso—nem tão pouco era necessario que houvesse tão declaradamente mostrado o seu interesse pela nossa vida espirital; bastou que a sua grande elevação moral —uma das maiores que o seculo tenha visto — nos haja dado, commo nenhum outro povo teve, essa atmospherá fecunda de liberdade onde puderão vingar e medrar todas as manifestações do nosso espirito.

Só por isso elle foi, talvez, o mais importante factor do nosso desenvolvimento intellectual.

Quantos neste paiz têm a honra de empunhar uma penna convencida e honrada, por modesta e obscura que seja, reconhecerão que jámais durante o seu longo reinado tiverão de deixa-la cahir por falta de liberdade

ou sequer de illudir ou velar o seu pensamento. Todos pensavamos com queriamos e diziamos o que pensavamos.

Eu não sei que maior elogio se possa fazer a um estadista, nem que maior serviço pudesse elle ter feito ao nosso desenvolvimento espirital.

Quantos ainda temos fé na Republica só devemos desejar que ella o continue neste ponto e que nos restitua sem intermitencias nem restricções a liberdade que com D. Pedro II tivemos.

JOSÉ VERISSIMO.

## Os funeraes de D. Pedro II

I

### **O FUNERAL**

Começa hoje a penultima jornada. Os restos mortaes do grande Brasileiro vão ser transportados da Magdalena, em Pariz, a S. Vicente de Fóra, em Lisboa, com toda a pompa de um sahimento regio. Desse grandioso espectaculo, como nenhum outro proprio para ferir a imaginação dos que acompanhão com maior interesse do que as machinações humanas os designios da Providencia, é impossivel dizer qual elemento é mais dramatico e mais imponente.

Tudo se reune nessa demonstração unica para dar-lhe o cunho de uma grandeza original e suggestiva. O primeiro character desse luto é ser universal. O mundo inteiro toma parte nelle, sentindo que não faz senão ele-



var a propria humanidade, rendendo esse tributo a um dos seus vultos supremos, e é a França, o cerebro e o coração da raça Latina, que se faz o órgão da veneração unanime dos Dous Mundos, o conductor dessa epopéa funebre.

A scena em Pariz apresenta-se de uma grandiosidade indizivel ao coração brasileiro. A guarnição, sob o comando do general Saussier, prestará honras militares ao homem que durante cinco annos foi a alma do nosso exercito e de nossa armada, o chefe a quem morrerão fieis os Caxias, os Hervaes, os Porto-Alegres, os Amazonas e a multidão enorme das fileiras.

A guarnição de Pariz só por si é um grande exercito, e a formação delle em honra de um exilado pôde servir de exemplo, ainda mais do que á magnificencia, á elevação e ao desinteresse da hospitalidade franceza. Na nave da Magdalena o cortejo funebre tomará as feições de um congresso do Espirito Humano.

Pela primeira vez se apresentão aos olhos da Europa, conduzindo os funeraes da realeza, as sciencias e as lettras. São ellas que elle preferia a tudo na admiravel cultura de que Pariz é o centro, e são os seus confrades do Instituto que se elle pudesse apontaria para estarem mais perto delle, com precedencia aos herdeiros de titulos antigos ou aos occupantes de posições sociaes. Tambem nunca as sciencias e as lettras ter-se-hão incorporado ao cortejo de um imperante com tanta consciencia de que acompanhavão um collega ao seu descanso final. Nem a representação das grandes vocações especulativas se limitará, na Magdalena, é licito presumir, ao genio da

França. Se não em pessoa, pelo espirito tomáráo parte na demonstração os vultos intellectuaes dos outros paizes, porque de muitos delles D. Pedro fóra um correspondente e amigo, e de todos um apreciador intelligente. Mas, se primeiras allí pela distincção e escolha do illustre morto, as sciencias e as lettras não occupão, socialmente falando, senão uma categoria modesta, porque em humilde e restricta comparação se pôde dizer que tambem o seu reino não era ainda deste mundo. Os primeiros aos olhos da multidão naquelle sequito innumeravel serão os altos representantes da Europa monarchica e da França republicana, reunidos para prestar as ultimas honras do chefe exilado da monarchia extincta da America. A cerimonia só por si dá perfeita idéa do progresso realisado nas idéas politicas do proprio povo pariziense. Pariz não é mais o ninho, que foi por vezes um instante, de um jacobinismo pervertido pela sensualidade que só encontra satisfação no crime e goso no sangue. A Republica Franceza não é hoje a opposição de uma insignificante minoria fanatico e autoritaria às massas timoratas do paiz; funda-se na opinião e não na força, legitima a sua existencia, não um dogma politico de seita, mas pelo preferencia expressa e conhecida do suffragio universal. Por isso ella, democracia culta, assim como não commette o erro grosseiro de confundir com as instituições democraticas o militarismo Sul-Americano, tambem reconhece na monarchia constitucional, systema que D. Pedro II tão admiravelmente representou por meio seculo, um regimen de liberdade parlamentar do mesmo genero, ainda que não,

pela fôrma exterior sômente, da mesma especie, que os governos republicanos mais adiantados. E' a largueza desse ponto de vista que faz a Republica Franceza, — e nesse pensamento, pelas homenagens da sua imprensa se vê, os Estados-Unidos a acompanhão duas vezes como democracia verdadeira e como primeira Nação Americana,—prestar o elevado tributo do seu respeito ao representante que foi na historia da America do Sul, sob a bandeira da monarchia constitucional, de uma extensa calma e continua excepção a favor da lei, da liberdade e do bem publico.

A Nação Brasileira sente-se neste momento para com a França sob o peso de uma divida immensa. Se no paiz, a que elle dedicou a sua vida toda, cogitações muito diversos e provenientes do desmantelo causado na ordem moral e na ordem politica pela inadequada substituição de regimen, desvião no dia de hoje de seu passamento a reflexão de tão grande parte do nosso povo, dia virá em que, sem distincção de partidos, todo elle se coadune no sentimento de que foi a França quem generosamente se encarregou de cumprir para com o fallecido Imperador os deveres que por todas as leis naturaes incumbião á Nação Brasileira. Não faltão, entretanto, e são innumerous, brasileiros cujo pensamento no dia de hoje esteja inteiramente voltado para a primeira e lutuosa parada do cortejo funebre que a Princeza Imperial, como filha extremosa, vai ter a dor e o privilegio de conduzir através da França e da Peninsula.

Os francezes têm o genio das artes e em nada elle é mais distincto e brilha melhor do que na organisação

das suas grandes solemnidades publicas. Pariz so por si é um scenario esplendido e sempre prompto para as glorificações populares. Accrescente-se á incomparavel perspectiva da estrada que o cortejo tem de percorrer, margeada de multidões de povo, entre alas continuas de soldados, o imponente prestito funebre, e quem viu Pariz em uma dessas occasiões, em que a cidade parece fazer appello a todos os seus recursos para manter a sua incontestavel preeminencia, pode representar-se pela imaginação o quadro que alli se desenrolará hoje na apothese de D. Pedro II. Mais do que tudo isso, infinitamente, elle preferiria ser enterrado entre nós e por certo que o tocante symbolismo de fazerem o seu corpo descansar no ataúde sobre uma camada de terra do Brazil interpreta o seu mais ardente desejo.

Ao brilhante cortejo da Magdalena elle teria preferido, em falta de tantos que reputara seus amigos, o modesto acompanhamento dos mais obscuros de seus patricios, e daria bem a presença de um dos primeiros exercitos do mundo em troca de alguns soldados e marinheiros que lhe recordassem as gloriosas campanhas nas quaes o seu coração se enchêra de todas as emoções nacionaes.

Mas foi a sua sorte morrer longe da patria, e é uma consolação para todos os brazileiros que venerão o seu nome ver que elle na sua posição de banido recebeu ainda da gloriosa Nação Franceza as supremas honras que ella pôde tributar. No dia de hoje o coração brazileira pulsa no peito do França.

---

## O PRESTITO FUNEBRE

---

### II

Não podemos infelizmente fazer senão uma idéa geral da solemnidade que a população de Pariz hontem presenciou. Dos seus innumerados detalhes não nos chegam senão os que mais devem ter commovido os nossos correspondentes, todos brasileiros pela patria ou pelo coração, isto é —o lado moral da grandiosa manifestação, feita, digamos logo a verdade, em honra do Brazil. Naquelle momento elles não tinham olhos para observar o conjuncto de um espectáculo que entretanto deve ter sido da ordem desses que nunca mais pôde esquecer quem os viu. Para elles a scena revestia um character de grandeza antithetica; elles acompanhavão-n'a antes com a imaginação posta em todos os seus profundos contrastes do que com a admiração a que a vista mal poderia furtar-se. Por fortuna nossa houve ainda conse-

lheiros de estado, servidores da antiga casa imperial, e altos funcionarios da monarchia em numero bastante para tomarem os cordões do feretro, fazendo assim crer ao mundo que o abandono do soberano desthronado pelas creaturas de que elle se havia mais de perto cercado não fôra tão completo quanto se podia imaginar. Ainda sem elles o funeral teria assumido a feição de uma demonstração nacional, porque, os telegrammas nos referem, não faltarão no Hotel Bedford brazileiros de todas as classes para assumir a responsabilidade do luto publico pelo Imperador, mas é consolador ver que os representantes da nossa nacionalidade no prestito que hontem atravessou Pariz forão tirados do numero dos servidores a quem essa honra teria tocado se elle tivesse morrido no fastigio do throno. Dentre elles pela sua posição politica todos destacarão aquelle mesmo que na ultima hora, quando ainda se desconhecião as intenções e o alcance do pronunciamento da manhã, elle accitara para seu ministro, Gaspar da Silveira Martins. O telegrapho nos representava hontem a tempera de ferro do tribuno rio-grandense estalando em lagrimas de dôr perante os restos inanimados do seu companheiro de exílio. Ninguem melhor do que elle, actor e espectador a um tempo, poderá contar aos seus patricios as emoções de um coração profundamente brazileiro durante a jornada de hontem. Dias antes, se não houvesse terminado a revolução de sua varonil provincia, que tantas horas de anciedade lhe deve ter causado no estrangeiro, o seu espirito formado em Plutarcho teria associado instinctivamente aquelle acontecimento a lembrança dos

funeraes de Alexandre. Passado, porém, o eclipse da unidade nacional, só elle nos poderá dizer se prevalecia no seu pensamento durante a triste marcha a esperança de um futuro consolidado ou o irresistivel presentimento de uma desaggregação fatal. Postas de lado, porém, todas as contingencias reservadas ao nosso paiz, a recordação do passado devia, ne meio de todo aquelle panorama estranho inspirar aos leaes servidores da monarchia proscripta os mesmos sentimentos retrospectivos.

Para a massa incalculavel dos assistentes aquelle funeral era apenas um grandioso espectaculo. O morto Imperador não era um personagem que roubasse com o seu desaparecimento, como Thiers, um grande elemento pessoal de força a um partido politico, nem que privasse do seu melhor guia um reinado aventureoso, como o duque de Morny, ambos conduzidos naquelle mesmo coche.

Em torno dos seus despojos mortaes não havia, pois, a desolação de uma opinião nacional nem a luta de sentimentos oppostos; havia sómente a unanimidade da estima e da veneração. Pariz viu desfilar esse prestito, pôde-se dizer, com essa especie de emoção impessoal que produz uma grande pagina da historia, quasi uma fórma da arte. O velho soberano não era conhecido d'aquellas multidões senão por sua legenda, a mais bella que a realza moderna conseguiu produzir. A glorificação mesma era de tal ordem que substituia no pensamento de todos a idéa da morte, que é triste, pela da immortalidade, que é radiante.

Para os brasileiros, porém, a serena apotheose exterior convertia-se em uma tragedia nacional. O que então lhes occupava o espirito não podia ser o espectáculo que se desenrolava aos olhos de Pariz, nem mesmo a sublimidade do cortejo, que o genio poderia reduzir a um drama Shakesperiano. Grande por certo, devia ser a impressão dos brasileiros vendo a Princeza Imperial conduzindo em pessoa o luto de seu pai, em procura para o seu descanso final da terra européa que mais se parece com a da patria. Mas, apesar de tudo, o pensamento dos que acompanhavão com alma brasileira, ao longo da via triumphal do Sena, o ultimo prestito Imperial, devia concentrar-se na relação ainda mysteriosa e desconhecida entre o desaparecimento do grande morto e a sobrevivencia da sua obra abalada. Aquella manifestação era uma derradeira conquista sua para o nome e a gloria do Brazil. Foi a Nação Brasileira que se vio glorificada no representante de sua civilisação, de sua liberdade, do seu adiantamento.



## EM S. VICENTE DE FÓRA

---

### III

A trasladação dos restos mortaes do Sr. D. Pedro II ficou ultimada com as imponentes ceremonias hontem descriptas pelo nosso correspondente especial, e ha dous dias que elles descansão ao lado do tumulo da Imperatriz. Não é mais sobre Pariz que a esta hora se concentra a attenção com que o nosso povo tem acompanhado os despojos do seu grande soberano. A Magdalena, despidida de suas ricas armações, não offerece mais a ondas de visitantes á vista do soberbo catafalco. Ao passo lento e grave do prestito nas ruas de Pariz, demorado por vezes para receber alguma dessas tocantes homenagens com que a França, mesmo na hospitalidade e no luto, mostra não abdicar o privilegio da imaginação, succedêra a marcha vertiginosa do expresso devorando noite e dia a distancia entre a capella ardente impro-

visada na *gare* de Orléans e o jazigo da casa de Bragança. As notícias nos chegam de que por toda parte forão rendidas ao fallecido Imperador as honras,—ainda que não todas as honras que elle teria outr'ora recebido,—devidas á sua alta gerarchia e, melhor do que isto, tributos de veneração e respeito, em parte prestados ao caracter do soberano e em parte á dignidade do exilado. Como já o eramos para com a França, somos hoje devedores á nação hespanhola e á portugueza por essas demonstrações, que são o commentario do mundo á benignidade do reinado.

A monarchia hespanhola resente-se neste momento de uma fraqueza de que, entretanto, a qualidade característica da raça tem feito a sua força. Republicanos mesmo cedem á estranha fascinação que não é outra cousa senão a combinação dos dous prestigios, da maternidade e do infortunio, e assignão trégoas nacionaes com a joven rainha que defende sómente com a sua fraqueza a corôa de seu filho. Lamartine em 1848 sentio na camara dos deputados o poder dessa emoção e um instante pensou em proteger com a sua palavra victoriosa a joven duqueza de Orléans. Lafayette teve essa mesma fragilidade dos corações fortes ao apresentar ao povo o Delphim nos braços de Maria Antonietta. Conhecia as profundas correntes do sentimento popular o ministro de Luiz Felippe, que pensou em aniquilar com a boa fama da duque de Berry as esperanças futuras de Henrique V. Mesmo Napoleão imaginou que a infancia do «rei de Roma» teria maior poder sobre o povo francez e a Europa do que a sua infinita trajetoria de gloria. Se, em

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
«ORIGENES LESSA»

Tombo N.º

vez de passar com a rapidez da locomotiva, o prestito atravessasse a península com a lentidão dos antigos cortejos mortuários, creando na imaginação quadros como esse que inspirou a teta de Pradilla, o povo hespanhol divisaria no segundo plano desses funeraes da realeza um grupo em profundo contraste de fortuna com o que elle se deleita em contemplar no luxuoso desfilar do Prado ou nas sombrias alamedas de Aranjuez.

Em Portugal, os elementos para a formação do sentimento a respeito de D. Pedro II são diversos dos que possuem os outros paizes; em mais de um sentido são os mesmos que entre nós. A divisão dos portuguezes em dous campos, o monarchico e o republicano, terá introduzido nas homenagens prestadas ao fallecido Imperador o fermento da dissensão partidaria? E' de presumir que os proprios republicanos portuguezes tiverão a sagacidade de reconhecer que a massa dos seus patricios, antigos residentes no Brazil, levarão a convicção de que o finado Imperador tinha direito ás mais elevadas provas de respeito que lhe pudessem tributar. Nem o capital politico que o partido republicano por acaso pensasse em extrahir de uma situação passageira seria nunca tão consideravel que pudesse comparar-se á hypotheca perpetua que Portugal ficará tendo sobre a nossa gratidão pelo facto de ter acolhido os restos e de guardar a sepultura de D. Pedro II. A Republica no Brazil deu um momento grande impulso ao republicanismo portuguez, mas se este não tiver forças proprias e se vir reduzido, para crescer e triumphar, a contar sómente com a propaganda feita em Portugal pelo exemplo das nossas insti-

tuições, o militarismo, os golpes de estado, o estado de sitio, e ainda agora as expedições para trancar as Constituições dos estados recalcitrantes, lhe tirarão tudo quanto a victoria facil e inesperada da revolução lhe possa ter dado em Novembro de 1889, sem fallar do tremendo proselytismo que a desorientação do cambio opera em sentido contrario. E' assim natural que o movimento republicano portuguez não tenha querido confundir a sua causa com a dos que se suppõem politicamente lesados pela glorificação do Marco-Aurelio americano. E' licito anticipar que os elementos todos da opinião portugueza se manifestarão com a expontanea e sympathica unanimidade com que o fizerão sempre em todas as graves contingencias a que o sentimento nacional brasileiro se tem achado exposto e que o têm profundamente abalado.

Se o fallecido Imperador pudesse ter consciencia da mudança de scena sentiria que está no meio dos seus. Por certo Portugal não é ainda o Brazil, os seus invernos são ás vezes rigorosos, a sua vegetação não é a dos tropicos, e o paiz não suggere de forma alguma a lembrança do immenso territorio com o qual elle se havia identificado. Mas por outro lado Portugal e o Brazil tiverão até certa época a mesma historia, terão sempre a mesma litteratura e a mesma lingua e d'ora em diante o tumulo de Pedro II será uma força de attracção entre elles mais poderosa talvez do que todas as outras. E' cedo ainda para prever sob que fórma se accentuará o novo culto luso-brazileiro de que S. Vicente de Fóra vai ser o sauctuario, mas desde já se pôde ter certeza de que as reliquias entregues á nação portugueza receberão

della perpetuamente toços os officios da devoção e do respeito que os povos de alma e coração sabem prestar aos grandes manes de que são depositarios.

Teremos muitas occasiões para proclamar no decurso da nossá vida a divida em que ficamos para com Portugal e não ha duvida que a permanencia dos restos do Imperador em S. Vicente de Fóra tem que dar lugar a constantes episodios de sympathia, em nossas relações com a antiga metropole, até que um dia, extinctas as paixões, apagados os preconceitos e destruidos os obstaculos, outra geração que comprehenda melhor o patriotismo e offereça mais seguro abrigo á piedade nacional, se encarregue de ir buscar através do Atlantico os restos do homem que, no mais elevado sentido da expressão, foi o fundador de nossa patria. Com a França, porém, pôde-se considerar fechada a conta da nossa divida, e por isto mais uma vez é-nos grato reconhecê-la. Fez-se uma tentativa, mas sém resultado, para transportar para o campo das animosidades politicas o acto de deferencia da França á alta gerarchia do seu hospede em uma cerimonia excepcionalmente privilegiada por todas as leis humanas, como é a dos funeraes. Nenhuma outra bandeira podia cobrir o ataude do Sr. D. Pedro II senão a antiga bandeira nacional, e seria exigir muito de uma nação soberana impôr-lhe que arrancasse de sobre um feretro o emblema da gloria e da personalidade do morto.

JOAQUIM NABUCO.

---

## CARTAS DE FRANÇA

---

### A morte e os funeraes de D. Pedro II

PARIZ, 12 de Dezembro de 1891.

SUMMARIO—Ainda a morte de D. Pedro II—Termo de obito na *mairie* do 8º districto—A camara ardente—Guarda dos despojos mortaes—Telegrammas e visitas de pezames—Ultimos retratos de D. Pedro II—Embalsamento no dia 6—Como foi vestido o corpo—Exposicão publica nos dias 6, 7 e 8—O caixão—A inscripção em latim—Tocante despedida—As flores: principaes corôas—Trasladação do corpo para a igreja da Magdalena na noite de 8—Juizo da imprensa franceza sobre o morto—Algumas aggressões—O governo francez resolve tributar honras imperiaes a D. Pedro II—Nisso não houve offensa alguma á Republica Brasileira—Em que consistem essas honras: precedente do ex-rei do Hanover—Os convites para as exequias no dia 9—Ornamentação da Magdalena—As tropas que concorrerão ao funeral—Suas bandeiras—O coche funebre—A assistencia dentro da igreja: relação das principaes pessoas presentes—Quasi todo o Instituto de França—A cerimonia—Continencia militar à sahida—Personagens que segurarão nos cordões do espuife—Ordem do prestito—Caminho que seguiu—Presentas mil pessoas—Chogada à estação do caminho de ferro—Marcha das tropas em continencia—A Academia de Sciencias—Partida do comboio funebre para Lisboa—Pessoas que nelle seguirão—O representante do imperador da Allemanha.

A minha ultima carta foi escripta na tarde de 5. Com ella remetti cópia do auto de obito lavrado pelo conde de

Aljezur e assignado pelas pessoas presentes. No mesmo dia foi feita a declaração na *mairie* do 8º districto (*arrondissement*), e, depois da verificação por dois medicos da municipalidade, o *maire* lançou no livro de registro de obitos este assentamento :

« DOM PEDRO (na margem)— L'an mil huit cent quatre vingt onze, le cinq Décembre à cinq heures du soir. Acte de Decès de Dom Pedro II d'Alcantara, Jean Charles Léopold Salvador Bibiano Xavier de Paul Leocadio Michel Gabriel Rafael Gonzague; agé de soixante six ans, ex-Empereur du Brésil, né à Saint Sébastien de Rio de Janeiro (Brésil) domicilié rue de l'Arcade 17 (Hotel Bedford) y décedé le cinq courant à minuit trente cinq minutes; fils de l'Empereur Dom Pedro Premier du Brésil et Quatre du Portugal, et de l'Impératrice Dona Leopoldina, Archiduchesse d'Autriche, époux décedés; veuf de l'Impératrice Dona Therèse Christine Maria, Princesse de Bourbon et des Deux Siciles. Dressé, vérification faite du decès, par nous, Paul Ernest Beurdeley, Maire, officier de l'État Civil du huitième arrondissement de Paris, chevalier de la Légion d'Honneur, Officier de l'Academie, sur la déclaration de Diogo Vicomte de Cavalcanti, chambellan de la Maison Impériale du Brésil, ancien Sénateur, ancien Conseiller d'Etat, ancien Ministre de l'Empire du Brésil, grand Officier de la Légion d'Honneur, agé de cinquante huit ans, domicilié à Paris, rue de Monceau 56; et de Joseph Baron d'Estrella, Chambellan de la Maison Impériale du Brésil, chevalier de la Légion de Honneur, agé de trente sept ans, domicilié à Paris, 14, Place Ven-

dome, non parents, qui ont signé avec nous après lecture —(Assignados) *Vicomte de Cavalcanti—Estrella—J. Beurdeley.*»

— A's 8 horas da manhã o padre Song, coadjutor da igreja parochial da Magdalena, disse uma missa rezada no oratorio, que, desde o começo da molestia do Imperador, tinha sido armado em seu quarto de dormir, agora transformado em camara ardente. A empreza funeraria dirigida pelo Sr. Henri de Borniol encarregou-se de todas as disposições do funeral até á entrega do corpo em Lisboa.

Retirados todos os moveis dispensaveis, forão as paredes, o tecto e o oratorio cobertos de velludo preto franjado e salpicado de estrellas de prata. Sobre a cama armou-se um rico docel, cujos bambolins, assim como os dos pannos das paredes, apresentavam palmetas, rosões, pernas de folhagem, ondas e outros ornamentos de desenho grego, e rematavão em canotilhos de prata. Nos angulos do docel levantavão-se pennachos negros.

A cama, sobre um estrado, convenientemente nivelada e revestida de pannos iguaes aos das paredes, ficou convertida em tarima, e sobre ella foi collocado o Imperador morto, coberto com a bandeira que o Brazil tinha durante o seu reinado. Quatro grandes candelabros com pingentes de crystal e numerosos tocheiros sustentavão sessenta cirios.

No alto do docel e nos pannos das paredes forão applicados no dia seguinte escudos das armas imperiaes, pintados e illuminados com as suas côres e metaes.

Na entrada principal do hotel Bedford, que dá para



a rua de L'Arcade, suspendeu-se uma immensa armação de panno e crepe, repetindo os motivos de ornamentação da camara ardente.

A Condessa e o Conde d'Eu, o Príncipe D. Pedro Augusto e muitos dos seus amigos tinham tomado aposentos no hotel desde a noite de 4. A princeza velou toda a madrugada de 5 ao lado do cadaver de seu pai. Depois, até á noite de 8, foi elle guardado constantemente por dois padres e pelos seguintes brasileiros que se revezarão nesse piedoso serviço:— conde de Aljezur, conselheiro Silva Costa, conde e condessa de Motta Maia, barão e baroneza de Muritiba, barão e baroneza da Estrella, marechal visconde da Penha e viscondessa da Penha, barão de Albuquerque, José Paranaguá, Godofredo de Escraignolle Taunay, João de Souza Dantas, Cansansão de Sinimbú, Silva Telles, barão de S. Joaquim, Sebastião Guimarães, Carlos Silveira Martins, viuva Silva Coutinho, D. Maria Julia de Bulhões Ribeiro, Mme. Andrade Pinto, Alfredo Rocha e sua senhora, barão de Maia Monteiro, Pandia Calogeras e sua senhora, conde de Barral e Andrade Machado.

Começarão desde o dia 5 a chegar telegrammas de pezames e afluir os visitantes. Mais de quarenta paginas de um grande livro de registro ficarão cheias de nomes nos dous primeiros dias. Esse livro é o mesmo em que estão assignados os ultimos visitantes que a Familia Imperial recebeu no Rio de Janeiro a 16 de Novembro de 1889.

«C'est par des pleines corbeilles que les télégrammes arrivent,» dizia na tarde de 6 o *National*. Com effeito,

elles chegavão aos centos e de todas as partes do mundo. Na manhã de 7 havia uns quinhentos a abrir e ler, e outros continuavão a ser apresentados. Dentre elles citarei os seguintes:

De Roma:—«Santo Padre recebeu com vivo pezar a triste noticia communicada por Vossa Alteza Imperial. Elle dirige ardentes preces ao Senhor pelo repouso eterno do augusto defunto e apresenta a Vossa Alteza e á Familia Imperial as suas condolencias.—Cardeal *Rampolla.*»

De Berlim:—«A Imperatriz e eu, profundamente sentidos com a triste noticia, enviamos a Vossa Alteza Imperial a expressão das nossas mais sinceras condolencias pela perda dolorosa que acaba de soffrer. Pedimos a Deus que vos conceda as suas consolações nesta triste provação.—*Guilherme, Imperador-Rei.*»

De Roma:—«A desgraça que leva o luto ao coração de Vossa Alteza Imperial e de sua Augusta Familia, causa-nos, a Rainha e a mim, vivissima e sincera afflicção. O venerando pai de Vossa Alteza Imperial era para nós e para a Italia um amigo sempre querido; suas altas qualidades fazião a admiração de todos os homens de intelligencia e de coração que elle honrava com a sua benevolencia. A dôr de Vossa Alteza Imperial é, pois, largamente partilhada aqui, e as condolencias que offereço são tambem a expressão dos sentimentos da nação italiana.—*Humberto.*»

De Vienna:—«A nova dor que fere a Vossa Alteza Imperial affligio-me profundamente, conhecendo toda a amargura que deixão no coração esses golpes irrepa

raveis. Conceda Deus a Vossa Alteza Imperial todas as consolações de que precisa nesta cruel provação.—*Francisco José.*»

De Windsor-Castle:—«Foi com o mais vivo pezar que recebi a noticia da morte do vosso querido pai, e rogo-vos que aceiteis a expressão da minha viva sympathia.—*Victoria, R. I.*»

Todos os soberanos e os principes das familias reinantes telegrapharão em termos igualmente sentidos e affectuosos. O mesmo fizeram muitas das summidades do mundo scientifico, litterario e artistico, residentes no estrangeiro ou ausentes de Pariz, como o grande historiador Cesar Cantu, de Milão, Maxime du Camp, ora em Baden-Baden, e Guillaume, director da Academia de França, em Roma.

O cavalheiro que obsequiosamente se encarregou de dar-me cópia dos principaes ttlegrammas enviou-me tantos documentos, que seria impossivel reproduzi-los sem encher columnas inteiras do jornal.

Dos milhares de visitantes, só direi que tudo quanto Pariz conta de mais illustre foi inscrever-se no livro do registro collocado na portaria do hotel, ou subio aos aposentos imperiaes para apresentar condolencias á princeza D. Isabel. O presidente da Republica Franceza deputou para esse fim o general Brugère e todos os officiaes da sua casa militar, vestidos de grande uniforme. No mesmo dia 5 inscrevêrão-se o Sr. de Freycinet, presidente do conselho e ministro da guerra, acompanhado do general Brault e dos seus ajudantes de ordens, os outros membros do gabinete, muitos senadores, deputa-

dos, conselheiros de estado, altos funcionarios dos ministerios, generaes de terra e mar, magistrados, o prefeito do departamento do Sena e o prefeito de policia, embaixadores, ministros plenipotenciarios, membros do instituto, jornalistas e toda a colonia brazileira exceptuadas dez ou doze pessoas, entre as quaes o ministro, o consul e outros empregados publicos.

O nosso illustre pintor Louis Bonnat, retido em casa por um ataque de «influenza», escreveu uma sentida carta de pezames, lamentando não poder fazer o ultimo retrato de D. Pedro de Alcantara, seu illustre collega do Instituto. Em lugar de Bonnat, apresentou-se Mlle. Nélie Jacquemart, que escarvoou rapidamente um busto do Imperador morto, admiravel de semelhança. Mlle. Jacquemart, discipula de Cogniet, tem feito, entre outros retratos notaveis, os do presidente Thiers (1872), marechal Canrobert (1870), generaes de Palikao e d'Aurelles de Paladine, (1877 no musêo do Luxemburgo), duque Decazes e barão de Montesquieu (1878).

Ha tres semanas outra artista de talento, Mlle. Louise Abbema, tinha terminado um retrato do ex-Imperador para a princeza D. Isabel.

Li em varios jornaes que um escultor moldou no dia 5 o rosto de D. Pedro II. Não sei se a noticia é exacta. No Instituto Pasteur possuímos aqui um excellente busto do illustre brazileiro, trabalhado por Guillaume em 1888. O *Monde Illustré* acaba de publicar uma gravura de Henry Dochy representando esse marmore.

Nodar fez uma bella photographia do morto e da camara ardente.

— Todas as manhãs, nos dias 6, 7 e 8, forão celebradas missas de *requiem* junto ao cadaver, pelo padre David, membro carrespondente do instituto. Na manhã de 6, o Dr. Poirier, chefe dos trabalhos anatomicos na escola de medicina, procedeu ao embalsamamento, assistido pelos professores Charcot e Motta Maia. Então, vestido com grande uniforme de marechal e tendo sobre o peito as placas do Cruzeiro, da Rosa e da Legião de Honra, os collares da Rosa e da Torre e Espada e o fitão das seis ordens brazileiras, foi o corpo collocado de novo sobre a tarima, coberto em parte por duas bandeiras imperiaes. Assim ficou em exposição nos dias 6 e 7, sendo o publico admittido a visitar a camara ardente das 4 ás 6 1/2 da tarde no primeiro dia, e das 2 ás 5 no segundo.

O *Temps* descreveu assim as scenas da tarde de 6:

« Desde as 3 da tarde as vizinhanças do hotel estavam invadidas pela multidão. Ella estacionava, formando longas fileiras sobre a calçada, dos dous lados da porta do hotel. . . Um serviço de ordem tinha sido estabelecido para assegurar a circulação dos visitantes. Apesar dessas medidas, a entrada não se effectuou sem pequenos incidentes, todos ocasionados pela grande affluencia do publico. Sem fallar nas disputas a que derão lugar alguns empurrões inevitaveis em semelhante agglomeração de gente, muitas senhoras, apertadas de perto e incommodadas pelo calor suffocante que reinava no vestibulo, desmaiarão e tiverão de ser transportadas para a rua, sem sentidos.

« A's 4 1/2 começou a desfilar a procissão de visitantes. Depois de subirem a escada que conduz aos apo-

sentos de D. Pedro, penetravão elles em um salão inteiramente despido de moveis, e collocando-se em linha, erão introduzidos por um mestre de ceremonias na camara mortuoria.

« Não foi sem profunda emoção que os visitantes contemplarão o espectáculo do Imperador estendido sobre o leito de morte, tanto o scenario é grandioso e imponente. A tarima fica em frente de duas janellas que dão para a rua de l'Arcade, tendo a cabeceira apoiada na parede do fundo. E' muito alta, sobre alguns degrãos, e inteiramente alcatifada de velludo preto, sobre que se destacão motivos em bordados de prata. E' dominada por um docel do mesmo estofa com os angulos ornados de pennachos. No frontão foi collocado o escudo das armas imperiaes. Em torno do catafalco, dispostos em tres fileiras, ardem cincoenta tocheiros. E' no meio dessa inundação de luz, contrastando com os pannos pretos das paredes e do tecto, que apparece a figura calma e serena do Imperador, dormindo o seu ultimo somno.

« O rosto parece de cêra, tão extrema é a pallidez: dir-se-hia uma estatua de marmore branco. Os traços não se alterarão com a operação do embalsamamento. O corpo, revestido do uniforme de general, occupa no leito posição ligeiramente inclinada, e está coberto com duas bandeiras brazileiras, cujas vivas côres brillão no meio de todo esse aparato de luto. Sobre o peito de D. Pedro estão as insignias de varias ordens. Na cama vê-se tambem a espada do soberano. Em torno do catafalco estão distribuidas numerosas e soberbas corôas, pela maior parte de flores naturaes... »

— A's 6 horas da tarde do dia 7, terminada a visita publica, foi o corpo collocado em um caixão de carvalho, interiormente acolchoado de setim branco, e exteriormente forrado de velludo preto com lhamas e estrellas de prata. No fundo do caixão assentou-se uma camada de terra do Brazil. Informárão-me que D. Pedro II a fizera vir ha tempos, dizendo que, se morresse no exilio, queria que o seu corpo descansasse assim sobre terrá brazileira, embora longe da patria. Um joven engenheiro offereceu tambem um pequeno sacco, contendo terra do Brazil.

Serião 7 horas quando os brazileiros e alguns jornalistas que alli se achavão forão admittidos no salão.

Sobre o soallo, no meio da sala illuminada pelo clarão de varias tochas, via-se o caixão ainda aberto. Ao lado, de joelhos, a Princeza D. Isabel, vestida de rigoroso luto, chorava em silencio. A alguma distancia, tambem ajoelhados, estavam o Conde d'Eu e o Principe do Grão Pará.

Os brazileiros presentes (trinta e tantos) forão desfilando, e, um a um, lançarão agua benta sobre o cadaver e beijarão-lhe a mão. Eu fiz o mesmo.

Hei de ter sempre presente na memoria essa scena, uma das mais tristes e solemnes a que tenho assistido.

Depois cobriu-se o caixão com uma tampa de vidro, e foi collocado na camara ardente, onde o corpo continuou exposto até á tarde de 8.

No dia seguinte á noite foi applicada a tampa de madeira, sobre a qual, em uma chapa de prata, estão

gravadas as armas imperiaes e por baixo a seguinte inscripção composta pelo Dr. Seybold e pelo barão de Penedo.

D. O. M.

Hic

Requiescit in pace

Æterna memoria pie colendus

Augustissimus Dominus

PETRUS SECUNDUS

Brasilæ Imperator

Petri primi, imperii brasiliensis fundatoris, et Leopoldinæ, filiæ Francisci Germaniæ, postea Austriæ imperatoris, filius.

Justitia, clementia, liberalitate, humanitate populi sui pater, servorum ad libertatem prudentissimus conductor, litterarum artiumque luminis per vastissimum imperium propagator, animi magnitudine, ingenii acumine, memoriæ immortalitate, scientiæ varietate incomparabilis.

Natus ante diem IV nonus decembres A. D. MDCCCXXV in civitate Fluminensi regnor minor accessit A. D. MDCCCXXXI, maior A. D. MDCCCXL. Optime semper per regnum plus quam semisæculare de patria meritis rerum illius A. D. MDCCCLXXXIX conversionis turbini cessit; ut illustrissimum serenissimæ benignitatis, constantiæ, patientiæ, sapientiæ, exemplar, sincero amborum orbium planctu luctuque deploratus fortier ac pie obiit Parisiis nonis decembribus A. D. MDCCCXCI.



Ditosa patria que tal filho teve!  
 Mas antes pai; que enquanto o sol rodêa,  
 Este globo de Ceres e Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alumno.

(*Luíadas*, C. VIII, 32.)

A traducção é, mais ou menos, esta:

« Ao Deus muito bom e muito grande.

« Aqui repousa em paz o Augustissimo D. Pedro II, Imperador do Brazil, cuja memoria será eterna e piedosamente honrada.

« Filho de Pedro I, fundador do Imperio Brasileiro, e de Leopoldina, filha de Francisco, Imperador da Allemanha, depois Austria.

« Foi pai do seu povo, pela justiça, clemencia, generosidade e humanidade; conductor prudentissimo dos escravos para a liberdade, propagador das lettras e das artes através do seu vastissimo imperio; incomparavel na grandeza d'alma, agudeza de espirito, indefectibilidade da memoria e variedade dos conhecimentos.

« Nascido a 2 de Dezembro do anno 1825 do Senhor, na cidade do Rio de Janeiro, subio ao throno, sendo menor, em 1831, e chegou á maioridade em 1840. Sempre benemerito da patria durante um reinado de mais de meio seculo, deixou o poder diante da tormenta revolucionaria de 1889; e morreu com coragem e religião, em Pariz, no dia 5 de Dezembro de 1891, chorado pelo pranto e luto sincero dos Dous Mundos, como muito illustre modelo de serenissima benignidade, constancia, paciencia e erudição.

— O salão, a camara mortuaria e outras peças vi-

zinhas estavam litteralmente cheias de corôas de flores. Na noite de 8 tinhão sido recebidas mais de duzentas. Não me foi possível obter uma relação completa, e por isso indico sómente as principaes:

1.—« A meu querido pai. Sua filha' extremosa e saudossissima, Isabel.»

2.—« Ao nosso querido pai. Seus filhos extremosos e saudossissimos, Isabel e Gastão» (grande corôa de rosas e violetas de Parma).

3.—« Ao nosso querido avô. Seus netos D. Pedro de Alcantara, D. Luiz e D. Antonio» (filhos da Sra. D. Isabel).

4.—.....

5.—« A' mon frère bien-aimé. Janvieria. »

6.—« A nosso querido avô. Seus netos D. Pedro Augusto, D. Augusto e D. Luiz » (filhos do duque de Saxe).

7.—« A Dom Pedro II. Victoria, R. I.» (Rainha Victoria, imperatriz das Indias).

8.—« Hommage et regrets. Prince Ferdinand de Bulgarie. »

9.—« Princeza Clementina de Saxe Coburg e Gotha.»

10.—« Conde e condessa de Trapani » (o conde é irmão da fallecida Imperatriz do Brazil, D. Thereza).

11—15.—« Conde de Pariz, duque de Nemours, duque d'Aumale, principe e princeza de Joinville, duque de Chartres.»

16.—« Infanta D. Antonia de Hohenzollern.»

17.—« A Associação Commercial do Rio de Janeiro ao seu Presidente Honorario, D. Pedro II» (grande e magnifica corôa formada com um ramo de café e outro de fumo,

executados com admiravel perfeição; fita preta; laço de crepe).

18.—*Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro - «A S. M. o Senhor D. Pedro II—Homenagem patriotica» (corôa de orchidêas; fita preta).

19.—«A S. M. I. o Senhor D. Pedro II—O *Jornal do Brazil*, do Rio de Janeiro» (duas grandes palmas de ouro applicadas sobre uma corôa de saudades; fita verde e amarella, laço de crepe).

20.—«A S. M. o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brazil—A redacção do jornal *O Brazil*, do Rio de Janeiro» (goivos e rosas; fita verde e amarella).

21.—Grande corôa de louros em ferro forjado e colorido, na qual se enlaça uma largã fita de chamalote preto. Em uma das pontas lê-se esta inscripção:—«A D. Pedro, II a quem o Brazil deve meio seculo de liberdade, de progresso e de glorias.» Na outra: «Tempos felizes em que o pensamento, a palavra e a penna erão livres, em que o Brazil libertava povos opprimidos !...»

22.—Corôa de goivos e de rosas; fita verde e amarella com esta inscripção: «Ao grande Imperador por quem se batêrão Caxias, Osorio, Andrade Neves e tantos outros herôes—Os Voluntarios da Patria.»

23.—«Instituto Historico e Geographico do Brazil.»

24.—«Lycêo de Artes e Officios, do Rio de Janeiro.»

25.—«Ao seu protector, ao seu venerande pai—Os surdos-mudos do Brazil.»

26.—«Sociedade Brasileira de Beneficencia do Rio de Janeiro: —Ao seu protector, D. Pedro II.»

27.—«Sociedade das Obras Publicas do Rio de Janeiro : Homenagem a S. M. o Imperador.»

28. — « A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil : Homenagem de Eduardo Prado. »

29.—« Jockey-Club, do Rio de Janeiro » (uma das maiores e mais ricas corôas).

30.—« La Maison Krupp et les ouvriers d'Essen à S. M. l'Empereur D. Pedro II. »

31. —«Le Museum d'Histoire Naturelle» (dous ramos de palmeira imperial do Brazil, fita roxa ; quatro homens carregarão durante o trajecto da Magdalena á estação estes ramos, homenagem dos professores do muséu de Pariz. )

32. — « La colonia chilena en Paris a Su Magestad el-emperador Don Pedro II » (fita azul, branca e encarnada.)

33. — « A' Sa Majesté l'Empereur D. Pedro II » — Les proscrits du Chili á Paris (fita tricolor, como a precedente).

34. — « Ao sempre chorado imperador D. Pedro II— Em nome dos Bahianos » ( corôa de rosas naturaes ; fita verde e amarella.)

35. — « Os rio-grandenses ao rei liberal e patriota » (rosas e violetas naturaes; fita verde e amarella.)

36. — « L'Association des Dames Françaises — A' S. M. l'Empereur D. Pedro, membre d'honneur.»

37. — « Societé Française d'Hygiene.»

38. — «Congrès des Americanistes (Comité de Pariz.)»

39. — « Institut Rudy.»

40. — «Sociedade Brasileira de Beneficencia de Pariz.»

41. — Os « Felibres Lerins » (flores naturaes).
42. — « Um negro brasileiro, em nome da sua raça » (idem).
- 43 « A D. Pedro II, um grupo de estudantes brasileiros em Pariz — Posteritati narratus et traditus, superstes erit. »
- 44 « Estudantes brasileiros de Gand — Foi rei, foi rei, mas rei da liberdade. » (José Bonifacio).
- 45 « Os empregados da casa bancaria de Sebastião de Pinho. »
- 46 « Banco Mercantil dos Varegistas. »
- 47 « Ao grande Brasileiro, benemerito da Patria e da Humanidade — Ubique Patria Memor. »
- 48 « Vasques Sagastume (ministro da Republica do Uruguay). »
- 49 « O maire da cidade de Cannes (flores naturaes) ».
- 50 « A cidade de Cannes (idem). »
- 51 « Conde de Aljezur.—52. Joaquim Nabuco.—53. Carlos de Laet.—54. Conde de Motta Maia e sua familia.—55. Barão do Ladario.—56. Conde de Nova-Friburgo.—57. Barão e baroneza de Muritiba.—58. « Amor e Fidelidade ». Visconde da Penha e familia.—59. Viscondessa da Fonseca Costa e baroneza de Suruhy.—60. Conde de Nioac e familia.—61. Almirante marquez de Tamandaré e familia.—62. Conde e condessa de Carapebús.—63. Familia Paranaguá.—64. Barão e baroneza da Estrella.—65. Viscondessa de Araguaya e familia.—66. Visconde de Cavalcanti e familia.—67. Os filhos da condessa de Pedra Branca e Barral.—68. Stephen Liegeard.—69. Familia

Sinimbú.—70. Família Taunay.—71. José Paranaguá e senhora.—72. Visconde e viscondessa de Torres.—73. João de Souza Dantas e senhora.—74. Mme. Lima e Silva e seus filhos.—75. Baroneza de Theresopolis.—76. Viuva Silva Coutinho.—77. Família Santa Victoria.—78. A colonia portugueza em Pariz (uma das mais bellas corôas; fita azul e branca).—78. Condessa Monteiro de Barros.—80. Sebastião Guimarães e familia.—81. Condessa da Estrella.—82. Viscondessa de Ubá.—83. Baroneza do Inhoan.—84. Alfredo Rocha e familia.—85. Pandiá Calogeras e familia.—86. Barão e baroneza de Loreto.—87. Mme. Porciuncula.—88. Barão e baroneza de Maia Monteiro.—89. Mme. Buys Guimarães.—90. Família Tourinho.—91. Família Raythe.—92. Mme. R. de Oliveira.—93. Conde de Leopoldina (enorme corôa).—94. Família Pedro Queiroz.—95. Dr. J. C. Mayrink e familia.—96. Mme. Mayrink Rabello.—97. Viscondessa Ferreira de Almeida.—98. F. Topim e familia.—99. Mme. Labat.—100. General Hartung.—101. Léon Pic, fils.—102. Conselheiro Rodolpho Dantas.—103. Conde de Grenand de Saint-Christophe.—104. M. e Mme. Dybousky.—105. Mlle. Nicolas Rome.—106. Conde de Langiers-Villars.—107. Mme. Arthur Napoleão.—108. M. e Mme. Gustave Taizon.—109. Família Ferreira Lage.—110. Visconde de Schmidt (uma das mais ricas corôas).—111. Alexandre Wagner.—112. D. Maria Julia Marques de Sá.—113. D. Maria Antonia de Bulhões Ribeiro.—114. Mme. Andrade Pinto e filho.—115. Mlles. Teixeira Leite.—116. Barão e baroneza de S. Joaquim.—117. Mlle. Lassimone.—118. Família P. Oneirez.—118. Pedro de Tovar.—120.

Condessa Faucher de Careil.—121. Baroneza de Bussiére.  
122. Martin & Ludwig Rée.

— A's 9 horas da noite foi o feretro conduzido para a igreja da Magdalena em um coche funebre de 1ª classe, seguindo entre alas de povo, pela rua de l'Arcade e boulevard Malheshherbes. A senhora D. Isabel, o Conde d'Eu, os tres Principes seus filhos, a Princeza e o Principe de Joinville, o Principe D. Pedro Augusto de Saxe, os duques de Némours e de Chartres, e uns tresentos brazileiros, entre os quaes me mostrarão os antigos conselheiros de Estado visconde de Calvacanti, Silveira Martins, Silva Costa, e Couto de Magalhães, o marechal visconde da Penha, os condes de Aljezur, Nioac, Nova Friburgo e Villeneuve, o conde e a condessa de Motta Maia, a viscondessa de Calvacanti, os barões e baronezas de Penedo, Muritiba, e Estrella, o barão de Albuquerque, o Dr. Eduardo Prado, acompanharão a pé o feretro.

O coche parou, diante da primeira porta do baseamento, do lado do boulevard Malesherbes, coberta por uma marquezinha. Mas vai até á gradaria. Alli foi depositado o caixão em uma capella ardente, cujas luzes erão em parte visiveis da rua, por dous postigos. A's 3 horas da madrugada, passando de novo por este lugar, ainda encontrei um ajuntamento de mais de quinhentas pessoas.

Quatro padres velarão toda a noite junto do cadaver.

No interior da igreja trabalhava-se activamente para terminar a decoraçào.

— Com a minha carta de 5 do corrente mandei a

tradução do editorial do *Temps* desse dia (os jornaes da tarde apparecem sempre com a data do dia seguinte).

Sei que o correspondente encarregado do serviço telegraphico do *Jornal do Brazil* expedio logo extractos dos artigos das principaes folhas politicas. O tom de todos os jornaes, republicanos e monarchistas, foi do mais profundo respeito e sympathia pelo illustre brasileiro que acaba de desapparecer e que tanta grandeza e dignidade mostrou no exilio.

O *Radical* e a *Bataille* forão, desde o primeiro dia, as unicas excepções. O *Radical* declarou que D. Pedro II nenhum serviço prestára ao Brazil, e que a emancipação dos escravos, de que tanto se fallava, fôra devida aos Srs. José do Patrocínio e Angelo Agostini. A *Bataille*, jornal communista, cobrio de insultos o ex-Imperador, chamando-o de charlatão, de tyranno, dizendo que durante a vida só se preoccupára dos seus interesses pessoais, e que ultimamente levava a gosar na Europa a gorda pensão que os seus adversarios lhe pagavão. Cumpre notar que D. Pedro foi nesse artigo injuriado em mui boa companhia:—na de Thiers, principal fundador da republica em França, e na de Jules Simon, republicano de todos os tempos, sempre o mesmo liberal dos dias de opposição, fallando a linguagem do bom senso, do patriotismo e da tolerancia politica.

O *Siecle* publicou, dias depois da morte de D. Pedro, um artigo hostile, mas não injurioso. Deve ser de estrangeiro, pois resumbrá muito *comtismo*, cousa que nunca foi de moda entre nós, e que hoje não passa de velharia, guardada por pequeno numero de sectarios.



No *Rappel* de 10 e 11 appareceu tambem uma extensa carta do Sr. José do Patrocínio, precedida de algumas linhas da redacção em que se lê o seguinte trecho:—«Foi José do Patrocínio que proclamou a republica no Rio de Janeiro, quando o partido militar não sabia como empregar a sua victoria.

Foi elle, e só elle, que creou, no meio de mil difficuldades e perigos, a corrente de opinião que produziu a emancipação da raça negra em seu paiz. »

Segundo a carta do Sr. Patrocínio, D. Pedro de Alcantara começou o seu reinado protegendo os contrabandistas negreiros, e mostrou-se sempre contrario á emancipação dos escravos. O trafico de africanos só cessou no Brazil porque a Inglaterra «fez bombardear varios portos brazileiros e metter a pique, em suas aguas. navios negreiros.» «A Sociedade Abolicionista Franceza foi a inspiradora da lei brazileira de 1871», e a abolição total, decretada em 1888, resultou de um movimento da opinião publica, provocado pela imprensa e pela tribuna. O governo cedeu, forçado pelos acontecimentos. De toda a familia imperial, só a Princeza D. Isabel teve alguma parte naquelle acto. Chamão D. Pedro II de philosopho, mas elle não passou de um Luiz XI. Quanto a guerra do Paraguay, o Sr. Patrocínio diz que ella foi «a campanha do odio pessoal de D. Pedro contra o dictador Lopez, campanha terminada pelo assassinato deste ultimo e pela destruição criminosa de um povo americano.»

Não faltarão, como vêm os leitores do *Jornal do Brazil*, ataques ao illustre morto, e esses artigos foram inscriptos ou inspirados por dous ou tres brazileiros. Toda

V. Silva  
 Lisboa, 1888  
 m. m.

a imprensa franceza, porém, com as unicas excepções que aponto, julgou de modo muito differente o Imperador D. Pedro II e o Brazil. Viamos perfeitamente nós, os francezes, que D. Pedro não fôra um Schah da Persia ou um tyrannete do typo dos Guzman Blanco e outros dictadores da America hespanhola, mas sim o primeiro magistrado de um povo livre, governando-se com instituições muito semelhantes ás que temos hoje.

A Constituição da nossa Republica franceza é a mesma que o Brazil tinha, com as unicas differenças de que entre nós o chefe do governo é electivo, os senadores são quasi todos temporarios e as attribuições do «poder moderador» brasileiro, inspiração de Benjamin Constant, pertencem em França ao poder executivo. Dom Pedro II governou com os primeiros brasileiros do seu tempo, ouvindo os seus conselheiros de Estado e guiando-se pelas manifestações do parlamento e da opinião publica. Nisso consiste principalmente a sua gloria. Honra-lo é honrar tambem a nação que o teve por chefe durante meio seculo, e que durante esse reinado tanto se elevou no conceito do mundo civilisado, mostrando-se a mais livre, a mais prospera, a mais adiantada e a mais poderosa da America latina, como disse ha dias o *Economiste Français*.

Na Inglaterra tambem não é a rainha Victoria quem dirige pessoalmente as batalhas no parlamento e ganha victorias militares na Criméa, na India e na Africa; a gloria do seu reinado é feita da gloria dos seus grandes homens na politica, nas armas, nas sciencias e lettras, no commercio e na industria. O mesmo se pôde dizer do

nosso presidente Carnot, governando com o parlamento e com ministros responsaveis.

Vejamos alguns trechos dos artigos que publicarão as nossas principaes folhas politicas. Não apparecêrão nesses artigos exagerações que pudessem explicar as injustiças e injurias acima citadas.

*Journal des Débats* (republicano-conservador; director G. Patinot). Numero de 5 de Dezembro :

« D. Pedro inaugurou uma éra de prosperidade desconhecida antes d'elle. . . Exilado, infeliz, segundo dizem, pobre, recusára aceitar a pensão que lhe fôra offerecida, e veio encontrar em Cannes a hospitalidade que havia recebido entre nós em dias melhores. Não havia quem deixasse de testemunhar-lhe a mais profunda deferencia. Voltára aos seus habitos modestos o laboriosos. . . »

*La République Française* (jornal fundado por Gambetta e dirigido por J. Reinach e Eugène Spuller). Editorial de 6 de Dezembro, assignado por Maurice Ordinaire :

« Foi com respeitosa sympathia que os parizienses, esses revolucionarios de nascimento que tantas vezes fizeram tremer a Europa monarchica, receberão hontem a noticia da morte do velho Imperador D. Pedro.

« Na Europa, em França sobretudo, esta patria intellectual dos Latinos da America, o velho Imperador tinha creado pouco a pouco uma sorte de popularidade nada commum aos monarchas. Passava por um imperador philosopho, uma sorte de Marco Aurelio americano, apaixonado das sciencias e das cousas do espirito, para quem uma poltrona nas grandes academias do nosso

velho mundo tinha mais encantos que o throno em sua rude e positiva patria. A nobre figura do soberano, emmolduralla na bella barba branca dos sabios da antiguidade, auxiliava a lenda. O Imperador prolongava as suas visitas a Pariz. Tinha vindo no postridio da Com-muna, quan lo os reis, mesmo os exilados, afastavão-se das ruinas fumegantes das Tulherias. Mostrava gosto accentuado pela companhia dos sabios e dos poetas, e contava-se a miudo que elle collocava publicamente a realeza intellectual de Victor Hugo ao nivel da sua realeza temporal.

« Convém destruir a lenda? Não seria, parece-nos, nem o momento, nem o lugar; nem certamente seria de justiça tenta-lo. Não se recebe com a corôa, — e D. Pedro de Alcantara a recebeu na idade em que o commum dos homens aprende a escrever, — não se recebe com a corôa o diploma de doutor em sciencias ou de adjunto de philosophia, e a vida das côrtes deixa raras vezes aos soberanos o tempo preciso para conquistar taes pergaminhos. A sciencia do Imperador do Brazil era talvez um pouco mundana. Os sabios e os litteratos que D. Pedro frequentava considerarão sempre, e com razão, que o soberano prestava á sciencia uma homenagem gloriosa e tocante, e esta reflexão lhes bastava.

.....  
 « Seu longo reinado não tinha sido sem gloria! E ha de ser conta-do, certamente, como um dos periodos mais pacificos, mais prosperos e mais felizes da historia brasileira...

« ... Se o Imperador D. Pedro pagou com a perda

da corôa o seu gosto tão declarado pelas cousas do espirito, esta paixão generosa foi, depois do desthronamento, a sua consolação e a sua alegria. Esse tinha muito desapêgo ao poder para não soffrer muito com a sua perda, e seguramente não obedecia a um sentimento vulgar de ambição, quando, ha dias, enfraquecido e enfermo, offerecia-se de novo para pacificar a sua patria, agora entregue às revoluções militares. Emfim, o exilio em Pariz, no meio da actividade intellectual que o encantava, não era para elle um exilio. Sua morte foi suave como a sua vida tinha sido calma e serena. »

*La Petite République Française* (republicano independente; redactor-chefe, Jean Albiott). Editorial de 7 de de Dezembro, assignado por Gustave Hu:—« A historia do seu reinado está cheia de factos que o honrão. A emancipação dos escravos por si só constitue um titulo ao reconhecimento da humanidade... »

*L'Événement* (republicano; redactor-chefe, o senador Magnier). Editorial de 7 de Dezembro, assignado «Un bourgeois de Paris», pseudonymo de Passerieu:—«... Imperador de um grande Estado, foi bom sem banalidade, e amou a sua patria com um affecto que a revolução de que foi victima ha dois annos não pôde diminuir... Sou dos que com respeitosa sympathia se descobrem á passagem do prestito que leva para longe de Pariz esse hospede—homem de coração e homem de espirito. »

*Le Gaulois* (monarchista; redactor-chefe Arthur Meyer).—Numero de 6 de Dezembro:—«... Este Imperador philosopho tinha um coração de patriota... Foi com profunda dor que elle recebeu a noticia de que o Rio-

Grande do Sul ia separar-se do Brazil. Homem de estudo, na noite em que a morte o colheu, ainda mandou que lhe lessem algumas paginas...»

*La Paix* (republicano; redactor-chefe, Coffinon.)—Numero de 7 de Dezembro:—«No seu reinado mostrou prudencia, moderação, largueza de vistas. Combateu mesmo na America do Sul pela liberdade das republicas vizinhas... A' sua iniciativa pessoal deveu-se a abolição da escravidão...»

*Le Soleil* (monarchista). Editorial de 6 de Dezembro, assignado por Edouard Hervé, do Instituto, redactor chefe:—«Um grande homem de bem desapareceu deste mundo. D. Pedro, segundo do nome, Imperador Constitucional do Brazil, destrubado do throno e expulso do seu paiz pela mais iniqua e mais tola das revoluções, morreu esta noite em Pariz. Virtudes privadas a que os proprios adversarios do monarcha prestavão homenagem, faculdades politicas que forão poderosas outr'ora e que só se enfraquecêrão ha alguns annos, quando a molestia a que acaba de succumbir começava o seu trabalho de destruição, um reinado de mais de cincoenta annos, assignado por esplendidos serviços prestados ao Brazil, não conti-verão os ambiciosos sem escrupulo que por surpresa se apoderarão do poder e precipitarão a sua patria em uma crise que não se acaba. Do alto grão de prosperidade a que tinha chegado sob o governo de D. Pedro II, o Brazil desceu á humilhante e triste situação em que se acha a maior parte das republicas sul-americanas, suas vizinhas. A queda é profunda e o contraste terrivel...»

*Le Figaro* (independente). Artigo de 5 de Dezembro,

assignado por Gaston Calmette : —... « As tristezas do exilio tornão esta magestade duplamente sagrada para nós... Sua vida inteira passou-se ne estudo de reformas e no amor de sua patria... »

*Le Jour* (republicano); redactor-chefe, Charles Laurent). Editorial do 6 de Dezembro, assignado com as iniciaes de Paul Bluysen : — « O ex-Imperador do Brazil, que hontem morreu no exilio entre nós, era quasi, aos nossos olhos, um cidadão francez. Pela assiduidade em seguir as sessões dos nossos grandes gremios litterarios e scientificos, pelos grandes testemunhos de favor que prodigalisava aos nossos scientists e homens de letras, pela bonhomia e simplicidade do trato, D. Pedro tinha conquistado real popularidade em França. Sua morte será lamentada mesmo nos mais profundos recantos das nossas provincias, como se elle tivesse sido um dos bemfeitores da França. E' um sentimento de admiração, de affecto, que parecerá talvez exagerado, pois, comquanto assistisse ás sessões do Instituto e se interessasse pelas sciencias physicas e naturaes, D. Pedro não era um sabio, e nunca pôde manifestar a sua sympathia pela França senão de modo platonico. Mas o nosso povo ama essas figuras de soberanos que se applicão mais ás letras e ás artes do que á reforma dos effectivos da guerra; demais, D. Pedro tinha sabido escolher o momento de uma de suas viagens em França com tanta generosidade, que isso só teria bastado para que se lhe dêsse o diploma de civismo francez: elle foi o primeiro soberano que em 1871 honrou visitar-nos depois de nossos revezes. A

França nunca esqueceu isso. Do papel de D. Pedro em sua patria, pouco temos a dizer que não seja conhecido... Em resumo : mais que um soberano, foi um philosopho, bom e doce, que, como um burguez, deixa saudades sinceras.»

*La Liberté* (liberal-conservador). Editorial de 6 de Dezembro: — « O Imperador D. Pedro morreu hontem. Este principe era tão conhecido em França, e sobretudo em Pariz, que nada ha a accrescentar ao que tem sido dito sobre a sua vida. A imprensa o popularisou desde muito tempo, e a sua bonhomia, que não deixava de ter certo sabor de altivez, conquistou-lhe a amizade de Victor Hugo, justamente na época em que o grande poeta entregava-se a exagerações de opinião, que é desnecessario lembrar. D. Pedro era um homem instruido, versado nos estudos philosophicos e iniciado nos theoremas scientificos, mostrando uns laivos muito pronunciados de mysticismo e quasi de theosophismo... Deixou excellentes recordações em seu paiz, onde foi o mais benigno e o mais constitucional dos soberanos...»

*Le National* (republicano-liberal; fundado por Thiers, redactor-chefe, J. B. Gérin). Editorial de 6 de Dezembro: — « O Imperador do Brazil morreu no exilio, depois de cincoenta annos de reinado. Os francezes não deixarão de tributar respeito á sua memoria, e saberemos em suas exequias honrar o soberano que no throno se mostrou homem e philosopho. Não derogamos lei alguma do republicanismo prestando homenagem a esses manes...»

*L'Écho de Paris* (republicano, redactor-chefe, Valentin Simon), artigo de Edouard Lepelletier: — «...D. Pedro



era um Imperador philosopho, um Marco Aurelio na Europa, um Trajano no Brazil... Um dia, assistindo a uma prelecção de Pasteur, foi reconhecido, designado pelo sabio professor, e ao retirar-se recebeu uma ovação dos estudantes. A revolução que o forçou a tornar á França deixou-o na apparencia impassivel e sereno. Mas os monarchas mais philosophos perdem um pouco da sua philosophia, quando a corôa lhes escapa. Desde a sua deposição D. Pedro soffria, e a molestia que o arrebatava ainda na força dos annos tem certamente por causa principal os desgostos, as desillusões, a amargura do exilio. Sua morte em nada modificará os destinos do Brazil. Os francezes acompanharão com sentimentos de sympathia esse Imperador desthronado que para elles era, sobretudo, um hospede amavel e um academico livre.»

*Le Pétit Journal* (republicano-liberal; director politico, Marinoni). Numero de 5 de Dezembro:—«... Se na esphera puramente politica elle procurou seguir escrupulosamente a maxima—o rei reina e não governa—D. Pedro quiz sempre estar na primeira linha desde que se tratava de progresso e reformas sociaes. Pôde-se dizer que elle foi alma desse movimento, que tudo quanto se fez de generoso no Brazil, nos cincoenta annos do seu governo, foi inspirado por elle. Apezar de tantos serviços prestados ao Brazil, D. Pedro devia ser victima da revolução. No dia 15 de Novembro de 1889 rompeu uma rebellião militar no Rio de Janeiro e o soberano foi forçado a abdicar...»

*La France* (republicano). Artigo de Henry Girard, no numero de 6 de Dezembro:—«... D. Pedro podia

servir de exemplo a muitos republicanos. Abandonou uma corôa imperial mais facilmente do que outros deixão o poder. Reinou sobre um vasto imperio sem augmentar a sua fortuna pessoal. Tinha apenas cem mil francos de renda, e recusou a pensão de oitocentos mil que lhe offereceu o governo republicano... Para elle a corôa não era uma honra, mas um encargo. Os republicanos francezes envião a este morto a expressão dos seus pezares e da sua sympathia. »

*La Souveraineté Nationale* (republicano). Editorial de 6 de Dezembro, assignado pelo redactor-chefe, Paul Lenglé:—«... O seu espirito philosophico e o seu liberalismo derão-lhe uma moderação e uma largueza de idéas a que os seus proprios adversarios por vezes prestarão homenagem, e a que se deve attribuir a tranquillidade relativa de um reinado que durou cincoenta annos. Elle foi, na realidade, um presidente de republica parlamentar...»

*La Lanterne* (republicano radical; redactor-chefe, Eug. Mayer). Numero de 6 de Dezembro (15 Frimario, anno 100):—«... D. Pedro era uma physionomia muito pariziense para que seja necessario dar longos pormenores sobre a sua vida... Consolidou o governo constitucional no Brazil e marcou o seu reinado com um complexo de medidas que trouxerão a suppressão da escravidão. Foi um soberano esclarecido e liberal, tanto quanto pôde se-lo um soberano...»

*L'Intransigeant* (radical; redactor Henri de Rochefort)... «Em summa, D. Pedro era um rei supportavel (passable).»

Bastão estas citações para mostrar o sentimento geral da nossa imprensa.

— No dia 5 o conde d'Ormesson, chefe do protocollo no ministerio dos negocios estrangeiros e introductor dos embaixadores, tinha ido ao hotel Bedford apresentar á Princeza D. Isabel as condolencias do Sr. Ribot, ministro dos negocios estrangeiros, e por essa occasião declarou ao barão de Muritiba que o governo francez desejava tomar parte nos funeraes, prestando a D. Pedro II honras imperiaes.

A este respeito lê-se no *Temps* do dia 7 (do dia 6, porque os jornaes da tarde, em Pariz, apparecem com a data do dia seguinte):

« O governo francez, estando disposto a fazer honras imperiaes a D. Pedro, o conde d'Ormesson declarou que estava encarregado pelo ministro dos negocios estrangeiros de pôr-se á disposição da Condessa d'Eu, no caso em que a familia do defunto accitasse essa participação do governo nos funeraes do Imperador do Brazil.

Antes de se retirar, o Conde d'Ormesson manifestou o desejo de ver o Imperador morto. Foi então introduzido na camara mortuaria. »

Todas as folhas semi-officiaes, como o *Temps*, derão nesses termos a noticia e declararão que « o exercito de Pariz tomaria parte na cerimonia ».

Na tarde de 8, porém, o governador militar expedio contra-ordem á maior parte dos regimentos que devião comparecer, e ficou assentado que se seguiria em tudo o ceremonial observado em 1878 por occasião das exequias do ex-rei de Hanover, Jorge V.

O *Temps*, O *National* e outros jornaes declararão no dia 9 que as honras prestadas a D. Pedro II forão as que, segundo os estylos, são prestadas, «não a um soberano morto no throno, mas aos membros das familias soberanas estrangeiras, aos grandes dignatarios da Legião de Honra e aos membros do Instituto.»

A primeira parte da declaração é exacta: a segunda não. No funeral dos grã-cruzes da Legião de Honra e dos membros do Instituto as honras militares são prestadas por uma divisão das tres armas, *mas sómente diante da casa mortuaria*. As tropas dispersão-se em seguida e não acompanhão o enterro.

Hontem mesmo houve um exemplo no funeral do celebre Sr. Alphand, grã-cruz da Legião e membro do Instituto. Quasi todos os jornaes da vespera publicarão esta declaração: «Par dérogation aux usages, le ministre de la guerre a decidé que les troupes iront jusqu'au cimetière.» Mas, apesar da annunciada modificação do ceremonial, apenas um esquadrão de cavallaria e um destacamento do corpo de bombeiros acompanharão o carro fnebre até á igreja e ao cemiterio. Nisso consistio toda a excepção feita em homenagem ao Sr. Alphand, que tanto contribuiu para o aformoseamento de Pariz.

Se D. Pedro II tivesse morrido no throno, ao seu funeral concorrerião  *pessoalmente*  o presidente da república e todos os ministros, as grandes corporações do estado (senado, camara dos deputados, tribunaes, conselho de estado, etc.), o conselho municipal de Pariz, todo o corpo do exercito de Pariz e de Versailles, e estarião acesos os lampeões de gaz diante das repartições

publicas e nas ruas e praças por onde passasse o prestito.

No procedimento que agora teve o governo francez não houve, seguramente, a menor offensa á Republica Brazileira, e supponho que de republicanismo e de cortezia internacional a França entende alguma cousa. O governo e o povo francez honrarão em D. Pedro II um principe por muitos titulos illustre, nosso amigo, e que durante meio seculo foi o primeiro e o mais alto representante da nação brazileira. Forão-lhe tributadas as mesmas honras imperiaes ou reaes que prestâmos a outro venerando exilado, Jorge V, do Hannover, sem que a poderosa Allemanha se offendesse com essas manifestações de respeito ao rei que ella desthronára.

Ao funeral de Jorge V, no dia 18 de Junho de 1878 (sete annos depois dos nossos revezes), comparecerão os representantes do presidente da republica e do ministerio, o corpo diplomatico e uma divisão commandada pelo general barão Aymard, composta de um batalhão de cada um dos regimentos de infantaria ns. 101, 102 e 103, de uma companhia de infantaria da guarda republicana, um esquadrão de cavallaria da mesma guarda, um do 13º de dragões e uma bateria do 12º regimento de artilharia. (*Temps* de 19 de Junho de 1878, n. 6, 269.)

Objectarão talvez que no carro funebre havia a corôa imperial e a antiga bandeira brazileira. A isto responderei que, se morrer aqui amanhã um principe da antiga familia real franceza, terá no seu carro uma corôa real, sem que a França fique sendo menos republica do que é. A bandeira e as armas que estiverão na igreja e no

coche funebre forão repudiadas pelo novo regimen no Brazil, e, portando, são hoje simples emblemas do passado ; de character puramente historico, são distinctivos da familia de D. Pedro. Nos nossos monumentos publicos, do tempo dos antigos reis o do imperio, todo o mundo pôde ver ainda hoje as armas e as corôas reaes e imperiaes. Tambem no enterro do ex-rei Jorge V houve corôas reaes, escudo de armas e a antiga bandeira do extincto reino.

E, para terminar estas explicações, lembrarei que a nossa terceira republica não é republica de jacobinos. Tivemos uma primeira, em que o jacobinismo deu leis, e essa acabou na dictadura militar do Napoleão I. Tivemos uma segunda, republica de ideologos, de philosophos e poetas. Della resultou a longa dictadura de Napoleão III. A republica que agora temos é muito differente das duas primeiras : é a republica de Thiers e de Gambetta. Esta é a que tem durado e ha de ficar para sempre. Conhecemos nós, republicanos, perfeitamente, a distancia que, no respeito publico e na opinião da gente sensata, deve separar os reis constitucionaes, como Pedro II e Leopoldo da Belgica, dos dictadores tyrannetes da ordem dos Rosas e dos Lopez.

— Os convites para as exequias de D. Pedro II tinhão no alto as armas imperiaes e erão deste theor :

« Le mercredi, 9 Décembre 1891, seront célébrées, à midi très précis, en l'Église Sainte-Madeleine, les obsèques solennelles de Sa Majesté l'Empereur du Brésil, Dom Pedro II.

« Vous êtes prié d'y assister. — *Le comte d'Aljezur*,  
chambéllan de la Cour Impériale.

« Cette carte servira d'entrée.»

Seguia-se a indicação da entrada. Havia cartas verdes, brancas, amarellas e côr de rosa, segundo a entrada e collocação dos convidados. Todas as qnestões de etiqueta ficãrão reguladas entre o barão de Muritiba e o conde d'Ormesson, que se encarregou de expedir uns quatrocentos desses cartões, distribuindo-os pelo corpo diplomatico e por personagens do mundo official franceez.

« E' bom recordar aqui os termos dos convites feitos por occasião do funeral do ex-rei de Hanover. Estavão redigidos assim :

« Obsèques de S. M. George V, par la Grace de Dieu, Roi de Hanovre, prince royal de la Grande Bretagne et d'Irlande, duc de Cumberland, duc de Brunswick et de Luneburgic. etc., né á Berlin le 27 Mai 1819, décédé á Paris le 12 Juin 1879.

Église de la Redemption rue Chauchat, mardi, 18 Juin 1878, Départ de la maison mortuaire, 7, rue Presbourg, á midi très précis.»

— O dia 9 (quarta-feira) amanheceu encoberto e chuvoso; mas, apesar do máo tempo, desde as 8 horas immenso povo occupava as immedições de igreja da Magdalena, esperando o começo da cerimonia. As janellas dos cafés e restaurantes alugavão-se por preços fabulosos.

O chefe de policia municipal, M. Gaillot, dirigio o

serviço de ordem na rua, à frente de algumas centenas de guardas da paz.

Todos os leitores do *Jornal do Brazil*, mesmo os que não visitarão Pariz, conhecem, por certo, a igreja da Magdalena, uma das mais grandiosas da nossa capital. A gravura e a photographia popularisarão bastante esse bello monumento. Exteriormente, é elle um verdadeiro templo grego, periptero. A columnata, corinthia, é dupla na frontaria principal, e tem quinze metros de altura, assentando sobre um baseamento de sete metros acima do nivel da praça. Nesse peristyllo, a que se chega por vinte e oito degrãos, está o grande portal de bronze, modelado por Triquetti, e o celebre frontão, cujo tympano, esculpido por Lemaitre, representa o Juizo Final. Do alto da escadaria vê-se, atravéz da rua Royale, que lhe é perpendicular, o obelisco da praça da Concordia, e, em maior distancia, o portico da camara dos deputados, do outro lado do Sena. Interiormente, a igreja tem a fórma basilical, e, portanto, uma só nave. As paredes lateraes são divididas por columnas e arcadas, em tres vãos (*travées*) simplesmente decorativas; depois, abre-se em hemicyclo o santuario. Os tectos são formados por tres cupulas e uma meia-cupula com claraboias, unicas aberturas por onde penetra a luz. No interior, a altura até ás cupulas é de mais de trinta metros.

Para as exequias, o grande portal foi ornado com dous immensos reposteiros de luto, bordados de prata e apanhados por embraces. No centro da sanefa estavam as lettras P. II., e no alto o escudo das armas imperiaes.

O effeito da decoração interior do templo era verda-



deiramente imponente. As paredes e as columnas estavam revestidas de pannos pretos com ornamentos prateados, de desenho grego, como os da camara ardente já descripta. Numerosos escudos imperiaes, coloridos, ornavão os pannos da nave. No hemicyclo do sanctuario destacava-se, sobre fundo negro, o bello grupo de Marochetti, no altar-mór, em marmore branco. No centro da nave, cercado de numerosos e magnificos tocheiros e lampadarios, cujas luzes se misturavão com as chammas verdes de uns doze fogaréos, erguia-se o catafalco, de nove metros de altura, e sobre este o cenotaphio, sustentado por quatro cariatides de prata, e apresentando em remate uma almofada com a corôa imperial. Todo o monumento teria obra de quinze metros de altura, e era dominado por um docel, especie de zimborio suspenso, preso por comprido e forte trançado de prata á claraboia da cupula central.

Quatro immensos pannos de velludo preto, semeados de estrellas e orlados de arminho, cahião desse docel, e, formando curva, ião pender como flamulas antigas, de quatro barras de prata, ligadas pelas extremidades, e por cordões, aos quatro saimeis das duas archivoltas lateraes. No cenotaphio, e do lado da entrada principal do templo, estava applicado, como uma colcha, contrastando com todo esse apparatus de luto, um esplendido estandarte verde-amarello, de velludo, com franjas de ouro e o escudo imperial bordado a fio de seda, prata e ouro, enriquecido de pedras de côres. Esse estandarte figurou na ultima exposição universal e, segundo me disserão, foi trabalhado em Pernambuco.

Muitas corôas de flôres ornavão o monumento, e outras muitas estavam dispostas em dous immensos carros especiaes, postados na praça da Magdalena.

A's 11 horas, o vigario, monsenhor Le Rebours, acompanhado de todo o numeroso clero que ia tomar parte nas exequias, transferio o caixão da capella ardente, em que estava, no baseamento, para o catafalco. Só os parentes mais proximos e alguns amigos assistirão a este acto.

As tropas, que forão chegando pouco antes das 11 horas, trazião laços de crepe nas bandeiras e tinham os tambores forrados de luto. Erão 6.500 homens, formando uma divisão, sob o commundo do general Pallone de Saint-Mars, que tinha às suas ordens os generaes de brigada Madelon e de Saint-Julien. Compunhão-a oito batalhões de infantoria de linha, tirados dos regimentos 31, 36, 39, 76, 115, 117, 124 e 130, com os seus coroneis, bandeiras regimentaes, bandas de musica, de cornetas e baterias de tambores; quatro esquadras (cento e trinta homens cada um) dos regimentos de couraceiros ns. 3 e 6, com os seus estandartes e uma banda de musica e de clarins; um esquadrao da guarda republicana e duas baterias dos regimentos de artilharia a cavallo, ns. 22 e 31, precedidos de uma banda de clarins.

As bandeiras militares francezas trazem, desde 188), cantonados em letras de ouro, os nomes dos quatro principaes feitos d'armas em que o regimento se illustrou. O redactor-chefe da *Revue du Cercle Militaire*, nosso collaborador no *Jornal do Brazil*, teve a bondade de dar-me os nomes inscriptos nas bandeiras dos regimentos

de infantaria que estiverão representados no funeral de D. Pedro II. Transcrevo a relação:

« 31º de infantaria—Valmy, 1792.—Biberah, 1798.—Saint-Domingue, 1802.—Colla, 1843.

« 36º dito—Jemmapes, 1792.—Zurich, 1794.—Austerlitz, 1805.—Iena, 1806.

« 39º dito—Areole, 1796.—Ulm, 1805.—Friedland, 1807.—Sebastopol, 1854.

« 76º dito—Ulm, 1805.—Iena, 1806.—Friedland, 1807.—Solferino, 1859.

« 115º dito—Saragosse, 1809.—Lérida, 1810.—Tarragone, 1811.—Toulouse, 1813.

« 117º dito—Tudela, 1808.—Saragosse, 1809.—Lérida, 1809.—Saragosse 1811.

« 124º dito—Berezina, 1812.—Lutzen, 1813.—Dautin, 1813.

« 130º dito—Loano, 1795.—Burgos, 1812.—Montmirail, 1814.—Arcis-sur-Aube, 1814.»

As tropas arrumarão-se nos quatro lados da praça da Magdalena, em volta da igreja e também nas extremidades dos boulevards da Magdalena e Malesherbes; a infantaria em columnas de companhias, os couraceiros em pelotões nos angulos da igreja e a artilharia do lado da rua Tronchet.

Do alto da escadaria o espectáculo era verdadeiramente grandioso. Uma multidão immensa e compacta, contida por fileiras de policiaes e de soldados, estendia-se pela praça, pelo começo dos dous boulevards, pelos dous lados da rua Royale e praça da Concordia, até onde a vista podia alcançar. Todas as janellas e mansardas (as

casas em Pariz têm, de ordinario, sete andares) estão apinhadas, e em muitas vêem-se bandeiras francezas e brasileiras enlaçadas de crepe.

A's 11 1/2 horas chegou o coche funebre e collocou-se dentro do adro. Essa carruagem, destinada ao enterro dos grandes dignitarios do Estado, só tinha servido tres vezes: nos funeraes do cardeal Morlot, do duque de Morny e de Thiers. É um rico baldaguino, sustentado por quatro anjos de prata, guarnecido de pennachos nos angulos e encimado por um zimbório polygonal, que remata em quatro pequenos genios de prata cercando um canopo. Na parte superior deste foi collocada sobre uma almofada de velludo a corôa imperial, e, dos lados, escudos de armas. O coche era puxado por oito cavallos, inteiramente revestidos de caparações estrellados, com pennachos nas cabeçadas e guiados por oito moços de estribaria. Tanto este coche, como as outras carruagens de luto, em numero de vinte, atrelladas de quatro ou de dous cavallos, tinham nas mantas das almofadas dos cocheiros o escudo das armas imperiaes.

Ao meio-dia em ponto, a princeza D. Isabel, o conde d'Eu e seus filhos chegarão, acompanhados de alguns camaristas e damas da antiga côrte imperial.

A nave, o côro e as tribunas regorgitavão de gente, tendo sido, entretanto, impossivel enviar convites a todas as pessoas que se inscreverão no hotel, porque o não permittia a lotação da igreja, aliás uma das maiores de Pariz.

A esquerda, no sanctuario, estava Sua Eminencia o

cardeal Richard, arcebispo de Pariz. Em frente da mesa da comunhão : — á direita a princeza D. Isabel e a princeza de Joinville ; á esquerda o general Bruyère e os officiaes da casa militar da presidencia, representando o presidente da Republica Franceza (capitão de mar e guerra Jauréguiberry, tenentes-coroneis Chamdin e Dalstein, commandantes Pistor e Courtes). A' direita da princeza D. Isabel ficavão a baroneza de Muritiba, a condessa de Carapebús e as damas das rainhas e princezas presentes.

Nas tres primeiras ordens de poltronas direitas ao côro : os principes: conde d'Eu, D. Pedro de Alcantara, principe do Grão-Pará, D. Luiz, D. Antonio, duque Augusto de Saxe (genro do Imperador), D. Pedro Augusto de Saxe, conde de Aquila, D. Luiz de Bourbon, D. Felipe de Bourbon, principe de Joinville, duque de Penhièvre, duque de Chartres, conde de Bari, infante D. Antonio d'Orleans, duque de Nemours e duque d'Aumale ; Suas Magestades o duque de Castro (ex-rei Francisco II, das Duas Sicilias) e o rei D. Francisco de Assis, de Hespanha. Depois, o Sr. Emygdio Navarro, ministro de Portugal, representando o rei D. Carlos I ; o marquez de Beauvoir e o senador Bocher, representando o conde de Pariz ; o conde de Grenaud de Saint Christophe e o barão de Ebach, representando o principe reinante da Bulgaria, e o duque reinante de Saxe-Cobourg e Gotha.

Nas tribunas estavão Suas Altezas Reaes a duqueza de Chartres e a princeza Margarida d'Orléans, Suas Magestades a rainha D. Isabel II de Hespanha e a duqueza de Castro, (ex-rainha das Duas Sicilias), Sua Alteza Im-

perial e Real a condessa de Trapani, Suas Altezas Reaes a infanta D. Eulalia de Orléans e a princeza Blanche de Orléans e Suas Altezas Serenissimas o principe e a princeza de Monaco.

Nas primeiras cadeiras da esquerda do côro via-se o corpo diplomatico, de grande uniforme, faltando apenas os embaixadores da Russia (enfermo), da Allemanha (ausente), o da Inglaterra (fallecido ha dias), e as legações do Brazil, de Venezuela e do Mexico. Estavão presentes, com todo o pessoal das suas embaixadas e legações: o Nuncio, monsenhor Ferrata, o embaixador de Hespanha, duque de Mandas, e a duqueza, o de Italia, general conde de Menabrea, e a marquiza de Valdora, sua mulher; o da Austria-Hungria, conde Hoyos, e a condessa; o da Turquia, Essad Pachá; os ministros plenipotenciarios e os encarregados de negocios dos Estados-Unidos da America (Whitelaw Reid), da Inglaterra, Russia, Allemanha, Belgica, (barão Beyens), Hollanda, Dinamarca, Suecia, Portugal, Suissa, Baviera, Grecia, Romania, Servia, Monaco, S. Marinho, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua, S. Domingos, Haity, Colombia, Perú, Bolivia, Chile, Republica Argentina, Uruguay, China, Japão, Persia e Republica Sul-Africana.

Desse mesmo lado ficavão o general Brault, representando o presidente do conselho, ministro da guerra; os Srs. Bourgeois e Develle, ministros da instrucção publica e da agricultura; o conde d'Ormesson, representando o ministro dos negocios estrangeiros, o almirante Vignès, pelo ministro da marinha, e os representantes dos outros membros do gabinete; o general Rous-

seau, representante do grande chanceller da Legião de Honra; o representante do governador militar de Pariz, general Saussier; varios senadores e deputados; o prefeito do Sena, o de policia (Lozè), e muitos membros do Instituto. Cerca de 60 desses academicos trajavão o uniforme de palmas verdes. Entre os muitos presentes, citarei estes:

Da Academia Franceza: Leconte de Lisle, Édouard Hervé, François Coppée, Joseph Bertrand, Victorien Sardou, Ludovic Halévy, L. Pasteur, conde de Haussonville, Jules Claretie, almirante Jurien de la Gravière, Gréard, Alexandre Dumas, filho, Camille Doucet, Gaston Boissier, Xavier Marmier, Ernest Legouvé e duque de Broglie. -

Da Academia de Sciencias: Daubrée, Berthelot, de Quatrefages, Faye, Charcot, almirante Mouchez, Hermite, Janssen, Tisserand, Gaudry, Grandidier, Gringey, Bouchard, Henri Becquerel, Hamy, Alfred Cornu e Bouquet de la Grye.

Da de Sciencias Moraes e Politicas: Paul Leroy-Beaulieu, Emile Levasseur, G. Himly, Ernest Glasson, Frederic Passy e Lefèvre-Pontalis.

Da de Inscripções e Bellas-Lettras: Jules Oppert, Wallon, Léon Gauthier, Boislisle e Foucart.

Da de Bellas-Artes: os pintores Jérôme, Bouguereau, Henner e E. Detaille, os esculptores Barrias, Falguière e Mercié, os maestros Ambroise Thomas e Gounod e o barão A. de Rothschild.

Nunca forão vistos em um funeral tantos membros

do Instituto, disserão-me dous desses immortaes. Mui poucos faltarão, e os que deixarão de comparecer ou estavam longe de Pariz, como Maxime du Camp e Guillaume, ou enfermos, como Jules Simon e Duchartre.

Entre os outros francezes e estrangeiros de distincção, mencionarei o duque de La Rochefoucault-Doudeauville, os generaes Hartung, de Rochebouet, Boissier, Desoy, Rousseau e Beziat; os vice-almirantes barão Duperré, Coupvent-des-Bois, Charles Duperré, Perigot e Grasset; os Srs. Eugène Dufeulle, conde Albert de Mun, marquez de Bouillé, visconde de Chazelles, Guillaume Guizot, L. N. Bonaparte-Wyse, marquez de Beauvoir, princeza Aurelia Zurlo, coronel conde de Plazanet, condes de Laupesbin e de Sesmaisons, Antonin Proust, Mme. Charles Heine, Mme. Octave Feuillet, visconde de Courcy Sissen, marquez de Flers, conde de Talleyrand Perigord, monsenhor Tisac, barão Tristan Lambert, conde de Riancey e Mlle. de Riancey, barão de Saint-Priest, conde de Sartiges, barão Gustavo de Rothschild, duqueza de Valencias, principe e princeza Constantino Radzwill, Mme. Appett, Louise Abbema, E. Lockroy, Mme. Daudet filho (Jeanne Hugo), Aristarchi-Bey, barão Hely d'Oissel, barão Larrey, Léon Noel, principe de Lucinge, Napoleon Ney, Camille Flammarion, duqueza Decazes, viuva, conde de Mareuil, conde de Barral, duqueza de Hijar, principe de Wagram, marquez de Villasegura, deputado Louis Passy, barão e baroneza Edmond de Bussiére, Bertolini, conde e condessa Auguste de Pourtatès, J. Cornely, conde de Béarn, Dr. Guenaud de Moussy, marquez de Nadaillac, condessa de Nadaillac, barão e baroneza de Soubeyran,



conde de Laugier de Villars, duque e duqueza de Fozensac, duque de Valombrosa, Charles Buloz, barão Victor Taunay, de Blowitz, barão Mesnard, commandante Georges de Marchand, Auques Le Roux, Max. Leclerc, Campbell Clark, R. Crawford, Bowes, marquez e marqueza de Persan, E. Pector, E. Lourdelet, C. Pra, Amédée Prince e conde de la Tour.

De brazileiros forão-me dados estes nomes, com a prevenção de que não era possível organizar uma lista completa:—conde de Aljezur, visconde e viscondessa de Cavalcanti, Mlle. Cavalcanti, conselheiro Gaspar Silveira Martins, sua senhora e filha, conselheiro Couto de Magalhães, marechal visconde da Penha, viscondessa da Penha e D. Eugenia da Penha, conde e condessa de Carapêbus, conde e condessa de Motta Maia, barão e baroneza de Penedo, barão e baroneza de Muritiba, conde e condessa de Nova-Friburgo, conde de Villeneuve, conde de Nioac, visconde de Torres, Mme. e Mlle. Lima e Silva, barão e baroneza da Estrella, barão de Albuquerque, Eduardo Prado, F. Picot, João do Souza Dantas e sua senhora, condessa de Monteirão de Barros, Hermano Ramos, sua senhora e filhas, viscondessa de Araguaya, Mme. de Barandiaran (da familia Cavalcanti de Albuquerque), baroneza de Theresopolis, Mlles. Teixeira Leite, viuva Silva Coutinho, visconde e viscondessa de Santa-Victoria, D. Alzira Amorim, Padua Fleury, barão de Guamã e familia, baroneza de Villa Bella, A. de Sequeira, senhora e filhos, Godofredo de Escragnolle Taunay, A. C. da Silva Telles, sua senhora e cunhada, Carlos Silveira Martins, J. L. Cansansão de Sinimbú, Silva Coutinho,

Sebastião Pinto Bandeira Guimarães e senhora, Paulo Prado, Alfredo Rocha e senhora, Fernando Cavalcanti de Albuquerque, Cândido Guimarães, Panliá Calogeras e senhora, Carlos de Almeida, major Gama Costa, de grande uniforme (um brasileiro informou-me que este official servira em um batalhão de voluntarios durante a guerra do Paraguay, e fôra ha mezes deportado do Pará por motivos politicos), Eduardo Ferreira Cardoso e senhora, Theotonio de Brito, Mme. Pereira da Silva, barão e baroneza de S. Joaquim, Mme. Sizenando Nabuco, Argollo Ferrão (redactor do *Brasil*), barão e baroneza de Maia Monteiro, Dr. Marques de Sá, D. Maria Antonia de Bulhões Ribeiro, barão e baroneza de Itajubá, D. Maria Julia Marques de Sá, Mme. Andrade Pinto, Mme. C. A. de Miranda Jordão, baroneza de Inohan, visconde de Benevente, baroneza de Guanabara, Eugenio Tourinho, visconde e viscondessa de Saboia, Leopoldo de Lima e Silva, Pedro Chermont de Miranda, D. Isabel Porciuncula, A. Klingelhöfer e familia, barão e baroneza de Nioac, Alberto Fialbo, Domicio da Gama, engenheiro Augusto Teixeira, D. Laura Faro de Araujo, Alfredo de Amorim, engenheiro Antonio C. Saraiva, R. da Silva Paranhos, João da Conceição Rocha e senhora, João Luiz Tavares Guerra e familia, Mme. Gonçalves da Cunha, Mme. Braga Guimarães, Luiz de Souza Aranha, Mme. Arthur Napoleão, Eduardo Valim, Francisco Alvares da Silva Campos, Dr. Paula (mestre dos filhos da Princeza D. Isabel), capitão-tenente Napoleão Level, Luciano Valeni, Franco de Sá, 1º tenente Francisco Topin e senhora, Diogo Campbell, Dr.

Silvio de Sá Valle, conde de Araguaya, Francisco Alves Leite, J. J. Gonçalves, José Vicente de Souza, Cesario Porto, José Joaquim Moreira e outros.

A colonia portugueza de Pariz esteve representada por muitos dos seus mais distinctos membros, entre os quaes indicarão-me os Srs. Eça de Queiroz, conde e condessa de Tovar, o Dr. Figueiredo Magalhães, o visconde de Azevedo Ferreira, Cimillo de Moraes e Gaspar da Silva. Muitos estrangeiros de outras nacionalidades, que residirão no Brazil, como o Sr. Alexandre Wagner, estiverão presentes.

Os reporters que empreguei informárão-me tambem de que varias corporações e sociedades no Brazil telegrapharão, fazendo-se representar nos funeraes, mas que alguns desses telegrammas chegarão na vespera, quando não havia tempo para dar aviso e reunir os membros das comissões nomeadas. Sei que o visconde de Cavalcanti foi um dos representantes da Associação Commercial do Rio de Janeiro, que o Instituto Historico e Geographico do Brazil nomeou uma commissão composta do barão de Penedo, conde de Motta Maia e barão do Rio Branco, e que os advogados do Rio de Janeiro mandarão depositar uma corôa no tumulo do grande brasileiro que «foi garantia da liberdade civil na patria e symbolo de grandeza moral no seculo». Sei mais que o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, fez-se representar pelos Srs. Eduardo Prado e F. Picot, que a *relacção do Brazil* teve representantes seus e que os do *Jornal do Brazil* forão os Srs. João Dantas e Hugues Le Roux.

Apenas a Princesa Imperial D. Isabel chegou e tomou assento, teve cemeço a cerimonia religiosa.

Monsenhor Le Rebours, assistido de numeroso clero, celebrou então a missa cantada, e, concluida esta, Sua Eminencia o Cardeal Richard, arcebispo de Pariz, des-cendo do sólio, deu as absolvições finaes e a ultima benção.

Os excellentes cantores e musicos da Magdalena, dirigidos pelo mestre de capella Gabriel Fauré (a igreja da Magdalena é famosa pela sua musica), tinham sido reforçados com artistas do theatro da Grande Opera. Théodore Dubois, o conhecido compositor e professor de harmonia no Conservatorio, manejou o grande orgão, fazendo ouvir duas marchas funebres. Os cantores e a orchestra executarão o *Kyrie* de Beethoven, o *Sanctus* de Théodore Dubois, o *Agnus Dei* de Cherubini e o *Liberame* de Gabriel Fauré.

A' 1 hora e 25 minutos se concluirão estas solemnes exequias, cujo cemeço fôra annunciado ao meio-dia por uma salva dos celebres canhões trophéos da esplanada dos Invalidos.

O caixão, tirado do catafalco, e precedido por seis mestres de cerimonia, com calções de seda, capas, florete e chapéos armados, foi levado ao coche funebre.

Apenas assomou no portico monumental da Magdalena, ouviu-se um toque de clarim, e logo as vozes de — *portez armes—e—présentez armes*.

Os tambores e cornetas fizeram ouvir a *marcha lenta*, e, logo depois, uma das bandas de musica executou a *Marcha funebre* de Chopin. Emquanto as tropas apre-

sentavão armas, as bandeiras, como era de rigor, conservar-se abatidas.

A' 1 112 o prestito poz-se em movimento. A chuva tinha de todo cessado, mas o céu continuava encoberto e o sombrio e invernos do dia augmentava a profunda tristeza desses funeraes na terra do exilio.

Segurarão nos cordões do esquife, até á ponte da Concordia, os ex-conselheiros de Estado visconde de Cavalcanti, Gaspar Silveira Martins, Dr. José da Silva Costa e general Couto de Magalhães, os camaristas marechal visconde da Penha, conde de Nioac, conde de Carapebús, barão de Penedo, barão de Muritiba, conde de Nova-Friburgo, barão da Estrella, conde de Motta Maia, dedicado medico e amigo do imperador, e o conde de Villeneuve.

Da ponte da Concordia em diante, por decisão da Princeza, os cordões forão confiados a todos os brasileiros que acompanhavão a pé o feretro, e que até á estação se forão revezando do caminho de ferro de Orléans.

O prestito seguiu pela rua Royale, praça e ponte da Concordia, boulevard Saint-Germain, caes Saint-Bernard, praça Walhubert e caes d'Austerlitz, na seguinte ordem:

Um esquadrão da guarda republicana, precedido de batedores que trazião em punho os seus revólvers;

Uma companhia de guardas da paz (antigamente «Sergents de ville»);

Um esquadrão do 3.º regimento de couraceiros (coronel Poulot);

Uma companhia do 36.º regimento de infantaria (coronel de Pellieux) com a bandeira desse regimento.

As bandas de cornetas, tambores e musicas desses regimentos;

O general de brigada de Saint Jullien, com o seu estado-maior;

Um batalhão do 39º regimento de infantaria de linha (coronel Bourelly);

Um batalhão do 76º de infantaria (coronel Delbos);

Um esquadrão do 3º regimento de couraceiros;

O general de brigada Madelor, com o seu estado-maior; um batalhão do 36º de infantaria, com as armas em funeral, marchando a um de fundo, e formando assim duas compridas alas dentro das quaes ficavão todas as carruagens de luto.

Dentro dessas alas de infantaria:

Um mestre de ceremonias, acompanhado dos seus auxiliares, todos de capa e calções;

Dous coches de luto, puxados por quatro cavallos, conduzindo o vigario da Magdalena e outros sacerdotes;

Um mestre de ceremonias e auxiliares;

Dous grandes carros, que seguirão emparelhados e erão duas montanhas de flores, cada um delles puxados por seis cavallos caparazonados e conduzidos por outros tantos lacaios a pé;

O «Ordonnateur de la ville» (commissario superior da municipalidade, que preside aos grandes funeraes) e o seu sequito;

O coche funebre acima descripto (o caixão ia coberto pela antiga bandeira do Brazil, e sobre elle via-se apenas uma corôa de perpetuas, que Mr. Egerton, encarregado

dos negocios da Inglaterra, depositara por ordem da rainha Victoria);

Tres mestres de ceremonias seguidos de varios officiaes de capa, levando sobre coxins de velludo as condecorações do morto);

A deputação do Instituto de França, uma outra dos professores do Museu de Historia Natural e um grupo de brazileiros que ião revezar-se na guarda dos cordões do esquife, (alguns carregadores levavão dous immensos ramos de uma palmeira do Brazil, aos quaes estava presa larga fita roxa com as palavras —Le Museum d'Histoire Naturelle);

Dous coches de luto puxados por quatro cavallos, conduzindo a princeza D. Isabel, o conde d'Eu, seus filhos e o principe D. Pedro Augusto;

A carruagem do presidente da Republica Franceza, com o general Brugère e tres officiaes da casa militar do presidente;

Logo atraz muitas pessoas a pé, homens e senhoras;

Uns vinte coches de luto, a dous cavallos, conduzindo principes parentes, cavalheiros e damas do sequito do Imperador e dos principes; numerosas carruagens de ministros de estado ou seus representantes, do corpo diplomatico e de muitos dos convidados;

O general de divisão Palloue de Saint-Mars, com o seu estado-maior;

Um batalhão do 31º regimento de infantaria de linha (coronel Ganot);

Outro do 117º de linha (coronel Chaumont);

Outro do 115º de linha ( coronel Godarde );  
Um do 124º de linha ( coronel Guasco );  
Um do 130º de linha ( coronel Goulon );  
Duas baterias do 22º e do 31º regimentos de artilha-  
ria a cavallo;

Dous esquadrões do 6º regimento de couraceiros (co-  
ronel Marquez Thibault de la Rochethulon );

Um esquadrão de guardas de paz.

No grupo que seguia a pé, logo atraz do coche fune-  
bre, atrahira todos os olhares um preto de cabellos in-  
teiramente brancos, correctamente vestido de casaca, e  
que caminhava isolado na frente da primeira linha. Dis-  
serão-me que reside em Pariz e que em sua mocidade  
fôra criado do Imperador. Tambem chamavão muito a  
atenção o brilhante capacete do principe Orloff, addido  
militar russo, os uniformes de dous officiaes cossacos e  
os alamares e medalhas de campanha do major brasileiro  
Gama Costa, antigo voluntario do Paraguay. Erão esses  
os unicos officiaes estrangeiros que acoinhavão a pé.  
Os outros addidos militares, assim como os embaixado-  
res, ministros e secretarios, tinham tomado as suas car-  
ruagens.

Os bordados verdes dos uniformes do Instituto  
appareção a cada passo no numeroso sequito.

Na rua Royale, alguns populares, reconhecendo o  
uniforme do principe Orloff e dos cossacos, soltarão o  
grito da moda— Vive la Russie! —Mas foi esse o unico  
incidente em todo o longo trajecto de quasi seis kilome-  
tros, sendo summamente respeitosa e sympathica a  
attitude dos trezentos mil, ou mais, parizienses e estran-



geiros que formarão alas e se descobrirão á passagem do grande brasileiro.

O photographo Paul Nadar tomou a vista da praça da Concordia no momento em que o coche funebre passava, mas o local não foi bem escolhido, porque o objectivo apenas podia apanhar pequeno espaço. Melhor posição teria sido o peristylo da camara dos deputados, donde a vista domina a ponte e praça da Concordia e toda a rua Royale até á Magdalena.

Em todo o percurso estavam as janellas e os largos passeios das ruas apinhados de povo. Todas as elevações eram aproveitadas. Via-se immensa gente nos terraços do jardim das Tulherias, nos bordos dos tanques da praça da Concordia, nas muralhas dos cães, nos bancos de ferro e nas arvores do boulevard Saint-Germain, em escadas de mão encostadas ás paredes, nas almofadas dos carros de praça e nos tejadilhos dos omnibus. Em Paris não é permittido atravessar um prestito funebre, e este, com as tropas que o precedião e seguião, occupava quasi todo o comprimento do boulevard Saint-Germain, que tem mais de tres kilometros. Ficarão, por isso, retidos innumerous vehiculos nos pontos de encontro das ruas transversaes de mais transitio, como as do Bac, Saint-Pères, Bonaparte, Rennes, Tournon e boulevard Saint-Michel. O correspondente do *Daily Telegraph* disse com razão que a affluencia de povo parecia tão grande como nos funeraes de Victor Hugo.

A escadaria monumental da camara dos deputados estava coberta de espectadores, pela maior parte deputados que havião deixado a sala das sessões; e foi impres-

sivo e solemne o aspecto d'esse amphitheatro de quinhentos ou seiscentos homens, cujos chapéos se abaixarão ao mesmo tempo. Pelas visinhanças do boulevard Saint-Michel até á praça Maubert era a mocidade das escolas que preponderava na multidão. D'ahi em diante, até ao Jardim das Plantas e á Estação de Orléans, o publico compunha-se principalmente de pequenos negociantes e operarios.

O coche funebre deteve-se na esquina da rua Sauvage, junto á entrada do grande pateo das Messageries, na estação de Orléans, e os membros da familia, os representantes do presidente Carnot, dos ministros e do Instituto de França, os membros do corpo diplomatico e muitos dos convidados agrupárão-se nesse lugar para esperar as ultimas continencias militares.

A Prínceza D. Izabel collocou-se na frente, tendo a seu lado o Conde d'Eu e o príncipe D. Pedro de Alcantara, seu filho mais velho.

As tropas que havião precedido o feretro já tinham tomado posição em frente ao boulevard de la Gare. As outras atravessárão a ponte de Austerlitz, seguirão o caes de la Rapée e voltárão á margem esquerda pela ponte de Bercy, reunindo-se ás da vanguarda.

Até então tinham caminhado lentamente, como é de estylo aqui, nos funeraes. Agora desfilavão em marcha accelerada, quasi a passo de carga, com todo o garbo militar, ao som das musicas marciaes e do rufar dos tambores, misturado aos toques das cornetas e dos clarins. Passárão primeiro os oito batalhões de infantaria, depois a artilharia, e por ultimo a cavallaria da guarda republi-

cana e os couraceiros. Os generaes e os coroneis dirigião com as espadas a ultima saudação ao morto, as bandeiras abatião-se ao passar, e cada vez que passava uma bandeira todas as cabeças se descobrião.

O general Pollone de Saint-Mars tinha-se collocado a pequena distancia do coche funebre, junto á muralha do caes. Quando, ás 4 horas e um quarto, terminou a marcha em continencia de todas as tropas que commandava, aproximou-se elle do feretro, com o seu estado-maior, fez com a espada o cumprimento militar ao morto e foi fazel-o á Princeza, antes de ir de novo pôr-se á frente da divisão, que pouco adiante dispersou, mandando que cada corpo voltasse aos seus quartéis.

O coche funebre penetrou então no pateo das Messageries, onde um vagão estava armado em capella ardente. O caixão foi ahí collocado, e, depois das preces, feitas por monsenhor Le Rebours e pelo padre Panis, as pessoas presentes apresentarão os seus respeitos á Princeza e aos principes.

A Princeza pediu ao general Bruzire que dissesse ao presidente Carnot quanto ella ficava penhorada pelas demonstrações publicas de apreço a seu pai e pelos testemunhos de apreço que ella recebera do governo. Essas declarações forão repetidas no dia seguinte ao ministro dos negocios estrangeiros pelo barão de Penedo, que recebeu da princeza esse encargo, e o *Temps* e outras folhas ministeriaes publicaráo a seguinte noticia :

« A Condessa d'Eu fez apresentar ao governo francez a expressão dos seus agradecimentos pelo brilho de que elle cercou as exequias do Imperador do Brazil.»

Os representantes do presidente Carnot e dos ministros estiverão na estação até ao ultimo momento, assim como o ministro portuguez, conselheiro Emygdio Navarro.

O Sr. Daubrée, do Instituto, tinha escripto um discurso, mas a Princeza pediu-lhe que não o lesse, porque outras pessoas poderião querer fallar e ella não desejava manifestações. O discurso será lido na proxima sessão da Academia das Sciencias.

Esqueci dizer em seu lugar que, no dia 7, essa academia levantou a sessão em signal de pezar, se bem que não costumasse faze-lo por occasião da morte dos seus membros estrangeiros. O presidente, Duchartre, pronunciou então palavras muito sentidas.

A 7 1/2 da noite o trem especial que devia conduzir a Lisboa o corpo de D. Pedro II estava alinhado no caes da sahida. Compunha-se de varios wagões-leitos, de tres salões, um wagão-capella, dous fourgons de flores e outros de bagagem.

A essa hora ainda chegavão corôas de flores.

O conde d'Eu agradeceu ao Sr. Heurteau, director da Companhia de Orleans, e aos membros do conselho de administração as excellentes disposições que tinham tomado.

Achavão-se na estação, além da princeza de Joinville e do velho duque de Némours, unã tresentos brazileiros e francezes.

A's 8 em ponto partio o comboio, seguindo nelle a princeza D. Isabel, o conde d'Eu, os principes D. Pedro de Alcantara, do Grão-Pará e D. Pedro Augusto de Saxe, a

baroneza de Muritiba, D. Eugenia da Fonseca (filha do marechal visconde da Penha), o visconde de Cavalcanti, o conselheiro Silva Costa, os condes de Aljezur e de Motta Maia, os barões de Muritiba e de Estrella, o secretario da legação portugueza em Pariz (conde de Azevedo da Silva) e os Srs. Dr. José Paranaguá, Dr. João de Souza Dantas, Dr. Godofredo de Escragnole Taunay, Dr. Paulo Prado, Dr. Cansação de Sinimbú, Sebastião Guimarães, Alfredo Rocha, barão de Nioac, Pandiá Calogeras, barão de Maia Monteiro, barão de S. Joaquim, quatro padres e o director da empresa funeraria Bornil, com o pessoal necessario.

O principe Albrecht da Prussia, seguido de numeroso sequito, passou por Pariz no dia 10 para ir representar seu irmão, o imperador da Allemanha, nos funeraes em Lisboa.

Na manhã de 10 o trem imperial entrou no territorio hespanhol; na de 11 chegou a Madrid e hoje a Lisboa, sendo recolhido o corpo do grande Imperador á igreja de S. Vicente de Fóra, em que descansão os restos dos seus antepassados e os da Imperatriz D. Thereza Christina.

Por toda a parte, segundo os telegrammas, recebeu o illustre brasileiro as mesmas honras officiaes e demonstrações publicas de respeito que lhe forão tributadas em França.

FERDINAND HEX.

